

ERICA ALESSANDRA FERNANDES ANICETO

**A LINGUAGEM DA PERIFERIA: CONSTRUÇÃO
DE IDENTIDADES POR ALUNOS DE EJA DE UMA
ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2011

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

T

A597a
2011

Aniceto, Erica Alessandra Fernandes, 1978-

A linguagem da periferia : construção de identidades por
alunos de EJA de uma escola pública / Erica Alessandra
Fernandes Aniceto. – Viçosa, MG, 2011.
viii, 155f. ; 29cm.

Inclui anexos.

Orientador: Wânia Terezinha Ladeira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 99-105

1. Antropologia linguística. 2. Linguística aplicada.
3. Identidade - Aspectos sociais. 4. Identidade (Psicologia).
5. Sociolinguística. 6. Etnometodologia. 7. Educação de
adultos. I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 306.44

ERICA ALESSANDRA FERNANDES ANICETO

A LINGUAGEM DA PERIFERIA: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES POR
ALUNOS DE EJA DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do Programa de Pós-
Graduação em Letras, para obtenção do
título de *Magister Scientiae*.

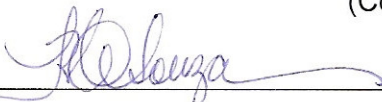
APROVADA: 2 de março de 2011.



Profª. Maria do Carmo Leite de Oliveira



Profª. Ana Maria Ferreira Barcelos
(Co-orientadora)



Profª. Dra. Rita de Cássia de Souza



Profª. Wânia Terezinha Ladeira
(Orientadora)

*Dedico este trabalho a Maria Alice da Cruz
Fernandes Aniceto (in memoriam), minha
mãe, minha conselheira, minha protetora,
meu anjo da guarda.*

AGRADECIMENTOS

Como disse o poeta Vinícius de Moraes, “a gente não faz amigos, reconhece-os”. Ao fim dessa empreitada, não posso deixar de agradecer aquelas pessoas a quem eu admiro, e, nas quais, de diversas maneiras, me espelho, procurando ser um ser humano melhor. Cada uma delas fez parte, direta ou indiretamente, desta conquista, e muito contribuíram para o meu crescimento, seja ele acadêmico ou pessoal. Assim, não posso deixar de expressar minha profunda gratidão:

- A Deus, que me guia e orienta em todos os momentos.
- Ao meu pai, exemplo de caráter e hombridade, por quem tenho um amor incondicional. Agradeço pelo incentivo, apoio, credibilidade e por ter estado sempre ao meu lado.
- Aos queridos alunos da escola pesquisada, que contribuíram para a realização deste trabalho. Graças a eles, sempre disponíveis e solícitos, pude concluir minha pesquisa.
- À Alexandra Santos, uma das maiores responsáveis pela concretização deste projeto. Agradeço pelo apoio, ajuda e conselhos. Você foi fundamental!
- À Wânia Ladeira, orientadora e amiga, que me apresentou o universo da Etnometodologia, me apontou novos horizontes e me ensinou a ser uma pesquisadora! Você é meu grande exemplo!
- Aos meus professores de mestrado, em especial à Maria Carmen Aires Gomes, por terem ampliado meus conhecimentos e contribuído de forma relevante com a minha formação profissional.
- Aos colegas do mestrado que colaboraram para meu crescimento acadêmico e pessoal, em especial Luciene Dias e Fabiano Ramos, meus AMIGOS amados.
- Aos meus irmãos Marcos, Róger, Júlio, Gizele e Artur, que sempre acreditaram no meu potencial e me incentivaram a seguir em frente. Também agradeço a Carol, Fred e Flávia, irmãos de coração!
- Aos sobrinhos Silas, Aninha, Lorena e Lucas, por existirem. Como diria Nando Reis, “Não sei se o mundo é bom, mas ele ficou melhor depois que *vocês chegaram*”.
- Aos amigos Gilmar Bueno e Olívia Coimbra Sallum, presentes que ganhei na graduação e levarei sempre comigo!
- Aos amigos Flavinho, Polliana, Douglas, Luciene, Marcela, Mariana e Willerson, que estiveram sempre por perto.
- Aos funcionários da escola pesquisada, em especial Dorinha e Edir, que sempre colaboraram com minha pesquisa, disponibilizando salas para as entrevistas, cobrindo minhas ausências... São pessoas que acreditaram em mim.

Agradeço também:

- À banca examinadora do meu trabalho, composta pelos professores Maria do Carmo Leite de Oliveira, Ana Maria Barcelos, Rita de Cássia Souza e Daniela Alves de Alves.
- À UFV – Programa de Mestrado em Letras, que, através de seus professores e funcionários, proporcionou o desenvolvimento deste trabalho.
- À Adriana Santana Gonçalves, secretária do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras da UFV, por ter sido sempre tão solícita e atenciosa comigo em todos os momentos em que precisei da sua atenção.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	1
II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	5
2.1. A Análise da Conversa Etnometodológica.....	5
2.1.1. A interação face a face.....	7
2.1.2. Organização da conversa.....	8
2.1.3. Sequencialidade, adjacência e preferência.....	10
2.1.4. A organização da tomada de turnos na fala-em-interação.....	11
2.1.5. A organização de Reparo.....	14
2.1.6. A construção de <i>self</i> em interação.....	15
2.1.7. Categorias de Pertencimento.....	19
2.2. A Construção de identidades através da linguagem.....	22
2.2.1. Linguagem e relações de poder em interação.....	25
2.2.2. Os <i>outsiders</i> , o estigma e o gueto.....	27
2.2.3. Processo de guetificação.....	29
III. MATERIAIS E MÉTODOS.....	31
3.1. Natureza da pesquisa.....	31
3.1.1. Estudo de caso.....	32
3.1.2. Estudo de caso único e múltiplo.....	34
3.2. Perspectiva Etnometodológica de Pesquisa.....	35
3.2.1. Experiência da pesquisadora na escola	37
3.2.2. Autoetnografia.....	39
3.3. A escola.....	40
3.3.1- Descrição do alunado.....	41
3.4. Instrumentos de coleta de dados.....	43
3.4.1. Grupo Focal.....	43
3.4.2. A fala-em-interação no grupo focal.....	46

IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
4.1. Transcrição de fala	48
4.1.2. Convenções de Transcrição Jefferson.....	50
4.2. Rotulação na escola	52
4.2.1. Rotulação na comunidade.....	56
4.2.2. Fazendo compras.....	61
4.2.3. A experiência de morar em um bairro pobre.....	64
4.2.4. Relação dos jovens com a polícia.....	67
4.2.5. Perspectivas de futuro.....	87
4.3. Assumindo a identidade de <i>outsider</i>	90
4.3.1. Alunos da EJA como outsiders.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	106
Anexo A.....	107
Anexo B.....	108
Anexo C.....	109
Anexo D.....	110
Anexo E.....	112

RESUMO

ANICETO, Erica Alessandra Fernandes, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2011. **A linguagem da periferia: construção de identidade por alunos de EJA de uma escola pública.** Orientadora: Wânia Terezinha Ladeira. Coorientadoras: Ana Maria Ferreira Barcelos e Daniela Alves de Alves.

Partindo da premissa básica de que a linguagem é uma forma de ação social, o objetivo central deste estudo é analisar como alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública localizada em um bairro periférico de uma cidade do interior de Minas Gerais constroem e assumem as suas identidades sociais. Embasados em teorias da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) e da Sociolinguística Interacional (SI), analisamos as escolhas linguístico-discursivas desses alunos, observadas a partir da fala-em-interação em grupos focais, para verificar como esses estudantes demonstram pertencimento a determinadas categorias sociais. Para coleta de dados, utilizamos a técnica do grupo focal, através da qual os discentes narram a experiência de morar em um bairro periférico. Após uma minuciosa transcrição dos dados gerados nos encontros com os estudantes, feita de acordo com a proposta da ACE, fizemos uma análise baseada no conceito de Categorização de Membros, de Sacks (1992). Uma vez que os processos de categorização estão em uso e negociações constantes, revelamos, assim, a ação discursiva dos estudantes, durante interações entre si, para a construção de suas identidades por meio de autocategorização e categorização. Os resultados desta pesquisa apontam a orientação dos participantes durante a interação, os quais constroem, através da fala, a identidade de *outsiders*, ratificando o rótulo que lhes é atribuído por aqueles que ocupam posições de prestígio e poder e que se reconhecem como a “boa sociedade”, os quais chamaremos de *estabelecidos*, assim como Elias e Scotson (2000). Ao se categorizarem como desviantes, os estudantes de EJA demonstram perceber o lugar deles na cidade pesquisada, mas, muitas vezes, não aceitam passivamente tal rótulo, o que gera relatos de uma relação conflituosa entre esses jovens e os estabelecidos. Assim, ao concluir que, através da categorização de membros, os estudantes constroem e assumem a identidade de *outsiders*, demonstramos que o trabalho de descrição e de categorização de membros é bastante pertinente para o estudo da construção de identidades sociais.

ABSTRACT

ANICETO, Erica Alessandra Fernandes, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2011. **The language from periphery: Identity construction by students of an adult education program at a public school.** Advisor: Wânia Terezinha Ladeira. Co-advisors: Ana Maria Ferreira Barcelos e Daniela Alves de Alves.

Starting from the premise that language is a form of social action, the main aim of this study is to examine how students of an Adults Education Program (AEP), from a public school located in a peripheral neighborhood of a city in Minas Gerais, build and take their social identities. Grounded in theories of Ethnomethodological Conversation Analysis (ECA) and in Interactional Sociolinguistics (IS), we analyze the linguistic and discursive choices of these students, observed from the talk-in-interaction in a focus groups, to identify how these students demonstrate membership in certain social categories. To collect the data, we used a focus group, through which students narrated their experiences of living in a peripheral neighborhood. After a detailed transcript of the data generated in the meetings with students, which was done according to the proposal from ECA, we analyzed it based on the concept of Sacks' Membership categorization (1992). Since the categorization processes are in use and in constant negotiations, we revealed, thus, students' discursive action, during interactions with one another, to build their identities through self-categorization and categorization. The results of this research indicate participants' orientation throughout the interaction, building, through speech, the identity of outsiders, ratifying the label assigned to them by those who occupy prestigious positions of power and by those who recognize themselves as the "good society", as Elias e Scotson (2000). By categorizing themselves as deviant, the participants seem to perceive their place in the city surveyed, but, they do not often accept this label passively: this generates reports of a conflictual relationship between these young people and the members of the so-called "good society". Thus, we conclude that through membership categorization, students build and assume the identity of outsiders, and that a description and categorization work is quite relevant to the study of the construction of social identities.

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerando que é por meio da linguagem que o homem interage com os outros e com o mundo e que a língua não existe fora dos contextos discursivos em que os falantes estão inseridos, construindo, assim, uma interrelação com a sociedade, na tentativa de realizar um estudo diferenciado e inovador, esta pesquisa apresenta relevância na área de Estudos Linguísticos e Sociais, uma vez que se propõe a investigar a linguagem em contexto de interação face a face e a relacionar as escolhas linguístico-discursivas dos atores sociais com construção de identidade e categorização de pertencimento.

Assim, admite-se que a linguagem seja o ponto de partida para o estudo que pretende mostrar como a identidade é construída em situações de interação, considerando que os processos de categorização de membros estão em uso e negociações constantes, revelando, dessa forma, como estudantes de Educação de Jovens e Adultos (EJA) constroem, durante interações entre si, suas identidades por meio de autocategorização e categorização, e também como esses jovens categorizam a comunidade em geral.

Desse modo, no campo de estudos sobre a construção social da identidade, a Análise da Conversa, através da perspectiva da ACP (Análise de Categorias de Pertença), pode ser uma boa ferramenta para analisar como jovens estudantes da EJA se categorizam e como categorizam e atribuem rótulos à comunidade de *estabelecidos*, a qual, segundo eles, não os aceita como membros. Nessa perspectiva, a presente pesquisa se mostra de extrema importância para o campo de estudos linguísticos, uma vez que pretende contribuir com um estudo inovador no que tange à análise de escolhas linguístico-discursivas de jovens estudantes de EJA, propondo uma avaliação qualitativa e interpretativa da relação entre a linguagem desses estudantes e o meio em que atuam como atores sociais, disponibilizando ao meio acadêmico novas perspectivas e olhares sobre um tema instigante e original.

A proposta de pesquisar as escolhas linguístico-discursivas durante interações entre alunos de EJA surgiu a partir de anos de observação¹ da linguagem dos estudantes matriculados nessa modalidade de ensino em uma escola pública e também porque o estudo da construção de identidade na perspectiva da Análise das Categorias de

¹ Fiz parte do corpo docente da escola pesquisada durante, aproximadamente, 10 anos, e sempre me via intrigada ao observar os relatos de grande parte dos alunos da EJA.

Pertença é ainda bastante recente no Brasil. Pesquisadores como Pedro Garcez (UFRGS), Ana Cristina Ostermann (UNISINOS) e Alexandre do Nascimento Almeida (UFCSPA) vem abordando este tema em seus trabalhos, porém, uma análise etnometodológica que considere as estratégias de categorização utilizadas para a construção de identidade de estudantes de EJA de uma escola pública através do discurso da fala-em-interação é inovadora.

O principal fator que nos motivou a iniciar este estudo é o fracasso escolar de alguns estudantes da EJA. Observa-se que tal fracasso, muitas vezes, pode ser consequência de abordagens educacionais inadequadas para esse grupo, que já possui um vasto conhecimento de mundo, mas não consegue adequar-se ao sistema tradicional de ensino, o qual parece estar defasado e inapropriado para estudantes de cursos de Educação de Jovens e Adultos. A partir de resultados de um estudo aprofundado da fala-em-interação desses estudantes, teremos a possibilidade de conhecê-los melhor e, futuramente, proporcionar novas perspectivas de discussão acerca de alternativas para o ensino desse público.

Dentre as várias áreas que abrangem o estudo da língua, é pertinente destacar, nesta pesquisa, a Linguística Aplicada (LA), que é a área da Linguística que prioriza a investigação sobre as questões de uso da linguagem que serão encontradas na prática pedagógica ou em qualquer outro contexto social, procurando intervir e trazer soluções práticas para os problemas que porventura forem detectados. Porém, os estudiosos dessa área inovadora ainda enfrentam certa resistência por parte da linguística tradicional – dita teórica ou descritiva – a qual, segundo Rajagopalan (2008), encontra-se em “estado de falência múltipla” (RAJAGOPALAN, 2008, p. 150), por desconsiderar o contexto social nas pesquisas envolvendo linguagem.

Na contramão da linguística tradicional, vários linguistas aplicados enxergam em suas atividades uma dimensão política e trabalham conscientes de que, ao propor suas análises, podem intervir na realidade, trazendo benefícios para a sociedade, pois “não basta se contentar com uma análise linguística, *stricto sensu*, sem se preocupar com a natureza social do fenômeno linguístico” (RAJAGOPALAN, 2008, p. 163).

Assim, aos poucos e com certa resistência por parte de alguns pesquisadores, vem surgindo uma nova postura em que o estudo da linguística é voltado para questões práticas, o que não significa a aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a teoria de modo diferente, sem perder o foco de que a pesquisa em linguística deve ser relevante para a sociedade em geral. A linguística aplicada vem tentando desempenhar

um importante papel de luta, na qual o linguista aplicado é visto como um cientista social que executa um papel ético e político, contribuindo para a melhoria das condições de vida, especialmente dos setores marginalizados da sociedade.

Desse modo, ao propor um estudo da identidade dos alunos da EJA de uma escola pública, podemos inserir a presente pesquisa dentro da proposta da LA, pois pretendemos contribuir para os estudos teóricos da área e, também, sugerir, posteriormente, intervenções práticas para tentar solucionar os problemas existentes no ensino desses jovens.

Nessa perspectiva, objetivamos analisar as escolhas linguístico-discursivas de estudantes da referida escola, durante interações entre eles, a fim de entender a relação entre certas escolhas linguístico-discursivas feitas em interações cotidianas e a identidade social de quem as usa. Para isso, nos apoiaremos em teóricos de diversas áreas das Ciências Humanas, como Erving Goffman (2008a, 2008b), Howard Becker (2008), Elias & Scotson (2000), Velho (1981), Strauss (1999), Alain Coulon (1995a, 1995b), Harvey Sacks (1992), entre outros, a fim de nos auxiliar na investigação dos seguintes questionamentos:

- a) Como os alunos da EJA constroem a identidade social em situação de interação?
- b) Como esses alunos revelam as suas identidades durante o processo de fala-em-interação?
- c) A quais categorias de pertencimento os estudantes se reconhecem e se classificam?

Com o presente estudo, objetiva-se analisar a fala-em-interação de um grupo de alunos matriculados na EJA de uma escola municipal localizada em um bairro periférico de uma cidade do interior de Minas Gerais, em situações de interação entre eles, relacionadas com a construção social de identidade.

Como objetivos específicos se estabelecem:

- a) Verificar as escolhas linguístico-discursivas ou atributos que remetem à categorização identitária durante interações entre os estudantes.
- b) Observar, na fala dos alunos, ações ou atividades relacionadas à categorização identitária.

- c) Descrever, através da Análise da Conversa, quais são as categorias que os estudantes da EJA assumem para si, através da autocategorização e categorização de pertencimento, bem como quais são os rótulos que eles atribuem à comunidade de estabelecidos da cidade pesquisada.
- d) Observar como os estudantes da EJA se categorizam a partir dos rótulos que percebem receber do outro.

Os dados primários foram compilados a partir do mapeamento de atributos e atividades que remetem a categorizações empregadas pelos estudantes, observadas a partir de gravação de interações em grupos focais, tendo a pesquisadora como mediadora e observadora participante.

O próximo capítulo apresenta uma revisão bibliográfica, na qual fazemos um panorama sobre as relações entre linguagem e identidade e linguagem e poder; conceitos de *outsiders*, *estabelecidos* e os processos de estigmatização na vida cotidiana; conceitos relacionados à fala-em-interação, a partir da perspectiva da Análise da Conversa e da Sociolinguística Interacional; noções de Categorização de Membros e a discussão destes conceitos voltados para a construção de identidade de alunos de EJA de uma escola pública. Na sequência, o capítulo 3 traz a metodologia do estudo, o contexto da escola pesquisada, assim como os procedimentos adotados no trabalho de campo, na análise de dados e na redação desta pesquisa. Logo após, temos o capítulo de análise, em que descrevemos o processo de fala-em-interação dos estudantes durante os grupos focais e fazemos uma análise detalhada, revelando de que forma, através do processo de categorização de membros, as identidades dos estudantes são coconstruídas em situações de interação e o que isso revela acerca da negociação de identidades sociais do grupo pesquisado. Finalmente, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, serão apresentados os suportes teóricos que embasarão a presente pesquisa. Inicialmente, faremos uma explanação sobre as relações entre linguagem e identidade, bem como entre linguagem e poder. A seguir, discutiremos Análise da Conversa, a interação face a face, a organização da conversa, a noção de Categorização de Membros e, finalmente, apresentaremos algumas considerações a respeito dos conceitos de identidade, *outsiders*, *estabelecidos* e os processos de estigmatização na vida cotidiana.

2.1. A Análise da Conversa Etnometodológica

A conversação é a prática social mais comum no cotidiano do ser humano, além de desenvolver um espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real e exigir uma grande coordenação de ações que exorbitam em muito a habilidade linguística dos falantes (MARCUSCHI, 1991, p. 5). Assim, ao realizar Análise de Conversa, é importante que o pesquisador considere, além dos aspectos linguísticos, o contexto sócio-histórico em que a fala é produzida, pois fatores de ordem étnica, cultural, social, pessoal, institucional, situacional e emocional estão diretamente ligados à construção da identidade e influenciarão intensamente a construção de atividades de fala, que acontecem sempre em situações sociais e interacionais.

De acordo com Goffman (2002a [1974], p. 17), a situação social acontece quando dois ou mais indivíduos se encontram face a face e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado. Nessa perspectiva, o autor define a situação social como “um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante” (id, *ibid*, grifo do autor). Dessa maneira, Pereira (1997) sustenta que o contexto social é indispensável para o entendimento do discurso e para a definição da identidade social. Assim, a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) estuda a interação linguística entre falante e ouvinte que gera a construção de ação conjunta.

Nos anos 60, Harvey Sacks propôs a Análise da Conversa com base na Etnometodologia e na Antropologia Cognitiva. Segundo Marcuschi (1991), a ACE teve como norte “o princípio básico de que todos os aspectos da ação e interação social

poderiam ser examinados e descritos em termos de organização estrutural convencionalizada ou institucionalizada” (MARCUSCHI, 1991, p. 6). Gumperz² (1982) apud Marcuschi (1991, p. 6) sustenta que “a Análise da Conversa deve preocupar-se, sobretudo, com a especificação dos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e sócio-culturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida”.

Garcez (2008) define a ACE como “uma tradição de pesquisa de origem anglo-norte-americana, de extração eminentemente sociológica, voltada para o estudo da ação social humana situada no espaço e no decorrer do tempo real” (p. 17). Segundo o autor (ibid, p. 20), “a conversa cotidiana é a pedra fundamental da socialidade”, e é com base nessa conversa espontânea que a ACE se estrutura, interessando-se pela articulação dos métodos de ação humana durante a conversação, como, por exemplo, atribuir responsabilidade, explicar-se, iniciar reparo etc, de acordo com as perspectivas dos participantes da ação. Sintetizando, a ACE analisa as ações sociais, levando em consideração a linguagem durante a interação. Assim, por meio do comportamento dos participantes, Garcez (2008) chama a atenção para a perspectiva êmica³ dos falantes durante a interação. Desse modo, cabe ao analista da conversa observar o comportamento, os motivos, as razões e condutas dos atores sociais no decorrer da interação.

De acordo com a ACE, os participantes da conversa estão atentos aos turnos e avaliando as ações, através de um fenômeno denominado *accountability*, uma prestação de contas que se mostra necessária quando pode haver dúvidas no que diz respeito ao caráter racional, razoável da conduta de um membro. Assim,

quando os participantes avaliam que podem pairar dúvidas sobre a propriedade do que eles estão dizendo/fazendo, observa-se que eles efetivamente ‘se explicam’, prestam contas da sua conduta, mediante ações como justificativas, pedidos de desculpas e explicações, entre outras (GARCEZ, 2008, p. 27, grifo do autor).

Garcez (ibid) ainda sustenta que “a unidade analítica em ACE é a ação, a ação social humana” (p. 28). Desse modo, a ação se completa quando há entendimento na sequencialidade da conversa por parte dos atores sociais, e isso se dá por meio das

² GUMPERZ, John J. **Discourse strategies**. Cambridge , Cambridge University Press, 1982.

³ Por perspectiva êmica entende-se “a perspectiva dos participantes sobre as ações conforme eles a demonstram uns para os outros” (GARCEZ, 2008, p. 24).

tomadas de turno, sendo que tal sequência é dependente do contexto imediato da produção, de acordo com a relevância daquele momento. Nesse sentido,

os participantes precisam sempre se valer do andamento sequencial da fala-em-interação para tomarem um turno de fala, o fazem sempre em relação ao que é relevante aqui-e-agora da conjuntura interacional, nisso revelam suas perspectivas do que foi feito antes e submetem esses entendimentos ao escrutínio dos interlocutores, o que pode efetivamente resultar em nova perspectiva conjunta, co-construída naquele aqui-e-agora interacional, justamente um dos grandes elementos produtivos do uso da linguagem, de natureza também indicial (GARCEZ, 2008, p. 30).

Dessa maneira, pode-se afirmar que a ação humana é construída pelos participantes durante a conversa cotidiana “à medida que os participantes da ação convergem para um entendimento comum quanto à ação proposta, refletida e aceita (ou reparada e aceita)” (GARCEZ, 2008, p. 30, grifo do autor). Considerando que a conversa cotidiana, além de organizada, é essencial na vida de qualquer pessoa, o analista da conversa deve “articular como resultam as ações individuais para todos os efeitos práticos, o que para os participantes da fala-em-interação significa, necessariamente, lidar com o outro para produzir ação conjunta” (GARCEZ, 2008, p.33).

2.1.1. A interação face a face

Conforme já foi explicitado anteriormente, um ato de linguagem é um ato social, pelo qual os membros de uma determinada comunidade se interagem, e é na interação cotidiana, face a face, que é possível perceber isso. Bange⁴ (1983), apud Koch (2007), afirma:

Se é externo que “falamos através de textos”, isto é, se os discursos constituem de fato o objeto adequado da linguística; se, de outro lado, admitimos que a língua é o meio de resolver os problemas que se apresentam constantemente na vida social, então a *conversa* pode ser considerada a forma de base de organização da atividade de linguagem, já que ela é a forma da vida cotidiana, uma forma interativa, inseparável da situação (BANGE, 1983, p. 3 apud KOCH, 2007, p. 75)

⁴ BANGE, P. Points de vue sur l'analyse conversationnelle. DRLAV 29 - **Communiversion**. Paris, 1985. Pp. 1-28.

Nessa perspectiva, Anselm L. Strauss (1999, p. 70) define a interação face a face como “um processo fluido, móvel, ‘corrido’; durante seu curso, os participantes tomam sucessivas atitudes um com relação ao outro. Ora eles tergiversam, ora se movem num balé psicológico rítmico, mas sempre se movem por fases sucessivas de posição” (grifo do autor). Assim, podemos afirmar que a interação face a face tem um caráter dialógico, em que os interactantes trocam informações e se comunicam. Para transmitir suas mensagens e interpretar as que recebem, os interactantes lançam mão de uma infinidade de símbolos, gestos e pistas, verbais e não verbais.

Strauss (ibid) ainda afirma que “a interação se processa entre pessoas que, cada uma por sua vez, desempenham um papel ou ocupam um *status*” (p.70), ou seja, ao observar o curso e o contexto da interação, os participantes se alinham, observando “o que é necessário com respeito ao *status* de cada um e executam a linha de ação necessária ou escolhida” (idem, ibidem).

Então, de acordo com Jung (2009),

[o]s elementos característicos que diferenciam o uso da linguagem falada do uso que acontece nos contextos escritos são copresença, visibilidade, audibilidade e instantaneidade, que refletem o imediatismo da conversa face a face; evanescência, ausência de registro e simultaneidade, que refletem o meio; e improvisação, autodeterminação e autoexpressão, que refletem o controle dos participantes na conversa face a face (JUNG, 2009, p. 57).

Jung (2009) ressalta que a coordenação desses elementos varia em diferentes encontros entre dois ou mais participantes. Segundo a autora, durante a interação, os participantes podem posicionar-se diferentemente em relação aos demais ou podem mudar o posicionamento no decorrer da conversa. O controle dos falantes no momento da interação pode ser afetado durante a conversa, assim como a interação pode mudar de curso com a chegada de um novo participante.

2.1.2. Organização da conversa

A Análise da Conversa é o estudo das estruturas e das propriedades formais da linguagem. De acordo com Coulon (1995a),

[p]ara poder desenvolver-se, as nossas conversações são organizadas, respeitam uma ordem, que não temos necessidade de explicitar durante o decurso de nossas conversas, mas que é necessária para tornar inteligíveis as nossas conversações (COULON, 1995a, p.73),

ou seja, durante as conversas, o falante demonstra sua competência social para se comunicar com seus semelhantes e expor suas opiniões, crenças, para concordar, discordar, enfim, para interagir com o outro.

John Heritage⁵ (1984), apud Coulon (1995a, p. 73), resume em três as principais hipóteses da Análise da Conversa: i) a interação é estruturalmente organizada; ii) os participantes da interação se orientam pelo contexto para produzir seus enunciados; iii) essas duas propriedades se realizam em cada detalhe da interação, e nenhum detalhe pode ser posto de lado.

Todas as práticas comunicativas são condutas ordenadas, que se desenvolvem segundo alguns esquemas preestabelecidos e obedecem a algumas regras de procedimento (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 43). De acordo com Koch (2007), a conversação se organiza em turnos, “que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação” (p. 80). Em um artigo pioneiro publicado na década de 60, Sacks, Schegloff e Jefferson definem o turno como a unidade de organização da conversa, em que os participantes empreendem e constroem ações continuamente, turno após turno, através do uso da linguagem em interação social.

Koch (2007, p. 80) destaca a existência de interações simétricas, como conversas cotidianas, em que todos os participantes têm o mesmo direito ao uso da palavra, e as interações assimétricas, como consultas, entrevistas, palestras, em que apenas um dos interagentes tem o poder da palavra e a distribui segundo a sua vontade. A autora, porém, afirma que não é possível tomar a palavra a qualquer momento; os interagentes podem assumir o turno nos chamados espaços de transição, caracterizados por marcas como silêncio ou pausas mais longas do detentor do turno, entonação característica, gestos, olhar, enfim, pistas de que o outro está autorizado a assumir o turno da fala. O atual detentor do turno pode eleger o seguinte falante; caso isso não ocorra, qualquer participante da interação pode assumir a palavra; se ninguém o fizer, o falante que detinha o turno pode assumi-lo novamente, até o próximo espaço de transição, e assim por diante.

Quando um falante tenta tomar o turno fora do momento adequado, acontece um assalto de turno, que pode ser satisfatório ou não. Neste momento, ocorre uma

⁵ Heritage, J. **Garfinkel and ethnomethodology**. Cambridge, MA: Polity Press, 1984.

sobreposição de vozes, ou seja, por um instante, dois ou mais participantes falam simultaneamente, até que um desista e o outro assuma de forma definitiva o turno.

2.1.3. Sequencialidade, adjacência e preferência

A ACE tem como principal objetivo descrever o desenvolvimento das conversações cotidianas em situação natural. Ao analisar essas conversações, o pesquisador deve observar como os participantes recorrem a técnicas institucionalizadas para efetuar conjuntamente “a gestão de diferentes tarefas que eles têm de completar (assegurar a alternância dos turnos da fala, ‘corrigir’ as eventuais falhas da troca comunicativa, conduzir uma narrativa ou descrição, encaminhar de modo eficaz a negociação dos temas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.22, grifo da autora) etc.

Nesse contexto, considerando a conversação como um ato social, em que situações sociais são construídas ou modificadas através desses atos, certas noções essenciais da conversa devem ser avaliadas: a sequencialidade, adjacência e preferência. Para Loder et al (2008), “a noção de sequência refere-se ao fato de que as ações constituídas pelo uso da linguagem são organizadas em *sequências* de elocuições produzidas por diferentes participantes” (p. 40). Dessa maneira, os participantes da conversa não produzem suas elocuições de forma desordenada; eles levam sempre em consideração o que o outro disse anteriormente. Então, pode-se afirmar que a noção de sequência tem em sua essência dois elementos: i) elocuições produzidas sucessivamente; ii) alternância (ordenada) dos participantes em vez de tomar a palavra (idem, p. 41).

Essa relação sequencial entre as elocuições é fundamentada emicamente, ou seja, é possível, após observar detalhadamente as elocuições, perceber como os interagentes sinalizam para si próprios, na alternância de turnos, a natureza sequencial das interações. Segundo Loder et al (2008), “os próprios falantes, ao construírem seus turnos, dão mostras de sua orientação e de sua atenção para o vínculo sequencial que sua fala estabelece com os demais” (p. 42).

Ao conjunto de dois turnos em que a produção do primeiro membro condiciona a realização do segundo chamamos pares adjacentes. Loder et al (2008) classifica os pares adjacentes como “compostos por (a) duas elocuições (daí, ‘par’) (b) posicionadas uma em seguida da outra (daí ‘adjacente’) (c) produzidas por falantes diferentes” (p. 45, grifos dos autores). Como exemplo, podemos citar os pares pergunta-resposta, saudação-saudação, despedida-despedida, convite-aceitação ou recusa, entre outros.

Nesses casos, há uma relevância condicional, ou seja, a produção do segundo membro do par é relevante na situação. Pode até haver a sua não ocorrência, mas isso causaria, no mínimo, estranheza ou até mesmo sanções sociais, mais ou menos graves, pois quando fazemos uma pergunta, esperamos que haja uma resposta. Assim, essa relevância condicional perpassa as noções de sequencialidade e de adjacência. Porém, Loder et al (idem, p.46) destaca que a noção de relevância condicional não se restringe à relação entre duas elocuições, estando também presente na organização de sequências maiores.

Nos pares adjacentes, a primeira parte do par seleciona o tipo de segunda parte esperado. Pares como saudações *oi-oi, alô?-alô?* não admitem muitas opções para a segunda parte do par, ao contrário de, por exemplo, convites ou pedidos feitos pela primeira parte, que podem ser aceitos ou rejeitados pela segunda parte. Assim, constitui-se a noção de preferência, que ocorre dentro dos pares adjacentes.

Desse modo, em uma interação, as respostas dos participantes podem ser preferidas ou despreferidas. “As elocuições preferidas são normalmente mais breves e produzidas tão logo quanto possível; e elocuições despreferidas são normalmente produzidas com atrasos, prefácios, hesitações, justificativas” (idem, p. 51). As ações despreferidas se dão de acordo com o aspecto social da interação.

As noções de sequencialidade, adjacência e preferência constituem, para a organização da fala-em-interação, um fundamento importante. Tais conceitos estão imbricados entre si, ou seja, eles se completam. Outras organizações fundamentais para a Análise da Conversa são a tomada de turnos, proposta por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]) e a organização de reparo, proposta por Schegloff, Jefferson e Sacks (1977).

2.1.4. A organização da tomada de turnos na fala-em-interação

Freitas e Machado (2008) descrevem o sistema de tomada de turnos como a “ordenação de regras observadas na organização da fala interacional sob o ponto de vista da alocação das oportunidades de falar” (p. 59). As autoras lembram que a tomada de turno é um modelo que conduz o funcionamento da interação, pois numa conversação é preciso que duas ou mais pessoas troquem turnos de fala. De acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson, 2003 [1974],

[a] tomada de turnos é usada na ordenação de movimentos em jogos, na alocação de cargos políticos, na organização do tráfego em cruzamentos, no atendimento a clientes em estabelecimentos comerciais e na fala em entrevistas, reuniões, debates, cerimônias, conversas, etc. – esses últimos sendo parte do conjunto ao qual iremos nos referir como ‘sistemas de troca de fala’ (p. 11-12, grifo dos autores).

Segundo Freitas e Machado (2008, p.62), a sistemática de tomada de turnos consiste de dois componentes (composição de turnos e alocação de turnos) e um conjunto de regras em estreita coordenação. Sobre a composição de turnos, as autoras afirmam que o turno, a fala de um participante da conversa, é um segmento construído a partir de Unidades de Construção de Turno (UCT) e corresponde, geralmente, a unidades como sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais ou recursos prosódicos. As UCTs se caracterizam por dois traços: projetabilidade e lugares relevantes para transição.

Elas são projetáveis pelo fato de que os participantes podem prever, no curso da UCT, que tipo de unidade está sendo produzida pelo interlocutor e onde esta vai terminar, ou seja, o lugar relevante para a transição. Lugares relevantes para a transição referem-se ao fato de que há locais em que os falantes identificam uma possível completude de UCT e, assim, podem fazer troca de turnos legitimamente, sem que isso configure interrupção. Tais pontos de possível transição relevante correspondem a pontos de possível completude de sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais. Porém, Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]) apontam que aspectos como entonação também são importantes na sinalização de possível completude de uma UCT, assim como para um lugar relevante para transição.

O componente de alocação de turnos refere-se às possibilidades de definir/selecionar quem será o próximo falante. Freitas e Machado (2008, p. 65) apresentam dois tipos de práticas para a alocação de turnos ao próximo falante. i) a seleção do próximo, que acontece quando o falante corrente seleciona o próximo falante, geralmente se dirigindo ao destinatário verbalmente ou pelo olhar; ii) quando um interagente se autocandidata para tomar o turno.

Finalmente, um conjunto de regras “organiza a construção e alocação de turnos e coordena as transferências com o intuito de minimizar tanto os intervalos quanto as sobreposições entre os turnos” (ibid, p. 66). As regras para troca de turno, propostas por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]), são as seguintes:

- 1) *Para qualquer turno, no lugar relevante para transição de uma unidade de transição de turno:*
 - a) Se o falante seleciona o próximo falante, o falante selecionado deve tomar o turno.
 - b) Se o falante corrente não selecionou o próximo falante, qualquer falante pode se autosselecionar e tomar o turno.
 - c) Se nenhum falante se autosselecionou, o falante corrente pode continuar a falar.

- 2) *Se o falante corrente não identificou ou selecionou o próximo falante (I(a)) ou se, ao final da UCT um próximo falante não tiver se autosselecionado (I(b)) e o falante corrente tiver continuado a falar (I(c)), as regras I ((a) – (c)) passam a valer novamente para o próximo lugar relevante para transição e assim sucessivamente até que a transição de turnos se realize (FREITAS e MACHADO, 2008, p.66-69).*

Todos os pontos propostos por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]), que constituem a tomada de turno, partem das seguintes características observadas: i) as tomadas de turno ocorrem pelo menos uma vez; ii) um falante tende a falar a cada vez; iii) momentos de fala simultânea de mais de um interagente são frequentes, porém breves; iv) transições de turno sem intervalo ou sobreposição de fala são comuns; v) a ordem dos turnos de uma conversa é variável; vi) a extensão dos turnos de fala não é fixa; vii) a duração de uma conversa não é pré-determinada, viii) o conteúdo dos turnos não é pré-especificado, ix) a distribuição dos turnos de uma interação não é previamente planejada; x) o número de participantes de uma conversa pode variar; xi) a fala pode ou não ser contínua; e xii) os participantes lançam mão de técnicas para alocação de turno. (FREITAS e MACHADO, 2008, p. 69-87).

Considerando a conversa a forma básica do sistema de troca de falas, Freitas e Machado (2008, P. 91-92), baseadas em Schegloff, enfatizam que a conversa pode ser pensada como “uma forma de organização social por meio da qual grande parte, senão, todo o trabalho das principais organizações sociais é desempenhado”. Desse modo, é importante que os pesquisadores percebam que entender o funcionamento da descrição da organização da tomada de turnos é uma chance de “iluminar a sistematicidade de

mecanismos organizadores da vida social mais amplamente (FREITAS e MACHADO, 2008, p. 92).

2.1.5. A organização de Reparo

Outra organização fundamental da conversa é a organização de reparo, a qual se dá pela “recorrência sistemática de mecanismos para a resolução de problemas de escuta, produção e entendimento na fala-em-interação social” (LODER, 2008, p. 95-96).

Assim como no sistema de tomada de turnos, a organização de reparo está calcada nas noções de sequencialidade, preferência, adjacência e relevância condicional. De acordo com Loder (2008, p. 99), Schegloff, Jefferson e Sacks (1977) destacaram que o reparo é constituído de duas partes: a iniciação e o resultado. Na primeira, um dos interactantes localiza, em alguma fala anterior, um problema a ser tratado, e, no segundo, o problema localizado pode ser resolvido com sucesso (ou pode redundar em abandono, resultando em fracasso).

A iniciação do reparo ocorre dentro de um espaço sequencial de oportunidades próximas à fonte do problema. Essa iniciação pode acontecer das seguintes formas: i) iniciação antes do final da UCT onde se localiza o problema; ii) iniciação no lugar relevante para a transição do turno; iii) iniciação do turno seguinte ao que contém a fonte do problema; iv) iniciação no turno subsequente ao turno que segue a fonte do problema (isto é, no terceiro turno em relação ao da fonte de problema) (LODER, 2008, p. 100-102).

Com relação à descrição das iniciações de reparo, Schegloff, Jefferson e Sacks (1977) observaram a existência de diferenças substanciais entre as iniciações implementadas pelo falante da fonte de problema e pelo outro interlocutor, envolvendo técnicas distintas de iniciação de reparo. São elas: i) perturbações não-lexicais (prolongamento de sons, suspensão abrupta etc); ii) iniciadores de classe “aberta” que indicam genericamente um problema (como *ã*, *hein*, *como*, *oi*); iii) iniciadores do tipo onde, quando, quem; iv) iniciadores com repetição parcial da fonte de problema e pronome interrogativo; v) iniciadores com repetição parcial da fonte de problema; vi) iniciadores com o prefácio *você quer dizer* agregado a um possível entendimento do turno anterior (LODER, 2008, p.105-109).

Depois de feita a iniciação, o resultado do reparo ocorre também em um espaço sequencialmente restrito, em torno da fonte do problema. O resultado pode ser produzido: i) pelo próprio falante da fonte do problema, no mesmo turno da fonte de problema; ii) pelo outro interlocutor, no turno imediatamente seguinte ao da fonte do problema; iii) pelo próprio falante da fonte do problema, no terceiro turno (LODER, 2008, p. 110-111).

É importante frisar que, de acordo com Loder, Gonzalez, e Garcez (2002), reparo não se assimila a correção. Segundo os autores,

[c]orreção é uma prática mais específica, em que se substitui um item por outro, e reparo é entendido de modo mais amplo, como uma ação empreendida por um participante para apontar algum problema interacional com o intuito de que venha a ser resolvido mediante diversas práticas possíveis, entre elas, a correção (p. 117).

Nessa perspectiva, percebe-se o reparo como mais uma ferramenta do processo de coconstrução da fala-em-interação, que acontece a partir das ações de cada interlocutor. Assim como a tomada de turnos, a organização de reparo são conceitos importantes para o estudo da ACE.

2.1.6. A construção de *self*⁶ em interação

Tem-se uma situação social quando dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e seus atos regidos por regras culturais específicas podem ser observadas por todos os presentes. Assim, uma interação face a face é um encontro social (Goffman, 2002a [1964]).

Em sua vida cotidiana, o falante negocia identidades. As pessoas se representam diante das outras de formas variadas. Por exemplo, um homem representa-se ora como pai, ora como esposo, ora como profissional, ora como atleta etc. E, em cada uma dessas situações, age de modo diferente, inclusive em termos de linguagem. Dessa forma, pode-se afirmar que, durante a conversa, os sujeitos negociam e constroem diferentes identidades.

⁶ *Self* é um conceito central na teoria sociológica de Chicago. Podemos considerá-lo como as trajetórias sociais nas quais os indivíduos vão construindo a “identidade do eu”, do “*self*”, a qual Goffman (2008a) chama de “identidades sociais reais”.

Em um encontro social, há dois tipos de interlocutores: os interlocutores ratificados e interlocutores não-ratificados. Quando a palavra não é dirigida a um dos interlocutores da ação social, este é denominado não-ratificado. Aquele a quem a fala é dirigida é o interlocutor ratificado. Nessa perspectiva, alguns fatores podem mudar as regras que regem os comprometimentos de face⁷ como, por exemplo, mudança de tópico, partida ou chegada de um participante, alterações no contexto situacional, os movimentos linguísticos dos parceiros etc.

Goffman, (1980 [1967]) declara que, em uma conversa, os participantes se apresentam uns aos outros por meio de um padrão comportamental que revela sua visão acerca do tema em debate, da situação comunicativa, dos participantes da interação e de si mesmos como atores sociais. Por isso, entende-se que as atitudes comunicativas adotadas são permeadas por significação social, isto é, estão intimamente ligadas à linha de conduta.

O termo face refere-se ao valor social que um indivíduo clama para si a partir da avaliação social da linha de conduta adotada (GOFFMAN, *idem*). O tipo de face de um indivíduo faz parte de um construto socialmente estabelecido, ou seja, a expressão social de seu “eu” individual. Os indivíduos que participam de uma interação percebem que estão ligados em situação de engajamento e o contato pessoal direto constitui-se numa situação única para a passagem de informação, de modo que a importância das questões de face torna-se particularmente evidente na interação verbal.

A noção de face permeia todo o processo de interação e seus participantes encontram-se entre dois eixos: a preservação de sua própria face e o respeito pela face do outro. Segundo a Teoria da Polidez Linguística, a maior parte dos atos de linguagem produz certos efeitos sobre a face dos participantes de uma interação e que podem ser ameaçadores como, por exemplo, a crítica, a desaprovação etc. Essa teoria postula que todo indivíduo é movido pelo desejo de preservar seu “território” (corporal, material, espacial, temporal ou mental) e sua “face”- o indivíduo objetiva gerar boa impressão durante o evento interacional, pois quer ter a sua face preservada. De acordo com Goffman (*ibid*), “perder a face” significa causar má impressão e “salvar a face” está relacionado ao processo em que o indivíduo se sai bem ao transmitir a impressão de que não “perdeu a face”. Desse modo, em uma interação, os participantes buscam defender a

⁷ Goffman chama de comprometimento da face os empreendimentos de ação conjunta, quando duas ou mais pessoas em uma situação social ratificam conjuntamente uma(s) à(s) outra(s) como cosustentadoras autorizadas de um único foco de atenção cognitiva e visual. (GOFFMAN, 2002a [1964], p. 18-19)

própria face como também a do outro, o que propicia o estabelecimento de um equilíbrio entre essas perspectivas.

Outra noção importante colocada por Goffman (2002b [1979]) é a de *footing*. O autor sustenta que “em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente propondo ou mantendo enquadres, que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional” (RIBEIRO e GARCEZ, 2002b, p. 107). Dessa forma, a cada mudança de situação, os participantes precisam alinhar-se, ou seja, “a cada mudança de ‘cena’ ou de posição, exigem-se mudanças correspondentes na linguagem (KOCH, 2007, p. 127, grifo da autora). Assim, *footing* representa “o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (RIBEIRO e GARCEZ, 2002b, p. 107).

Desse modo, o *footing* se relaciona com o processo de construção de identidades sociais que acontece durante a interação, de acordo com o contexto e com os propósitos comunicativos demonstrados pelos interactantes. Segundo Rodrigues Junior (2005),

[n]uma íntima relação com a linguagem em uso (discurso), o *footing* dos falantes expressa a maneira como eles produzem e recebem as elocuições dos outros integrantes da interação, dentro de uma cadeia dinâmica de relações interacionais que reproduzem as realidades sociais de cada interlocutor, esculpindo-as no momento interacional. Nesse *continuum* interativo, *footings* são apreciáveis de acordo com a condução que os falantes oferecem ao encontro social, alinhando-se mediante suas intenções comunicativas, e modificando seus *footings* à medida que escolhem outras estruturas, ou enquadres, interacionais para tornarem manifestos seus objetivos. (p. 130-131).

Cabe aqui fazer uma breve explanação sobre o termo “enquadre” ou frame. Bateson⁸ (1972) apud Ribeiro e Garcez (2002) define enquadre como delimitação ou representação da “classe ou conjunto de mensagens ou ações significativas. O enquadre é, portanto, um conceito de natureza psicológica que capta o grau de ambivalência presente nas comunicações humanas” (p. 85). Segundo Ribeiro e Garcez (2002, p. 85), o enquadre contém um conjunto de instruções para que o interlocutor possa entender uma dada mensagem. Bateson (2002 [1972]) explica que o enquadre oferece aos participantes elementos que, combinados de certas formas, determinam que tipo de comunicação ocorre ali e de que forma cada participante deve responder àquela situação

⁸ BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

específica, por exemplo, rir em resposta a uma brincadeira, responder a uma provocação etc. Nesse contexto, Garcez & Ostermann (2002) sustentam que

(...) para compreender qualquer **elocução**, as pessoas constantemente se deparam com a tarefa interpretativa de enquadrar os eventos e ao mesmo tempo negociar as relações interpessoais, ou **alinhamentos** (ou *footings*), que constituem os **eventos**. Ao enquadrar os **eventos**, os participantes fazem que certos focos de atenção se tornem relevantes, e que outros passem a ser ignorados (p. 260-261, grifos dos autores).

Para Goffman, não há atividade social fora de um enquadre. Durante a interação, os participantes estão sempre reenquadrando a fala e a postura de acordo com o curso da conversa. Fundamentados nos conceitos de *footing* e enquadre, podemos afirmar que ambos estão intrinsecamente vinculados, uma vez que o *footing* refere-se ao alinhamento que os interactantes projetam para si e para os outros na interação durante a mudança de enquadre.

Em seu artigo *Footing* (2002 [1979]), Goffman apresenta um exemplo clássico: após uma entrevista coletiva com a imprensa, o presidente Nixon se dirige a uma repórter e faz um galanteio. A repórter sorri, “dá uma voltinha” e agradece. Em seguida, a conversa continua a girar em torno do tema política. No momento do galanteio, aconteceu a mudança de *footing*. O presidente deixou seu papel institucional e assumiu o de galanteador; a repórter deixou seu papel de jornalista para assumir o de mulher. Essa mudança refletiu também na linguagem, tom de voz, expressões faciais e corporais etc. Em seguida, quando o assunto voltou a ser política, houve novo *footing*. As marcas que indicam essas mudanças são chamadas pistas ou “convenções de contextualização” (GUMPERZ, 2002 [1982]), que são definidas como

todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais. (...) Embora tais pistas sejam portadoras de informação, os significados são expressos como parte do processo interativo. Ao contrário das palavras, que podem ser discutidas fora do contexto, os significados das pistas de contextualização são implícitos (GUMPERZ, 2002 [1982], p. 152-153).

Nesse contexto, pode-se considerar as convenções de contextualização como “as pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar os nossos propósitos comunicativos ou para inferir os propósitos conversacionais do interlocutor” (RIBEIRO e GARCEZ, 2002b, p. 149). São consideradas pistas linguísticas: a alternância de

código, de dialeto ou estilo; pistas paralinguísticas: as pausas, o tempo da fala, as hesitações; pistas prosódicas: a entoação, o acento, o tom, constituídos de (sub)sistemas de sinais culturalmente estabelecidos. Há também as pistas não verbais, como direcionamento do olhar, gestos, distanciamento entre os interlocutores e suas posturas etc. (idem, ibidem).

Os conceitos apresentados acima são de fundamental importância para o presente estudo, uma vez que acreditamos que a identidade social do falante emerge e é negociada durante o encontro social da interação face a face.

2.1.7. Categorias de Pertencimento

Após propôr a Análise da Conversa, Sacks desenvolveu a ACP, a qual se tornou, recentemente, um recurso produtivo para entender como as identidades são interacionalmente coconstruídas pelos falantes. Isso porque a AC verifica como os falantes constroem sua identidade. Então, ao considerar a fala como ação social, podemos afirmar que o uso da categorização de grupos é muito pertinente para tratar os dados da interação de forma diferente. Segundo Coulon (1995b),

a preocupação da Análise da Conversa não é a análise linguística das interações verbais, mas o colocar em evidência das propriedades elementares da ação social: como é que a organização social é construída localmente pelos participantes da interação verbal? A linguagem natural torna-se um objeto de estudo que é, simultaneamente, situacional e transcendente (COULON, 1995b, p. 40).

De acordo com Alain Coulon (1995b, p. 17), os etnometodólogos consideram o mundo como um objeto de percepções e ações do senso comum. Nessa perspectiva, os atores sociais “percebem e interpretam o mundo, reconhecem o familiar e constroem o aceitável, e não explicam como as regras governam concretamente as interações” (ibid, p. 19), ou seja, os fatos sociais são construções práticas que se dão de acordo com a vivência, ambiente e experiência dos falantes. Assim, “[n]a medida em que os indivíduos adquirem a competência necessária para dar um sentido ao seu meio ambiente, os procedimentos interpretativos devem, pois, comportar propriedades invariantes do raciocínio prático” (ibid, p. 20).

Desse modo, atividades de fala são entendidas como eventos interacionais nos quais os participantes expõem sua cultura, assim como seus conhecimentos sobre como

os membros de um grupo falam rotineiramente. Nesse sentido, os falantes moldam a fala como um membro de determinada categoria, construindo identidades, realidades, ordem moral, social e relacionamentos sociais através de interações verbais naturais, as quais se manifestam espontaneamente na vida cotidiana. Assim, por meio da linguagem, o falante se coloca e coloca o outro em categorias de pertencimento.

Sacks (1992) apud Alencar (2008) afirma que as categorias de pertencimento são caracterizações atribuídas aos participantes da interação. Neste contexto, elas são vistas dentro de uma rede de relacionamentos e valores, incluindo justificativas e avaliações no curso da fala, ou seja, o processo de categorização social é uma atividade cultural e metódica constitutiva das práticas sociais. Através das categorias, é possível identificar os interactantes como homens ou mulheres, católicos ou protestantes, entre outros. Sacks (1992) afirma que as categorias permitem identificar os papéis que os sujeitos assumem e atribuem ao outro durante a interação, trazendo para os encontros sociais saberes comuns e referências partilhadas entre os membros da conversa, reproduzindo valores, normas, crenças e saberes instituídos.

Desse modo, para Lapassade (2005), as categorizações são “maneiras pelas quais os atores descrevem e ‘estruturam’ o mundo e, para fazer isso, criam categorias ou ‘tipos’” (LAPASSADE, 2005, p. 46). Assim, para estudar a categorização de pertencimento, é pertinente focalizar como os participantes da conversa se orientam de forma relevante para as categorias e seus dispositivos, ou seja, o pesquisador deve perceber como as categorias são geradas no decorrer da interação. Nesse contexto, segundo Garcez (2008),

[s]e os participantes “são” isto ou aquilo em termos de seu pertencimento a certas categorias identitárias (por exemplo, “pai, homem, amigo, do lugar, convidado, oponente, marido, colega, professor, parceiro de equipe, íntimo, conhecido, estranho, irmão, filho, especialista, calouro, falante nativo, neófito (...)” não se faz recurso a isso como elemento constituinte da interação, a menos que se possa demonstrar que os participantes estão sustentando – conjuntamente e no aqui-e-agora interacional – essa identidade como relevante para o que esta sendo feito (GARCEZ, 2008, p. 33).

Assim, durante uma interação, a mesma pessoa pode ser categorizada de diferentes modos: ela pode ser, ao mesmo tempo, “vendedora”, “fumante”, “mãe”, “aluna” e “mineira”. Corroborando com Garcez, Almeida (2008) lembra que “numa interação específica, algumas categorias são mais relevantes que as outras” (p.9). Essa

relevância é determinada na própria interação, de acordo com as ações e interesses dos falantes.

Segundo Garfinkel (1984), as atividades pelas quais os atores sociais produzem e dirigem suas atividades cotidianas são idênticas aos procedimentos utilizados por eles para tornar tais ações explicativas. Dessa forma, na interação é possível analisar como se dá a compreensão intersubjetiva dos falantes e como as categorias são selecionadas, transformadas, negadas, assumidas, a partir das sequências de fala ocupadas nos turnos dos interactantes.

Nessa perspectiva, para Silverman (2009, p. 170), “[c]ada identidade é interpretada como uma categoria a partir de alguma coleção de categorias”. Através da ACP, Sacks (1992) tenta entender de que forma os atores sociais fazem descrições, com o objetivo de expor os dispositivos ou métodos através dos quais elas são produzidas. Para tal, Sacks (ibid) propõe o seguinte exercício para explicar o dispositivo de categorias de pertença: “X chorou. Y pegou-o no colo”. Ao apagar a identidade dos envolvidos, o autor questiona o motivo de estarmos inclinados a deduzir que X é um bebê e não um professor, e que Y é um adulto, certamente a mãe da criança.

De acordo com Sacks⁹ (1992), além de construirmos a história baseados nas nossas deduções, acreditamos que ela de fato aconteceu, sem, no entanto, termos visto as circunstâncias do evento. Com isso, o autor tenta explicitar o dispositivo que permite aos atores sociais a ação de categorizar. Para Sacks, as categorias *bebê* e *mãe* pertencem a uma coleção que inclui, também, irmãos, avós, pai, tios, tias, etc. É a coleção denominada *família*.

Sacks (1992) ainda chama a atenção para o fato de que as categorias adquirem significados em contextos específicos. A própria categoria *bebê*, por exemplo, pode ser entendida como uma criança, um apelido carinhoso de um casal enamorado ou uma bronca em uma pessoa adulta, comparando-a a uma criança. Assim, o uso de categorias não é atribuído a processos psicológicos, mas sim a recursos culturais, a que os interactantes têm acesso e constroem o mundo social. Nesse contexto, Barros (2008) afirma que “os processos de categorização influenciam e, ao mesmo tempo, são influenciados pelas interações cotidianas entre os membros sociais” (BARROS, 2008, p. 13), ou seja, esses processos constituem um elo entre o indivíduo e os demais membros e grupos da sociedade.

⁹ Sacks (1992) apud SEL & OSTERMANN (2009).

Corroborando com Sacks, Almeida (2009) afirma que

o termo *item de pertencimento a categoria social* remete ao conceito desenvolvido por Sacks (1972, 1992): para ele, as pessoas usam a linguagem para re/organizar os objetos no mundo em *coleções*, como, por exemplo, família, trabalhador de classe média, comissário de bordo, cidadão britânico etc. Ao projetarmos alguém numa categoria, estamos de certa forma impondo a essa pessoa uma série de ações e características que vêm junto com essa ‘coleção’” (ALMEIDA 2009, p. 57, grifos do autor).

Dessa forma, de acordo com a colocação de Lapassade (2005), considera-se *linguagem comum* “a linguagem compartilhada pelos membros de um grupo determinado, preciso, local, indexical. É *membro* aquele que domina a linguagem comum do grupo” (p. 47-48, grifo do autor).

Strauss (1999) legitima essa afirmativa ao alegar que “[a] nomeação de um objeto fornece uma diretriz para a ação, como se o objeto fosse anunciar francamente: ‘Você está dizendo que eu sou, então aja comigo da maneira correta’” (p. 41). Nessa perspectiva, podemos assegurar que conflitos sociais muitas vezes são vinculados a atos de nomeação. Nesse sentido, é interessante notar que, durante uma interação, os sujeitos assumem certas categorias e rejeitam outras, assim como atribuem categorias ao outro.

2.2. A construção de identidades através da linguagem

Considerando a linguagem como prática social¹⁰, é possível dizer que ela está inserida numa rede de relações cultural, política e histórica. Partindo dessa perspectiva, podemos afirmar que os processos comunicativos na sociedade são extremamente importantes, pois, através da linguagem, o falante pode interagir com outros falantes, expressando sentimentos, ações, pontos de vista e pensamentos. Assim, a língua pode ser considerada como fator de construção de relações e identidade sociais.

Os falantes fazem suas escolhas linguístico-discursivas, na maioria das vezes, em função de valores sociais, regionais, faixa etária, situação econômica, entre outros, a fim de se adequarem à comunidade linguística na qual eles estão inseridos, garantindo, assim, o sucesso em suas interações cotidianas. Não podemos ignorar também que a identidade se relaciona com as representações e sentimentos que as pessoas

¹⁰ Considerando a perspectiva de Fairclough (2001).

desenvolvem a respeito de si próprias, partindo de suas vivências e de dados pessoais, como cor da pele, sexo e idade (MOITA LOPES, 2008; RAJAGOPALAN, 1998).

Galembeck (2002) lembra que o sujeito é autônomo e tem consciência de que é único e dotado de identidade própria. Porém, “esse indivíduo autônomo está ciente, ademais, de que depende de outros seres (da mesma ou de outra espécie) para construir a própria individualidade” (p. 68, grifo do autor). Desse modo, o “eu” só existe em função do “outro”, mais especificamente através da interação verbal, remetendo assim ao dialogismo de Bakhtin (1995), que preconiza a troca de experiências, atitudes e valores por meio da interação verbal entre locutor e interlocutor. Dessa forma, o homem é considerado um sujeito social, inserido num contexto sócio-histórico.

Reforçando a teoria de que a linguagem constrói a sociedade, Chnaiderman (1998) chama a atenção para o fato de que a língua não pode ser considerada apenas uma “‘propriedade’ pessoal” (1998), pois ela é, também, uma propriedade da comunidade que a usa. Segundo a autora, “[o] contexto que torna a língua possível é também o contexto que permite ao indivíduo ser ele mesmo, e usar a língua de acordo com seus desejos pessoais” (CHNAIDERMAN, 1998, p.76).

Nessa perspectiva de sujeito social, convém lembrar que as sociedades não são homogêneas, pelo contrário, elas são heterogêneas, e essa heterogeneidade social reflete também a heterogeneidade linguística. Desse modo, as várias mudanças de ordem política, econômica, social e cultural que permeiam o cenário atual afetam também as histórias de vida e as relações sociais das pessoas, ocasionando transformações na sociedade, exercendo grande influência nas novas formas de relação social e no processo de construção das identidades sociais.

Na era da globalização, as velhas identidades unificadas, estáticas, dão lugar, portanto, a identidades construídas historicamente, a partir de uma evolução histórica, política e de interações contínuas. Assim, a concepção de identidade que visa ao sujeito ideal, aquele que, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, está deixando de ser algo pronto e acabado para ser um processo contínuo de suas representações no mundo. Rajagopalan (1998) endossa a teoria de Moita Lopes (2008) ao alegar que “[a] identidade individual como algo estável já não tem nenhuma utilidade prática num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica, numa escala sem precedentes” (p. 40). Desse modo, segundo Moita Lopes (2008), o sujeito contemporâneo é fragmentado,

fluido e se modifica de acordo com as mudanças históricas, políticas e culturais da atualidade.

Tais aspectos da fluidez do sujeito atual podem ser considerados através da metáfora *Modernidade Líquida*, criada por Zigmunt Bauman (2007). De acordo com Oliveira (2009),

Bauman (2007a) utiliza o termo Modernidade líquida para metaforizar a contemporaneidade, pois o termo representa a condição de vida da atualidade: fluidez, falta de fixidez no espaço ocupado, mobilidade e capacidade de movimentos. O termo Modernidade líquida enfatiza a incapacidade endêmica de nossa sociedade, e de qualquer parte dela, de manter sua forma por algum período. Consequentemente, a atualidade é regida por transformações sociais aceleradas que culminam em dissoluções dos laços afetivos e sociais. A modernidade líquida explicita um tempo de desapego, provisoriedade e sensação de liberdade (OLIVEIRA, 2009, p.5).

Nesse contexto, segundo Fabrício (2008), as “ideias, conceitos e a própria noção de realidade e de subjetividade são construídas e se assentam sob uma base fluida e inconstante” (p. 54), ou seja, o sujeito contemporâneo é considerado sócio-histórico e vive em frequentes mudanças, de acordo com as demandas sociais. É importante acrescentar que é através da linguagem que as pessoas constroem e mostram suas identidades.

Como a identidade, linguística ou social, se forma a partir do contexto em que se inserem o falante, o discurso e os interlocutores, Rajagopalan (1998) sustenta que os sujeitos possuem várias matrizes identificatórias, sendo portadores de várias identificações, ou seja, ele possui inúmeras vozes que vêm à tona de acordo com suas necessidades linguísticas e do momento sócio-histórico-ideológico no qual ele se encontra. De acordo com o autor, a identidade está ligada à ideia de interesses e é investida de ideologias. Assim, como as pessoas produzem e negociam as identidades sociais durante a comunicação, “pistas contextuais apontam para as identidades sociais tornadas relevantes e negociadas de momento a momento na interação” (JUNG, 2009, p. 23-24)

De acordo com Moita Lopes (2003, p.19), a temática das identidades deve considerar a concepção da linguagem como discurso, isto é, “uma concepção que coloca como central o fato de que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto específico. Ou seja, todo uso da linguagem envolve alteridade”.

Nesse sentido, é importante considerar que as práticas de linguagem são historicamente construídas pelos falantes em situações de interação social, e o contexto social, histórico e ideológico em que a fala é produzida deve ser considerado. Moita Lopes (2003) também sustenta que

quando usamos a linguagem não o fazemos com um interlocutor ou usuário simplesmente, mas com, por exemplo, um homem mulato, bissexual, jovem, de classe trabalhadora, brasileiro, enfermeiro, etc, ou seja, a partir de suas marcas sócio-históricas ainda que certos traços identitários sejam suspensos em algumas práticas discursivas ou em certos posicionamentos interacionais (MOITA LOPES, 2003, p. 20).

Nessa perspectiva, Ciampa (1992, p. 72) afirma que “não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade”, pois “é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade” (idem, ibidem).

Ao considerar que a identidade, linguística ou social, se forma a partir do contexto em que se inserem o falante, o discurso e os interlocutores, Rajagopalan (1998) afirma que o falante só se apresenta como real no momento em que ele constitui-se como ser social, ou seja, o convívio social do falante é elementar na construção de sua identidade. Para o autor, “[a] identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua” (RAJAGOLAPAN, 1998, p.41). Ora, a partir do momento em que o sujeito é percebido como fragmentado e fluido, agindo em concordância com as regras sociais do meio em que ele vive, sua identidade é construída através de suas interações sociais, de acordo com o seu momento histórico e o contexto no qual ele está inserido.

2.2.1. Linguagem e relações de poder em interação

Embora estudos referentes ao poder, como uma marca das identidades sociais, não serão tomados como a questão mais relevante da pesquisa, a qual privilegia o estudo da construção de identidade por alunos de EJA numa perspectiva sociointeracional, consideramos pertinente abordar brevemente esse assunto, uma vez que as relações de poder se configuram, na maioria das vezes, na e pela linguagem.

Lembrar que a fala tem o poder de revelar características sociais do falante ou a relação social entre o locutor e o interlocutor implica relacionar a linguagem às relações de poder manifestadas nessa relação. Assim, a linguagem é um dos mais poderosos instrumentos de controle, manipulação, intimidação e opressão, mas também de transformação, conforme Fairclough (2001).

A partir do momento em que o discurso é visto como prática social, permeado por relações de poder, a linguagem não é isolada das ações e das relações sociais. Assim, de acordo com Fairclough (idem), as práticas discursivas não são neutras e envolvem escolhas ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder.

Entre as várias formas de poder e manipulação está o poder social, que Van Dijk (2008) define em termos de controle, ou seja, o “controle das ações de um grupo sobre outros grupos e seus membros” (p.17). Desse modo, de acordo com o autor, as relações de poder se manifestam, tipicamente, nas interações. Assim, podemos afirmar que o grupo A (ou seus membros) possui poder sobre o grupo B (ou seus membros) quando as ações do grupo A exercem controle social sobre o grupo B, o que resulta em uma limitação da liberdade social da ação de B (p. 41). Nesse contexto, controle pode ser definido como “controle sobre as ações de outros. Se esse controle se dá também no interesse daqueles que exercem tal poder, e contra os interesses daqueles que são controlados, podemos falar de *abuso* de poder” (p.17, grifo do autor).

Tal abuso de poder social, Van Dijk (ibidem) chama de dominância, que é “o exercício moral e legalmente ilegítimo de controle sobre outros em benefício ou interesse próprio de alguns, frequentemente resultando em desigualdade social” (p. 88). O poder é baseado em acesso privilegiado a recursos sociais valorizados, como riqueza, empregos, status, entre outros e a dominância raramente é absoluta. Ela é gradual e pode encontrar maior ou menor resistência ou contrapoder por parte de grupos dominados (idem).

Nessa perspectiva, Van Dijk atenta para o fato de que

[o] abuso do poder não apenas envolve o abuso de força, por exemplo, em uma agressão de policiais contra jovens negros, e pode não resultar meramente no cerceamento da liberdade de um grupo específico, mas também, de modo crucial, pode afetar as mentes das pessoas. Isto é, através de um acesso especial ao discurso e à comunicação públicos bem como de um controle sobre eles, os grupos ou instituições dominantes podem influenciar as estruturas do texto e da fala, de modo que, como resultado, o conhecimento, as atitudes, as normas, os valores e as ideologias dos receptores sejam mais ou menos indiretamente afetadas tendo em vista o interesse do grupo dominante (VAN DIJK, 2008, p. 88-89).

Na perspectiva de que é pelo discurso e no discurso que as relações sociais são transformadas, de acordo com as demandas da sociedade, Fairclough (2001) afirma que “[a] prática social tem várias orientações – econômica, política, cultural, ideológica -, e o discurso pode estar implicado em todas elas, sem que se possa reduzir qualquer uma dessas orientações pelo discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Considerando o sujeito como agente de práticas sociais, podemos destacar que há uma estreita ligação entre linguagem, discurso e ideologia, de modo que o uso da linguagem tem a força de incorporar o sujeito a uma determinada identidade social que poderá incluí-lo ou excluí-lo de alguns espaços. Isso faz com que ele crie estratégias de representação, com o objetivo de ser aceito por determinada comunidade.

Essa tese é endossada por Goffman (2008), que afirma que as pessoas tendem a se apresentar sob uma luz favorável nas situações em que se envolvem. Assim,

quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito a esperar (GOFFMAN, 2008, p. 21).

Goffman (2008) ainda sustenta que “se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que se expresse, *durante a interação*, o que precisa transmitir” (GOFFMAN, 2008b[1959], p. 26-27), grifo do autor). Nessa perspectiva, acreditamos que no momento em que o sujeito se apresenta diante dos outros, ele tende a incorporar e exemplificar os valores reconhecidos e legitimados por determinada comunidade, numa tentativa de ser aceito por ela.

2.2.2. Os *outsiders*, o estigma e o gueto

Muitos pesquisadores que analisam comunidades em situação de risco social realizam seus estudos baseados nos processos de estigmatização a que estão submetidos os seus moradores. Nessa perspectiva, Elias & Scotson (2000) realizaram um estudo sobre a Zona 3 de Winston Parva¹¹, um bairro próximo à cidade de Leicester, na Inglaterra, e fizeram uma análise que denominaram de “sociodinâmica da estigmatização”. Os autores pesquisaram, durante cerca de três anos, como um grupo de

¹¹ Nome fictício utilizado pelos autores.

moradores estabelecidos desde longa data no referido bairro tratava os forasteiros, moradores das povoações formadas em época mais recente, imprimindo-lhes marcas de estigma, não por suas características individuais, mas por julgarem que os novos moradores pertenciam a um grupo considerado diferente e inferior. Os autores se referem aos moradores antigos como *estabelecidos* e aos forasteiros como *outsiders*.

Elias & Scotson (2000) definem o grupo de *estabelecidos* como aquele que ocupa posições de prestígio e poder e que “se autopercebe e é reconhecido como uma ‘boa sociedade’, mais poderosa e melhor, portadores de uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência” (p. 7, grifo dos autores). Assim, esse grupo funda seu poder na crença de ser um modelo moral para os outros. Já os *outsiders* são os “não membros da ‘boa sociedade’, os que estão fora dela” (ibid, p. 7, grifo dos autores).

Goldwasser (1981) endossa essa concepção ao afirmar que

[a] ideia de estigmatização aproxima-se da noção de ‘desvio social’. A classificação de grupos desviantes pode também ser considerada como expressão particular de um processo de estigmatização: ter-se-ia, de um lado, grupos rotulados – ou estigmatizados – como ‘desviantes’, e, de outro, grupos admitidos como ‘normais’ (p. 30).

Becker (2008) apresenta três tipos de desvio. Para o autor, “a concepção mais simples de desvio é essencialmente estatística, definindo como desviante tudo que varia excessivamente com relação à média” (p.18). O autor exemplifica esse tipo de desvio com o tamanho dos pés de milho. Assim, um estatístico, ao avaliar os resultados de um experimento agrícola, descreve o pé de milho excessivamente alto e o pé excessivamente baixo como desvios da média.

Outra concepção de desvio o identifica como algo patológico, revelando a presença de uma doença (p.18). Tal concepção repousa numa analogia médica. Uma pessoa que apresenta qualquer anomalia física ou mental pode ser considerada desviante.

Já a concepção mais sociológica é mais relativística, a qual baseará nossos estudos, “identifica o desvio como a falha em obedecer a regras do grupo. Depois que descrevemos as regras que um grupo impõe a seus membros, podemos dizer com alguma precisão se alguma pessoa as violou ou não, sendo portanto, nesta concepção, desviante” (p. 21).

Becker (idem) também afirma que o “desvio não é uma qualidade simples, presente em algum tipo de comportamento e ausente em outros. É antes o produto de um processo que envolve reações de outras pessoas ao comportamento” (BECKER, 2008, p. 26). Nesse contexto, podemos sustentar que a classificação de certos comportamentos como desviantes é estabelecida por grupos que não aprovam tais comportamentos e se sentem afrontados por eles. Desse modo, de acordo com Elias & Scotson (2000),

[a]fixar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem desse último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 24, grifo dos autores).

Diante dessas concepções, podemos considerar os *outsiders* como desviantes, uma vez que os mesmos, além de não pertencerem à “boa sociedade”, são rotulados e estigmatizados por não corresponderem às regras que os *estabelecidos* julgam serem as ideais, isolando-se, assim, em guetos. Assim como Elias & Scotson (2000), chamaremos de *estabelecidos* o grupo de pessoas que compõe a sociedade que rotula e discrimina e de *outsiders* os que sofrem a estigmatização, de acordo com o relato dos estudantes.

2.2.3. Processo de guetificação

Ao descrever o processo de segregação urbana nas metrópoles, Bauman (2003) apresenta o cidadão global como aquele que tem pleno acesso aos benefícios da globalização; ele não busca um lugar para morar, mas um lugar onde possa relaxar e descansar, um espaço momentâneo onde recompõe suas energias entre um movimento e outro, e esse lugar deve lhe oferecer segurança. Assim, a comunidade que essas pessoas procuram é um “ambiente seguro”, sem ladrões e à prova de intrusos (p.103). A essa comunidade, Bauman chama de gueto voluntário, restrito àqueles que podem pagar. Ela apresenta o luxo, com muros protegidos que trazem a falsa sensação, a seus moradores, de terem recuperado o paraíso perdido. Porém, essa comunidade é imaginária.

O gueto voluntário é diferente do gueto real, pois do segundo não se pode sair, sob pena de serem seguidos e detidos, quando não hostilizados, pela polícia, enquanto o

principal objetivo do primeiro é impedir a entrada dos intrusos – os que estão dentro podem sair quando quiser (BAUMAN, 2003, p. 106).

Sem voz, sem representatividade política ou econômica, os moradores dos guetos reais se desdobram na luta pela sobrevivência, em um ambiente de poucas oportunidades, confinados em seus territórios como se estivessem numa prisão. Nem sempre eles têm reconhecido o direito à cidadania, e habitualmente não são benquistos nos lugares frequentados pelos moradores do gueto voluntário.

Wacquant¹², (1993) destaca que o mecanismo de segregação e exclusão pode ou não ser complementado e reforçado por fatores adicionais de raça/pele, mas, na essência, o problema é o mesmo: “ser pobre numa sociedade rica implica em ter o status de uma anomalia social e ser privado de controle sobre sua representação e identidade coletiva (...); uma privação simbólica que torna seus habitantes verdadeiros párias” (WACQUANT 1993, apud BAUMAN, 2003, p. 108).

Nessa perspectiva, a periferia – o gueto real – sofre com o abandono por parte do poder público e é ignorada pela elite que detém o poder econômico. Assim, de acordo com Wacquant (1993), o gueto “não serve como reservatório industrial disponível, mas como mero depósito [daqueles para os quais] a sociedade circundante não faz uso econômico ou político” (idem, ibidem, grifo do autor).

Bauman (2003) ainda chama a atenção para o fato de que “[a] guetificação é paralela e complementar à criminalização da pobreza; há uma troca constante de população entre os guetos e as penitenciárias, um servindo como grande e crescente fonte para a outra” (p. 109). Desse modo, excluir os moradores de periferias do convívio social, negando-lhes oportunidades, pode ser arriscado, pois “compartilhar o estigma e a humilhação pública não faz irmãos os sofredores, antes alimenta o escárnio, o desprezo e o ódio” (idem, p. 110).

¹² WACQUANT, Loïc. Urban outcasts: stigma and division in the black American ghetto and the French urban periphery. **International Journal of Urban and Regional Research** 17.3 (1993), p.365-83.

III. MATERIAIS E MÉTODOS

Neste capítulo, iremos apresentar a metodologia deste trabalho. Primeiramente, faremos uma breve explanação sobre a natureza da pesquisa. Em seguida, apresentaremos a escola pesquisada, para, finalmente, expormos os métodos de coleta e análise de dados que serão utilizados.

3.1. Natureza da pesquisa

A presente pesquisa, realizada em uma escola pública municipal de uma cidade localizada no interior de Minas Gerais, enquadra-se na linha dos estudos da Linguística Aplicada. Podemos considerar a pesquisa de natureza qualitativa, pois, de acordo com Flick (2009), um estudo dessa natureza

visa a abordar o mundo “lá fora” (e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais “de dentro” de diversas maneiras diferentes (FLICK, 2009, p. 12, grifos do autor).

Sobre as maneiras diferentes, o autor destaca: i) analisar experiências de indivíduos ou grupos, relacionadas a histórias bibliográficas ou a práticas cotidianas ou profissionais; ii) examinar interações e comunicações que estejam se desenvolvendo, baseado na observação e no registro de práticas de interação e comunicação, assim como análise desse material; iii) investigar documentos ou traços semelhantes de experiências ou interações.

Flick (2009) afirma que tais abordagens têm em comum o fato de buscarem “esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica” (FLICK, 2009, p. 12). Corroborando com a definição de Flick, Macedo (2009) sustenta que “a partir das orientações sociofenomenológicas das pesquisas qualitativas, as ações e construções humanas deixam de ter um significado idealista estável; devem, frequentemente, ser interpretadas e reinterpretadas de forma situada” (MACEDO, 2009, p. 38).

Nesse contexto, durante a realização de uma pesquisa de cunho qualitativo, é necessário que o pesquisador tente colocar-se na posição do ator social, numa tentativa de perceber o mundo do outro a partir do ponto de vista deste. Macedo (2006)

acrescenta que “para o olhar qualitativo, é necessário conviver com o desejo, a curiosidade e a criatividade humanas; com as utopias e esperanças; desordem e conflito; com a precariedade e a pretensão; com as incertezas e o imprevisto” (MACEDO, 2006, p. 39). Assim, é preciso considerar que a realidade é mais complexa que as teorias, por isso o pesquisador deve estar sempre atento ao cotidiano de seus pesquisados, pois assim poderá registrar e interpretar as peculiaridades e os procedimentos intersubjetivamente empregados pelos atores sociais durante o processo de compreensão e construção de suas realidades.

3.1.1. Estudo de caso

O presente estudo pode ser caracterizado como um estudo de caso, tendo em vista que se trata de uma metodologia de investigação utilizada quando pretendemos compreender, investigar ou descrever determinadas situações em determinados contextos. Yin (2010) define estudo de caso como “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente evidentes” (YIN, 2010, p.39).

Como método de pesquisa, Yin (2010, p.29) afirma que o estudo de caso é usado em diversas situações, a fim de contribuir com nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados, sendo um método de pesquisa utilizado em diversas áreas de estudo, como psicologia, sociologia, política, antropologia, administração, educação, entre várias outras.

Assim, de acordo com o autor, esse método é pertinente quando consideramos a importância do contexto em que ocorre o fenômeno estudado e quando pretendemos nos apoiar em várias fontes de evidências. Nessa perspectiva, é importante frisar que o estudo de caso busca investigar um fenômeno em seu contexto real.

Yin (2010) classifica o estudo de caso em três tipos, de acordo com o objetivo da pesquisa: i) descritivo: descreve o fenômeno dentro de seu contexto; ii) exploratório: trata com problemas pouco conhecidos, objetivando definir hipóteses ou proposições para futuras pesquisas; iii) explanatório ou causal: possui o intuito de explicar relações de causa e efeito a partir de uma teoria. Para o autor, a escolha por um determinado tipo de estudo de caso depende principalmente da questão de pesquisa que se busca responder.

A presente pesquisa enquadra-se no tipo descritivo, uma vez que pretende descrever e interpretar um fenômeno dentro de seu contexto real. Com relação ao projeto de pesquisa, Yin (2010) aponta a importância de o mesmo ser bem definido, pois “o projeto é a sequência lógica que conecta os dados empíricos às questões de pesquisa iniciais do estudo e, finalmente, às suas conclusões” (YIN, 2010, p. 48). Nesse contexto, Yin (2010, p. 49) cita cinco componentes de um projeto de pesquisa extremamente importantes para os estudos de caso:

- i) As questões de estudo: Aqui é importante determinar o tópico a ser investigado. No caso da presente pesquisa, pretendemos investigar como estudantes de EJA de uma escola da periferia de uma cidade do interior de Minas Gerais constroem e assumem sua identidade através da categorização de membros. Com o tópico definido, a organização do estudo de caso torna-se mais fácil, assim como buscar a literatura adequada após colher os primeiros dados e até mesmo, se necessário, redefinir o caso.
- ii) As proposições, se houver: Segundo Yin (2010), “cada proposição dirige a atenção para algo que deve ser examinado dentro do escopo de estudo” (p.50). De acordo com o autor, as questões “como” e “por que” podem captar o que pretendemos responder ao propor uma pesquisa que envolve o estudo de caso. As proposições teóricas sugeridas no início da pesquisa ajudam o pesquisador a manter o foco e estabelecer critérios para selecionar os dados. Nesse contexto, seguiremos a nossa pesquisa baseados em nossos objetivos iniciais, porém abertos aos novos dados ou *insights* que poderão surgir no decorrer do estudo.
- iii) As unidades de análise: Este componente está relacionado com a definição do que é o caso, que pode ser um indivíduo, um grupo, uma decisão, um programa, uma mudança organizacional. A definição da unidade de análise está ligada à maneira pela qual as questões de estudo foram definidas. No caso da presente pesquisa, a unidade de análise é um grupo de estudantes da EJA matriculados numa escola de periferia.
- iv) A lógica que une os dados às proposições; e v) Os critérios para interpretar as constatações: Estes componentes indicam antecipadamente os passos da análise dos dados na pesquisa do estudo de caso. Aqui, o pesquisador busca relacionar as informações obtidas com as proposições estabelecidas no início da

elaboração do projeto de pesquisa e conclui se a estratégia escolhida foi a mais pertinente, se os dados colhidos foram suficientes para a análise, entre outros.

De acordo com Yin (2010, p. 57-58), ao desenvolver estes cinco componentes do Projeto de Pesquisa, o pesquisador deve construir uma teoria preliminar relativa ao estudo a ser empreendido. Essa teoria deve ser formulada antes do início da coleta de dados, a fim de ajudar a cobrir as questões, as proposições ou o propósito do estudo, as unidades de análise e, desse modo, possibilitar a ligação dos dados às proposições e fornecer os critérios para a análise dos dados.

O objetivo de se criar essa teoria é que o estudioso tenha um mapa suficiente para o estudo, ou seja, um roteiro objetivo e habilitado para orientação durante todo o processo de realização da pesquisa, que dará direção para a definição dos dados a serem coletados e para a definição das estratégias para análise dos dados. Pretendemos, especialmente a partir de teorias relativas à Análise da Conversa e Categorização de Membros, delinear nossos estudos sobre a construção da identidade de um grupo de estudantes da EJA.

3.1.2. Estudo de caso único e múltiplo

De acordo com Yin (2010, p.41), a pesquisa de estudo de caso pode incluir estudos de caso único ou estudo de casos múltiplos. O estudo de caso único tem como propósito testar os limites da teoria através de casos extremos ou críticos e enfocam apenas uma unidade: um indivíduo, um pequeno grupo, uma instituição, um programa ou um evento. Já o segundo, os estudos de casos múltiplos, engloba vários estudos, os quais são conduzidos simultaneamente: vários indivíduos, várias instituições, por exemplo.

Yin (2010, p. 70-73) aponta algumas justificativas para a escolha do estudo de caso único. i) quando o caso representa o caso decisivo para testar uma teoria bem formulada, seja para confirmá-la, contestá-la ou, ainda, para entendê-la. Nesta situação, o caso único deve satisfazer todas as condições para testar a teoria. ii) quando ele representa uma situação rara ou extrema. Essa situação é muito mais comum no âmbito da saúde e é usada para casos clínicos incomuns. iii) o caso ser representativo ou típico. Aqui, o pesquisador pretende captar as circunstâncias e condições de uma situação diária ou de um lugar-comum. iv) quando o caso único é *revelador*, e o pesquisador tem

a chance de observar um fenômeno previamente inacessível à investigação científica. v) o caso ser longitudinal, ou seja, estudo de um mesmo caso único em dois ou mais pontos diferentes do tempo.

Com relação ao presente trabalho, optamos desenvolver a pesquisa pelo viés da metodologia do caso único, destacando que a proposta de pesquisar como o rótulo de *outsiders* aparece no discurso de jovens estudantes de EJA de uma escola de periferia nasceu a partir de anos de observação. A partir dessa observação, pudemos perceber o posicionamento dos estudantes em relação às pessoas pertencentes à sociedade de *estabelecidos*, conforme estudo de Elias & Scotson (2000). Observamos também que os alunos da EJA selecionados para esta pesquisa não mantêm um vínculo efetivo com a escola, já que se matriculam todos os anos e sempre desistem do curso em alguns meses, devido, especialmente, ao fato de a escola não oferecer a eles um sistema de ensino apropriado - o qual respeite suas diferenças, culturas, pensamentos – e prazeroso, que os mantenha na escola. Consideramos que nossa pesquisa enquadra-se especialmente na quarta justificativa proposta por Yin, por tratar-se de um caso revelador, pouco explorado, para o qual teremos a oportunidade de analisar um fenômeno instigante com possibilidades de contribuir para melhorar as condições de ensino da escola pesquisada.

Acreditamos que o fato de possuímos uma vasta experiência composta por anos de observação e um conhecimento profundo sobre a escola e seu funcionamento será bastante útil no que tange à proposta de captar as circunstâncias e condições de uma situação diária ou de um lugar-comum. Outro fator preponderante para a escolha do estudo de caso único é que o presente estudo pode ser revelador, uma vez que temos a oportunidade de observar um fenômeno social com o privilégio de termos uma relativa facilidade para colher os dados que permearão a pesquisa.

3.2. Perspectiva Etnometodológica de Pesquisa

Coulon (2005) sustenta que a etnometodologia é uma perspectiva de pesquisa, uma nova postura intelectual, mostrando que temos, à nossa disposição, a possibilidade de apreender de maneira adequada aquilo que fazemos para organizar a nossa existência social. Para o autor, a etnometodologia não deve ser considerada um ramo separado do conjunto da pesquisa em Ciências Sociais, uma vez que ela possui múltiplas ligações

com outras correntes que, como a fenomenologia, o marxismo, o existencialismo e o interacionismo, alimentam a reflexão contemporânea sobre a nossa sociedade.

Assim, segundo Coulon (1995),

[a] etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades cotidianas, quer sejam triviais ou eruditas, considerando que a própria sociologia deve ser considerada como uma atividade prática (COULON, 1995, p. 30).

Dessa forma, podemos considerar que os estudos etnometodológicos privilegiam as abordagens microssociais dos fenômenos, buscando compreender os fatos sociais, partindo das descrições que os atores sociais fazem desses fatos. Assim, a compreensão que os atores têm da realidade é de extrema importância para os estudos da etnometodologia. Desse modo, ao contrário das pesquisas quantitativas, cujo cerne é normativo, o centro da pesquisa qualitativa é interpretativo, ou seja, o pesquisador, através de depoimentos, descrições, investigações de documentos, observações das interações diárias entre os atores sociais, busca interpretar e explicar os fenômenos sociais que acontecem dentro da comunidade estudada.

Nesse contexto, para Rivero (2004, p.1), um dos desafios da pesquisa educacional é “captar o dinamismo dessa realidade, desvencilhando a complexidade de seu objeto de estudo em sua realidade histórica”. Tal afirmação é ratificada por Macedo (2006), que afirma que a etnopesquisa entende que a realidade é constituída por pessoas que se relacionam por meio de práticas sociais, através de identificações e significados por meio da linguagem usada para descrevê-las e executá-las. Assim,

[n]o processo de construção do conhecimento, a etnopesquisa crítica não considera os sujeitos do estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista. Entende como incontornável a necessidade de construir juntos; traz pelas vias de uma tensa interpretação dialógica e dialética a voz do ator social para o *corpus* empírico analisado e para a própria composição conclusiva do estudo, até porque a linguagem assume aqui um papel coconstrutivo central (MACEDO, 2006, p. 10).

Segundo Macedo (2006, p. 13-14), uma etnopesquisa quer saber: i) Como se estrutura a estrutura social? ii) Como se organiza o tecido cultural por suas múltiplas e complexas interações? iii) Como os sujeitos imersos nos seus coletivos sociais

significam e ressignificam suas ações e agem? iv) Pela via das ações dos atores sociais, como se dá reflexivamente a relação instituinte/instituído?

Baseados nesses questionamentos, podemos perceber que a etnometodologia realiza um estudo em torno dos atores sociais durante suas interações, quando constroem realidades e são construídos por elas, ou seja, esse tipo de abordagem tem como objetivo especificar a forma como os atores sociais constroem o mundo à sua volta e como se identificam com ele.

Nesse contexto, abalizados na ideia central do interacionismo simbólico, segundo a qual “as pessoas são produtoras de suas próprias ações e significações” (LAPASSADE, 2005, p. 19), não podemos desprezar a importância do ator social durante o processo de pesquisa. É preciso percebê-lo como pessoa que possui valores, crenças e culturas próprios, pois “a cultura, cenário de onde emerge o outro, não é uma entidade independente daqueles que a representam, ou uma força autônoma que é exercida sobre as mentes dos indivíduos” (MACEDO, 2006, p. 24). Assim, é pertinente pensar a cultura como força que age, mas que também é resultante de ações. Desse modo, é necessário “se desfazer da concepção supraorgânica de cultura, como uma realidade que se projeta acima dos atores sociais e guia suas ações” (MACEDO, 2006, p. 25).

Nesse ponto de vista,

[o] outro na cultura e nas culturas é incontornável como coconstrutor de diferenças e de processos identitários. Ademais, a construção do outro se dá num processo de negociação em que a cultura e a identidade cultural estão em contínua efervescência, como espaços inscritos e como história de atores sociais dentro de uma temporalidade (MACEDO, 2006, p. 25).

Considerando a importância do outro no decorrer da pesquisa, o pesquisador deve ter o cuidado de não ofuscá-lo, pois a partir do momento em que o estudioso respeita e considera as particularidades de seus informantes, não os tratando apenas como mais um membro daquela comunidade, que apenas reproduz os valores e a cultura da mesma, ele tem a oportunidade de investigar o meio de forma mais satisfatória, além de realizar interpretações mais reais, pautadas em dados mais concretos.

3.2.1. Experiência da pesquisadora na escola

Apesar de não ter utilizado formalmente a técnica da observação participante para a coleta de dados, consideramos que muito do conhecimento acerca do grupo pesquisado foi adquirido por meio da experiência docente de 10 anos, vivendo, convivendo e observando o dia a dia da escola. Assim, adquirimos o conhecimento próprio da observação participante (OB).

De acordo com Proença (2008),

na observação participante o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo; participa nas relações sociais e procura entender as ações no contexto da situação observada. As pessoas agem e dão sentido ao seu mundo se apropriando de significados a partir do seu próprio ambiente. Assim, na observação participante o pesquisador deve se tornar parte de tal universo para melhor entender as ações daqueles que ocupam e produzem culturas, apreender seus aspectos simbólicos, que incluem costumes e linguagem (PROENÇA, 2008, p. 16).

Desse modo, através do contato direto com os atores sociais e seus contextos, temos a oportunidade de observar seu cotidiano e aprimorar as técnicas e abordagens a serem utilizadas na pesquisa.

Bruyn¹³ (1996) apud Macedo (2006, p. 94-95) chama de “*adequação subjetiva*” o método pelo qual o pesquisador avança sua compreensão acerca das observações feitas durante o período de observação participante. O autor apresenta seis indicadores necessários para se alcançar essa adequação. São eles:

- i) o tempo: quanto mais tempo o pesquisador passar com o grupo, maior será a adequação alcançada, pois o observador poderá avaliar de forma mais profunda como as pessoas falam acerca de certos assuntos, suas crenças, cultura etc.
- ii) o lugar: é onde se atualizam as ações e onde se edificam as práticas.
- iii) as circunstâncias sociais: é preciso viver as circunstâncias que o grupo experiencia, observar as reações organizadas ou não, as estratégias construídas e os conflitos instituídos.
- iv) a linguagem: quanto mais o pesquisador estiver familiarizado com a linguagem do meio social que investiga, mais apuradas poderão ser suas interpretações sobre esse meio. No entanto, Macedo frisa que “a linguagem aqui toma o sentido de comunicação em toda sua amplitude e todo seu poder construtivo” (MACEDO, 2006, p.94), desde que seja tomada em seu domínio natural.

¹³ BRUYN, S. **The human perspective in sociology**: the methodology of participant observation. Tradução Livre Adir Ferreira (UFRN). Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1996.

- v) a intimidade: é muito importante, na etnopesquisa, a proximidade entre o pesquisador e seu objeto de estudo. Assim, quanto mais o estudioso se envolver com os membros do grupo, mais estará capacitado para compreender os significados e ações que brotam da cotidianidade vivida por eles.
- vi) o consenso social: seria uma espécie de “padrão” que o pesquisador extrai a partir dos sentidos que permeiam e perpassam as práticas dentro da cultura. Esse consenso acontece quando o pesquisador passa a conhecer as regras da cena social e como elas são construídas e mantidas.

Segundo Lapassade (2005), a observação participante “toma para si, por conseguinte, a tarefa de descobrir, a partir da ‘participação’ do pesquisador na vida das pessoas que ele estuda os valores, as normas, as categorias que caracterizam essas pessoas e de descobri-las ‘desde dentro’” (LAPASSADE, 2005, p. 81, grifos do autor).

De acordo com Macedo (2006), praticantes da observação participante argumentam que

a linha demarcatória entre ela [OB] e a pesquisa formal não está nem na capacidade de produzir mudanças nem na capacidade de produzir conhecimentos, mas, em muitos casos, na capacidade de solucionar problemas de grupos sociais com demandas sociais relevantes (MACEDO, 2006, p. 98).

Nessa perspectiva, nossa crença na possibilidade de solucionar problemas, no sentido de contribuir para a diminuição da evasão escolar, típica no contexto educacional pesquisado, é o principal agente motivador dessa pesquisa.

3.2.2. Autoetnografia

Considerando o cunho etnometodológico desta pesquisa e a minha experiência como docente na escola pesquisada, faz-se pertinente abordar, aqui, a noção de autoetnografia. De acordo com Versiani (2005), o termo autoetnografia não é novo. Há mais de duas décadas ele é empregado por autores tanto do campo dos estudos literários quanto do campo da antropologia. Segundo a autora,

[a]utoetnografia é um termo criado – construído – para tentar dar conta de uma percepção recentemente intensificada, e que permeia não apenas o campo das ciências humanas: a do reconhecimento da subjetividade como fator importante no processo de construção de conhecimento (seja ele ‘científico’ seja ele ligado ao ‘senso comum’) (VERSIANI, 2005, p.101, grifos da autora).

Nesse sentido, entendemos a autoetnografia como uma perspectiva metodológica, em que o pesquisador tem a possibilidade de refletir sobre o contexto histórico-cultural no qual ele está inserido, tendo a oportunidade de viver e aprender sobre sua própria cultura, sobre si mesmo e, no meu caso, sobre formação docente e experiência de ensino com a EJA.

David Hayano¹⁴ (1979) apud Versiani (2005, p.101) define, em artigo publicado em *Human Organization*, o termo “autoetnografia” como estudo feito por antropólogo sobre seu próprio povo, excluindo desse gênero a figura do antropólogo tradicional, que trabalha preferencialmente com um grupo ao qual não pertence. “Para Hayano, explica Reed-Danahay, um antropólogo que consiga estabelecer uma identificação permanente com um determinado grupo, a ponto de também ser por ele reconhecido como um dos seus, pode adquirir o *status* de autoetnógrafo” (VERSIANI, 2005, p. 101).

Versiani (idem) ainda atenta para a questão da identidade do *self*, inclusive o *self* de pesquisadores da cultura, a qual

não pode mais ser compreendida como uma condição constante e autônoma de seu contexto, mas como contínua alternância de posições segundo a variação de interlocutores e contextos, que ativam diferentes possibilidades na construção desse *self* circunstanciado (VERSIANI, 2005, p. 229).

Este trecho nos remete à questão das identidades fragmentadas (RAJAGOPALAN, 1998); MOITA LOPES, 2008), pois um pesquisador também assume diferentes identidades de acordo com o contexto em que está inserido. Assim, no momento em que eu estava em sala de aula, assumia a identidade de docente; quando estava mediando um grupo focal, assumia a identidade de pesquisadora.

Desse modo, consideramos este trabalho uma pesquisa de cunho autoetnográfico. Então, levando em consideração os indicadores necessários para o sucesso da fase de observação de uma pesquisa, percebe-se que a minha experiência de docência na escola pesquisada, assim como a proximidade com os membros da comunidade, são fatores relevantes para o bom andamento deste trabalho.

3.3. A escola

¹⁴ David M. Hayano. Auto-ethnography: Paradigms, Problems, and Prospects, **Human Organization**, 1979. pp 99-104

De acordo com dados cedidos pela assessoria de comunicação da Prefeitura, a cidade pesquisada tem 314 anos e um total de 54.179 habitantes, segundo o Censo 2010, publicado pelo IBGE¹⁵. Possui 9 distritos e 35 bairros, sendo o maior deles o bairro Novo Mundo, no qual se encontra a escola onde observamos um grupo de estudantes da EJA. O referido bairro surgiu há aproximadamente 25 anos, quando famílias carentes oriundas de vários distritos e também de outros municípios receberam doação de lotes e começaram a se aglomerar de forma desorganizada naquela área. Com o passar do tempo, o bairro Novo Mundo foi se estruturando, crescendo rapidamente e absorvendo uma grande quantidade de pessoas, que foram constituindo família e, conseqüentemente, contribuindo para o aumento populacional da comunidade.

Segundo a assessoria de comunicação, o bairro hoje conta com aproximadamente 6.000 habitantes. Para promover o crescimento cidadão da comunidade, atualmente o local possui uma policlínica, o Centro Referência de Assistência Social (CRAS), igrejas, pastorais, associações, creches, comércios locais, quadra de esportes e duas escolas municipais.

Uma dessas escolas atende, no período da manhã e da tarde, alunos de 5ª a 8ª séries. A outra é a escola onde realizaremos a pesquisa, que mantém, pela manhã e tarde, o programa “Educação em Tempo Integral”, atendendo às séries iniciais da educação infantil, 1º período até a 4ª série; no noturno funciona a EJA, Educação de Jovens e Adultos, que recebe cerca de 400 alunos regularmente matriculados.

O funcionamento da EJA na cidade pesquisada teve início devido à demanda de jovens e adultos que voltaram à escola por exigências do mercado de trabalho ou por terem ultrapassado a idade máxima permitida no ensino regular, entre outros motivos. Para tanto, todas as escolas municipais passaram, a partir do ano de 2007, a funcionar no período noturno somente com a modalidade de ensino da EJA, em que cada etapa é concluída em seis meses, sendo que cada semestre letivo é composto por 100 dias, carga horária menor, portanto, que a do ensino regular.

3.3.1- Descrição do alunado

Conforme relatado anteriormente, a modalidade EJA da escola pesquisada recebe, diariamente, um público de cerca de 400 alunos, divididos em turmas bastante

¹⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

heterogêneas no que diz respeito à idade e disciplina. Assim, as classes contêm alunos com idade entre 16 e 70 anos, o que, muitas vezes, contribui para certos conflitos durante as aulas, já que muitos dos estudantes mais jovens apresentam problemas de disciplina, o que não é tolerado pelos alunos mais velhos.

Nesta escola, o contexto socioeconômico e cultural dos alunos interfere diretamente no trabalho dos professores, os quais, muitas vezes, se mostram frustrados e insatisfeitos pela falta de êxito no desenvolvimento do trabalho, devido a várias situações que desestabilizam o processo de ensino-aprendizagem. Dentre tais situações, está o fato de muitos dos alunos da escola ter envolvimento, direto ou indireto, com a violência, seja através do tráfico de drogas, brigas entre gangues, prática de delitos, como assaltos e furtos, entre outros. Também há o público que trabalha em serviços braçais durante o dia e, à noite, chegam à escola bastante cansados, sem disposição para o estudo. Outros estudantes convivem com o problema de pobreza extrema, apresentando, muitas vezes, sérias necessidades materiais e, também, afetivas.

Assim, a maior parte desses alunos possui uma história de vida repleta de problemas, sendo que o uso de drogas, o descontrole emocional ocasionado pelas precárias condições sociais em que vivem, o desemprego e poucas perspectivas de melhorias fazem com que esses estudantes se sintam discriminados por outras pessoas que, segundo eles, se julgam superiores. Observa-se, também, que a violência se manifesta de forma mais acentuada entre os alunos do sexo masculino, e são os estudantes com esse perfil – ligados a atividades que incitam a violência - que mais provocam problemas na escola, desde conflitos internos até a evasão.

Nesse contexto de problemas sociais, vários estudantes, especialmente os mais jovens, possuem uma forma bastante peculiar no que tange às suas manifestações culturais, que podem ser percebidas em sua linguagem, gestos, na forma de se vestir, nos valores e no modo de pensar e de se relacionar, revelando, assim, uma identidade de grupo, foco de nossa pesquisa, que ouviu aproximadamente 25 alunos, a maioria do sexo masculino, divididos em três grupos focais.

Cabe aqui explicitar que os estudantes selecionados para participar da pesquisa foram escolhidos por apresentarem o perfil condizente com o tema do presente estudo. Esses estudantes da EJA são considerados pelos seus pares os mais rotulados e estigmatizados. São aqueles que frequentemente narram, na escola, experiências em que foram vítimas de discriminação, conflitos com a polícia, ou seja, são atores sociais que em situações de interação com os colegas, em sala de aula, se autocategorizam como

outsiders. A experiência dos professores da escola tem mostrado que esse grupo é importante nas salas de aula porque direciona atividades de ensino-aprendizagem.

3.4. Instrumentos de coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, escolhemos a abordagem qualitativa, através da técnica de grupo focal, em que alunos da referida escola narram, em situação de interação entre eles, a experiência de morar em um bairro periférico e sobre como são tratados pela comunidade da cidade pesquisada. Também serão utilizadas técnicas de gravação e transcrição de falas.

3.4.1 - Grupo Focal

De acordo com Barbour (2009, p. 24-25), os grupos focais teriam surgido nos anos de 1940, utilizados por Paul Lazarsfeld, Robert Merton e colegas na Agência de Pesquisa Social aplicada da Universidade de Colúmbia, a fim de testar as reações às propagandas e transmissões de rádio durante a Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, esta técnica era denominada “entrevistas focais” (Merton e Kendall¹⁶, 1946, apud Barbour, 2009) e era utilizada junto com técnicas quantitativas, sendo que a abordagem dos estudiosos não diferenciava muito as entrevistas individuais das grupais. No entanto, eles reconheceram que as entrevistas em grupo podem produzir um conjunto mais ampliado de respostas e extrair detalhes adicionais (MERTON¹⁷, 1987 apud BARBOUR, 2009).

Optamos pela técnica do grupo focal por acreditarmos, assim como Iervolino e Pelicioni (2001), que

[a] coleta de dados através do grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Ele contrasta, nesse sentido, com dados colhidos em questionários fechados ou entrevistas individuais, onde o indivíduo é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez nunca tenha pensado anteriormente. As pessoas, em geral, precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias, e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas à discussão em grupo (IERVOLINO & PELICIONI, 2001, p. 116).

¹⁶ MERTON, RK & KENDALL, PL. The Focused Interview. *American Journal of Sociology*, 1946. 51, 541-557.

¹⁷ MERTON, RK. The Focused Interview and focus group. *Public Opinion Quarterly*, 1987. 51: 550-566.

Esse tipo de entrevista, apesar de flexível, demanda que o pesquisador elabore estratégias que o levem a conduzir a conversa de acordo com seus objetivos. Esse tipo de interação permite aos membros “maior possibilidade de diluir defesas, de expressar conflitos e afinidades, fortalecendo o caráter construcionista das etnopesquisas” (MACEDO, 2006, p. 117).

Corroborando com Macedo, Lapassade (2005) lembra que

[a]s entrevistas de grupo dão aos entrevistados a possibilidade de discutir entre eles, diante do pesquisador, suas definições da situação, suas ideias e opiniões, seus sentimentos em relação ao tema de discussão proposto, com a reserva da possibilidade de autocensura devido ao fato de se expressarem assim em público (LAPASSADE, 2005, p. 80).

Morgan¹⁸ (1998, p. 25) apud Barbour (2009, p.65) lembra que “[G]rupos focais são úteis quando se trata de investigar o que os participantes pensam, mas eles são excelentes em desvendar porque os participantes pensam como pensam”. Isso demanda um engajamento ativo por parte do pesquisador, que deve considerar todas as questões que permeiam o grupo (o social, o econômico, o político e, em especial, o contexto histórico-social em que os participantes estão inseridos).

Assim, é pertinente colocar aqui que é importante que o pesquisador leve sempre em consideração o contexto em que o grupo focal acontece, pois, segundo Barbour (2009), “[t]odos os comentários feitos durante os grupos focais são altamente dependentes do contexto e são contingentes às respostas dos membros do grupo, às contribuições dos outros e à dinâmica daquele grupo em particular” (p.56). Callaghan¹⁹ (2005) apud Barbour (2009, p. 138) endossa essa concepção, ao afirmar que os grupos focais permitem aos participantes debaterem questões dentro do contexto de seus próprios contextos culturais. Desse modo, “os participantes podem relatar histórias para confirmar suas experiências em comum e suas identidades coletivas” (MUNDAY²⁰, 2006 apud BARBOUR, 2009, p. 138).

¹⁸ MORGAN, D. L. **The focus group guidebook** (Focus Group Kit, Book 1). Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

¹⁹ CALLAGHAN, G. Accessing Habitus: Relating Structure and Agency Through Focus Group Research. **Sociological Research Online**, 2005. 10(3) <<http://www.socresonline.org.uk/10/3/callaghan.html>>.

²⁰ MUNDAY, J. Identity in Focus: The Use of Focus Groups to Study the Construction of Collective Identity, In **Sociology**, 2006. 40 (1), pp. 89-105.

Interessante lembrar que, embora a interação do grupo focal tenha uma característica assimétrica - em que o mediador direciona a interação -, no grupo focal realizado com os estudantes de EJA, os participantes ficaram bastante à vontade e o mediador exerceu pouco controle dos turnos. Assim, essa “liberdade de expressão” durante os encontros foi proposital e intencional, a fim de que a interação ficasse mais próxima das características da conversa cotidiana.

Nessa perspectiva, a técnica do grupo focal pode provocar a reflexão de questões que são importantes para seus participantes e acabar desviando da programação do pesquisador. Para Barbour (idem, p. 57), “[i]sso significa que os dados resultantes podem trazer surpresas”, e o pesquisador deve estar preparado para isso. A autora lembra ainda que a forma como o pesquisador se apresenta ao grupo também é imprescindível para o sucesso de um grupo focal. O modo de se vestir e a linguagem utilizada por ele pode ser uma forma de aproximação ou repúdio por parte do grupo. É importante também, “de início, explicar o propósito do grupo e reforçar que tudo será anônimo, além de assegurar a concordância dos membros do grupo de que eles [os pesquisadores] respeitarão a confidencialidade” (BARBOUR, 2009, p. 110).

Atentos a todas as especificidades da técnica do grupo focal descritas acima, a coleta de dados para a referida pesquisa foi feita através da realização de três grupos focais, com cerca de 10 alunos cada, do sexo masculino e feminino, contando com a minha participação. Os encontros, que foram gravados em áudio, aconteceram na própria escola, em um espaço disponibilizado para essas reuniões. No total, foram aproximadamente cento e vinte e dois minutos de gravação. A opção por participar dos grupos focais deve-se ao fato de que a coleta de dados seria mais relevante, considerando a confiança e afinidade que já possuo com os alunos, uma vez que fui professora de muitos deles. É importante lembrar que o foco da pesquisa são os relatos dos alunos durante a interação e não a entrevista pergunta-resposta; entretanto, a Análise da Conversa tem sido utilizada, inclusive, como instrumento de análise em entrevistas de pesquisa com participação do pesquisador, conforme Silverman (2009).

Com a finalidade de incentivar o debate, antes das conversas foram exibidos filmes ou músicas, os quais acreditamos ser do gosto desses alunos. Tais escolhas facilitaram o contato com os estudantes e ajudaram a estabelecer um clima agradável e descontraído de fala-em-interação.

Concluindo, a interação promovida através do grupo focal promoveu ricas discussões acerca do posicionamento social dos sujeitos participantes, as quais serão analisadas a partir das técnicas propostas pela Análise da Conversa.

3.4.2. A fala-em-interação no grupo focal

Na fala-em-interação dos grupos focais, os estudantes e a mediadora administram as tomadas de turno. Durante a interação, a mediadora faz as perguntas e os demais participantes iniciam um processo de discussão em que relatam várias situações vividas por eles e expõem opiniões, apresentam juízo de valores, narram situações cotidianas, entre outras atividades.

Os grupos focais que balizam esta pesquisa foram realizados nos dias nove de março de 2009, sete de abril de 2010 e oito de setembro de 2010.

Antes de iniciar as discussões do primeiro grupo, que durou quinze minutos, quarenta e quatro décimos e sessenta e nove centésimos de segundo, os alunos ouviram as músicas “Todo camburão tem um pouco de navio negro”, do grupo *O Rappa*, e “Polícia”, da banda *Titãs*, músicas que tratam de preconceito contra negros e de ações da polícia. No segundo grupo, que durou trinta minutos e vinte e cinco décimos de segundo, os participantes assistiram ao filme “Última parada – 174”, dirigido por Bruno Barreto, o qual conta o drama baseado em fatos reais sobre a vida de Sandro do Nascimento, menino de rua que sobreviveu à chacina da Candelária e, em 2000, sequestrou um ônibus no Rio de Janeiro. Tendo Sandro uma moça como refém, na mira de seu revólver, atiradores de elite da polícia acabaram disparando e matando os dois²¹. Os alunos também leram o artigo “Guga poderia virar um marginal?”, de Gilberto Dimenstein, em que o autor compara a trajetória do tenista campeão Gustavo Kuerten com a de Sandro, já que ambos tinham a mesma idade na época da tragédia protagonizada por Sandro. Para o terceiro grupo, que durou cinquenta e um minutos, cinquenta e seis décimos e cinquenta e seis milésimos de segundo, apresentamos aos alunos o documentário “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim, em que estudantes e professores de escolas públicas localizadas em periferias de Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro narram, com uma forte carga emocional e até mesmo dramática, o dia a dia escolar.

²¹ Fonte: http://www.interfilmes.com/filme_19688_ultima.parada.174.html

As discussões pautadas nas técnicas do Grupo Focal foram gravadas com a autorização de todos os participantes, e a transcrição seguiu as convenções propostas por Schnack, Pisoni e Ostermann (2005), adaptadas das convenções elaboradas por Gail Jefferson, que se encontram em Atkinson e Heritage (1984). Destacamos a opção por representar os participantes através de nomes fictícios, com objetivo de preservar sua identidade. A mediadora pode ser identificada por Érica. As exibições do filme, do documentário e do artigo tiveram o propósito de incentivar a discussão.

IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta a análise da fala-em-interação durante a realização de três grupos focais envolvendo jovens estudantes da EJA de uma escola pública localizada em um bairro de periferia, com o objetivo de identificar a construção de identidade desses estudantes através do conceito de categorização de membros.

Verificando-se como determinada identidade é ratificada no cenário em que os estudantes participam como atores sociais, a organização da análise de dados foi feita levando em consideração o tópico principal das interações, que é o relato da experiência de serem estudantes de EJA, moradores de um bairro pobre e seus subtópicos. Para a análise, selecionamos as recorrências de cada assunto nos três grupos. Assim, dentro dos relatos dos estudantes, os assuntos mais debatidos são a relação dos estudantes de EJA com: i) a escola; ii) o comércio da cidade pesquisada; iii) a família e vizinhança; iv) a polícia e, por fim, iv) as perspectivas de futuro, conforme podemos verificar na tabela a seguir:

Tema	Número de ocorrências:
Relação com a escola	9
Relação com o comércio	11
Relação com família/vizinhança	7
Relação com a polícia	18
Perspectivas de futuro	8

Tabela 1: Temas mais recorrentes durante as interações.

Por fim, apresentaremos um subtópico geral, demonstrando como as atividades e atributos citados pelos estudantes durante os relatos nos grupos focais podem revelar uma identidade de *outsider*.

4.1. Transcrição de fala

Para a análise dos dados coletados, as informações obtidas através do grupo focal foram transcritas dentro das normas da Análise da Conversa, em que investigamos como os estudantes se enquadram em diversas categorias de pertencimento presentes na fala-em-interação e como eles atribuem categorias à comunidade de *estabelecidos*. Para

tal, foi feita uma transcrição minuciosa e descrição dos dados obtidos, com base na literatura aqui proposta.

Um dos pontos mais importantes na pesquisa que envolve entrevistas e análise da conversa é a transcrição de falas, que pode ser considerada “a representação do evento interacional em si, descrevendo não somente o que aconteceu, mas também como a interação tomou forma” (SCHNACK, PISONI e OSTERMANN, 2005).

Durante a transcrição, o analista da conversa deve estar atento a todos os aspectos da gravação, nem sempre ligados à palavra. De acordo com Schnack, Pisoni e Ostermann (2005), a entonação, volume de voz, risos, silêncios, respiração devem ser considerados na transcrição, e, para isso, convencionou-se incluir marcadores para esses aspectos secundários à fala. Normalmente, utiliza-se as convenções elaboradas por Gail Jefferson (1984), devido à sua perspectiva interacional. Tais convenções, conhecidas e quase que universais, têm sido, de acordo com Schnack, Pisoni e Ostermann (2005), adaptadas para diferentes contextos por aquelas pessoas que delas se utilizam e de acordo com os objetivos da pesquisa, por isso é pertinente que as convenções utilizadas sejam anexadas ao material publicado.

Barbour (2009) também destaca a importância da transcrição e das convenções para uma pesquisa. Segundo a autora, “[a] análise da conversação requer que as transcrições sejam produzidas de acordo com um conjunto de convenções, utilizando uma série de símbolos para indicar determinadas características da conversa” (BAURBOR, 2005, p. 109), pois todos os detalhes além da fala podem ajudar na análise das entrevistas. Assim, “[q]uanto mais microanalítica for a perspectiva de análise, maior detalhamento deverá estar presente na transcrição. Em alguns casos, isso significa transcrever tanto os centésimos de segundos de pausa quanto as inspirações e expirações mais perceptíveis” (SCHNACK, PISONI e OSTERMANN, 2005).

Corroborando com as autoras no que diz respeito à importância da transcrição em uma pesquisa, Poland e Pederson (1998) afirmam que

[t]ão veneradas são as transcrições no processo da pesquisa qualitativa que raramente questionamos o seu valor ou os modos pelos quais elas são produzidas. As transcrições requerem certas habilidades especiais e envolvem a transformação de discussões ligeiras e acaloradas em um texto (POLAND e PEDERSOM²², 1998, p. 302 apud BARBOURS, 2009, p. 109).

²² Poland B & A Pederson. Reading between the lines: interpreting silences in qualitative research. *Qualitative Inquiry*, 1998. pp 293-312.

Nesse contexto, o pesquisador deve apresentar bom senso e cuidado ao transcrever e analisar as falas de seus entrevistados, uma vez que aspectos às vezes considerados ínfimos podem ser cruciais no resultado final da análise. Schnack, Pisoni e Ostermann (2005) lembram dois pontos fundamentais que devem permear a técnica da transcrição. i) a transcrição deve ser uma representação o mais fiel possível da realidade e ii) as marcas linguísticas das identidades dos participantes devem ser mantidas.

A fidelidade no que diz respeito à transcrição vale tanto ao transcrever a fala dos entrevistados como do entrevistador, a fim de manter a fidelidade e, também, facilitar a análise. Nessa perspectiva,

manter as marcas linguísticas de identidade dos participantes também contribui para que não se criem preconceitos, uma vez que o foco são os dados, e não as identidades individuais de cada interagente. Para que isso ocorra, é prática comum a troca tanto do nome dos interagentes quanto dos nomes citados por esses como, por exemplo, o nome de alguma loja, escola, ou de outros lugares relacionados aos interagentes (SCHNACK, PISONI e OSTERMANN, 2005).

Outra questão fundamental para o pesquisador que deseja transcrever dados é a ciência de que nenhuma gravação de interação pode ser realizada caso os interactantes não estejam cientes e em concordância da mesma.

Consideramos pertinente explicar que as transcrições dos grupos focais que conduziram esta pesquisa foram enumeradas separadamente, em ordem crescente. A primeira transcrição teve 458 linhas; a segunda, 770 e a terceira 1396 linhas. Escolhemos os trechos para análise de acordo com a pertinência para nosso estudo. As transcrições na íntegra podem ser encontradas nos anexos da dissertação, entre as páginas 120 e 163.

4.1.2. Convenções de Transcrição Jefferson

Apresentamos, a seguir, as convenções de transcrição propostas por Jefferson (1984), traduzidas e adaptadas por Schnack, Pisoni e Ostermann²³ (2005), as quais foram adotadas na transcrição dos grupos focais da presente pesquisa. Em seguida,

²³ Fonte: SNACK, C. M.; PISONI, T. D.; OSTERMANN, A. C. Transcrição de fala: do evento real à representação escrita. **Entrelinhas**, ano II, n. 2, mai/ago 2005. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=12>>. Acesso em: 15/08/2010.

iniciaremos a análise dos nossos dados, apresentando e analisando, em um primeiro momento, um trecho da interação em que os estudantes relatam o tratamento que costumam receber na escola.

[texto]	Falas sobrepostas
=	Fala colada
(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
,	Entonação contínua
.	Entonação ponto final
?	Entonação de pergunta
-	Interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som
>texto<	Fala mais rápida
<texto>	Fala mais lenta
°texto°	Fala com volume mais baixo
TEXT0	Fala com volume mais alto
Texto	Sílaba, palavra ou som acentuado
(texto)	Dúvidas
XXXX	Texto inaudível
((texto))	Comentários da transcritora
@ @ @	Risada
↓	Entonação descendente
↑	Entonação ascendente
hhh	Expiração audível
.hhh	Inspiração audível

Tabela 2: Convenções de transcrições propostas por Jefferson (1984).

A gravação (em áudio) dos encontros entre pesquisadora e alunos foi feita fora da sala de aula, em uma área cedida pela direção da escola. Durante as discussões geradas nos grupos focais, observamos que os estudantes narram, a todo o momento, situações de discriminação e de estigmatização a que são submetidos em seu cotidiano.

Eles afirmam que a cor da pele, a condição social e o local onde moram são determinantes para a exclusão que sofrem por parte de pessoas que os rotulam e estigmatizam. De acordo com esses estudantes, muitas vezes o rótulo vem dos próprios funcionários e professores da escola onde estudam.

4.2. Rotulação na escola

No primeiro excerto selecionado, os alunos relatam como são tratados na escola. Eles reclamam da forma com que direção e funcionários da escola dirigem-se a eles, alegando que, muitas vezes, são desacreditados e até mesmo injustiçados. É importante observar neste trecho a coconstrução de identidade de *outsider* entre os alunos, que formam, assim, uma identidade de grupo.

Excerto 1

54 Érica Tá. Eu Agora eu preciso saber uma outra questão. É:::
55 como(.) que vocês acham que a escola vê vocês? Cê acha
56 [que:::]
57 Hugo [Eu acho que ela vê de outras maneiras, [a gente]
58 Ricardo [a gente]
59 Rodrigo [mexe com
60 dro::gas, a gente às vezes só porque a gente faz uma
61 baguncinha é:: nós são são tenta::do
62 ((Confusão - muitos querem falar))
63 Hugo É::: [Vagabundo]
64 Ricardo [É a Desigualdade]
65 Hugo Se a gente faz bagunça já acha que tem que chamar
66 [polícia]
67 Ricardo [é desigualdade professora²⁴]
68 ((alguém tosse))
69 Hugo [pa bater ni nós]
70 Ricardo [é desigualdade professora]
71 Hugo [já acha que tem que fazer de várias maneiras uai]
72 Ricardo [heim, professora, é muita desigualdade]
73 Hugo [Hoje não tem [limite]
74 Ricardo [É muita desigualdade]
75 Hugo [hoje cê não tem nada nessa escola] aqui
76 hoje não, sô
77 Ricardo É muita desigualdade, tipo assim. Ti- que nem, que nem
78 eu conheço. Tem aluno fumano dendo banheiro, pessoal.
79 MAIORIA das coisas que cai é:: é aluno da quinta
80 professora é e a maioria das vezes num é uai.
81 Érica Então você acha que tem desigualdade com a turma?

²⁴ Durante as interações, os estudantes referiam-se a mim, pesquisadora, como professora. Embora no início das interações eu sempre me apresentasse como estudante de mestrado que estava realizando uma pesquisa na escola, os jovens não me identificaram como pesquisadora, provavelmente por me conhecerem como professora. Acreditamos que esse fato tenha auxiliado para o bom desenvolvimento dos grupos focais, uma vez que os alunos tiveram plena liberdade e se sentiram à vontade para expor suas opiniões durante o debate, já que eu não era estranha ao convívio deles.

82 Ricardo Não. com a turma e com a o pessoal da esCOla toda
83 toda, professora. não é só com uma turma [não ué.]
84 Rodrigo [°na sala
85 também, né, que tem uns também que que já tá já é meio
86 pichado né, aí a culpa cai tudo neles né?°
87 Érica Os alunos são pichados?
88 Hugo XXXXX Eles acha que já pode começar, é vagabundo, é:::
89 é tal fulano mexe com droga, é::: é zuado
90 Érica Peraí, Por- quem fala isso? que [você]s
91 Hugo [A:::h, várias
92 pessoas] a diretora cê acha que ela num imagina isso
93 não? Inspetor? É::: Eles né bobo não uai.
94 Érica Mas por que que cês acham [isso]?
95 Hugo [olha pa gente com outra
96 cara uai, cê acha que eles vai criticar não? O santim?
97 Que santim nada rapá.]=
98 Érica =Mas por que que cê acha que
99 eles tratam vocês assim?
100 Hugo A:::h, num sei não sei as mente deles uai.
101 Marcelo o modo de tratar, professora. Cê pergunta eles as
102 coisa, eles num leva ocê a sé:::rio
103 Hugo °Num leva mesmo não, é difícil°
104 Marcelo Se ocê chegar lá e falar que cê tá passano mal eles
105 fala que é desculpa °que cê tá mentindo°
106 Rodrigo Se vai embora cedo é::: pá é pra fumar usar droga na
107 rua afora, pra rua afora (2.3) é::: pra fumar dro:::ga.

Observamos no extrato acima que, durante a interação, os participantes se mostram bastantes interessados em expor a opinião, por isso, muitas vezes, acontece a sobreposição das falas, como, por exemplo, quando Ricardo insiste em afirmar que sofre com a desigualdade (linhas 64, 67, 70, 72, 74 e 77), sobrepondo-se à fala de Hugo. Quando Ricardo finalmente consegue tomar o turno, ele explica que sofre com a desigualdade por ser aluno da quinta série. Isso acontece porque, no contexto escolar, a EJA já é considerada desviante, uma vez que recebe alunos fora dos padrões, como idade escolar, disponibilidade para o estudo, entre outros, e, na escola pesquisada, as turmas de quinta série da EJA costumam ser as mais problemáticas, por serem compostas por alunos que sempre evadem antes do término do período letivo pelos mais variados motivos (problemas com a polícia, envolvimento com drogas, preguiça, trabalho etc) e retornam à quinta série todo início de ano letivo, num ciclo vicioso. Geralmente, esses alunos são considerados, pela direção da escola, os mais indisciplinados. Também são os alunos que apresentam grandes índices de evasão e repetência.

Ainda neste trecho, fica explícita a forma como os estudantes percebem os rótulos que recebem, quando, por exemplo, Rodrigo declara que funcionários da escola os veem como pessoas que mexem com drogas ou como *tentados* (linha 60), atividades

e categorias que remetem à coleção de alunos bagunceiros, desordeiros, ou seja, rótulos que funcionários da escola atribuem a esses alunos, de acordo com relatos destes.

Nesse contexto, percebe-se, através da fala dos estudantes, que eles apresentam várias atividades que categorizam seus agentes como desviantes, como *tal fulano mexe com droga* (linha 94) ou atributos que remetem à categoria de desviante, como *tentado* (linha 60), *vagabundo* (linhas 63 e 88), *pichado* (linha 86), *zuado* (linha 89).

Quando Ricardo insiste em afirmar que sofre com a desigualdade, ele tenta justificar o motivo pelo qual recebe o rótulo de desviante. Quando Hugo toma o turno na linha 91 e afirma que a direção da escola não enxerga os alunos como *santim*, ele está projetando uma autoimagem, uma autocategorização, ou seja, ali ele se categoriza, se identifica, mostrando a percepção que tem de si mesmo a partir do espelho do outro. Assim, o estudante se vê refletido pela opinião que o outro tem dele. Isso fica claro entre as linhas 92-93, quando Hugo faz uma menção à diretora e ao inspetor da escola: *a diretora cê acha que ela num imagina isso não? Inspetor? É::: Eles né bobo não uai*. Desse modo, Hugo se categoriza da forma que ele percebe que os outros o veem.

Quando Hugo e Marcelo explicam para a mediadora por que acreditam serem maltratados pelos *estabelecidos*, eles apresentam, mais uma vez, pistas de que reconhecem sua situação de desviante no ambiente escolar, ao afirmar que percebem o tratamento diferente através de gestos e ações, como o modo ríspido com que os *estabelecidos* os tratam (*Cê pergunta eles as coisa, eles num leva ocê a sério; Se ocê chegar lá e falar que tá passano mal eles fala que é desculpa, que cê tá mentindo; Se vai embora cedo é pá, é pra fumar, usar droga na rua afora, pra rua afora, é pra fumar droga* – linhas 101-107).

Nota-se também que o uso dos pronomes *a gente* (linhas 57, 58, 65 e 95) e *nós* (linhas 61 e 69) parece constituir uma estratégia discursiva de proteção da face, uma vez que, ao usar tais pronomes no plural, ao invés de *eu*, os estudantes demonstram que não são os únicos que sofrem rotulação.

Outro aspecto que chama a atenção neste trecho são as interrupções frequentes que acontecem durante a interação. Bennet²⁵ (1981) apud Tannen (2010) explica que a sobreposição de vozes é mecânica. De acordo com ele,

²⁵ Bennet, A. Interruptions and the interpretation of conversation. **Discourse Processes** 4, 171-88, 1981.

[q]ualquer um poderia ouvir uma conversa, ou gravá-la, e determinar se duas pessoas estavam ou não falando ao mesmo tempo. Entretanto, a interrupção é inegavelmente uma questão de interpretação quanto aos direitos e obrigações individuais. Para determinar se um falante está violando o direito do outro, é preciso conhecer bem os dois falantes e a situação. Por exemplo, o que os falantes estão dizendo? Há quanto tempo cada um está falando? Qual é sua relação pregressa? Como eles se sentem ao serem interrompidos? E, mais importante, qual é o conteúdo do comentário do segundo falante em relação ao primeiro. Trata-se de um reforço, uma contradição, ou uma mudança de tópico? Em outras palavras, o que o segundo falante está tentando *fazer*? (BENNET apud TANNEN, 2010, p. 69).

Desse modo, é importante considerar que “uma sobreposição - duas vozes falando ao mesmo tempo – não é necessariamente uma interrupção, isto é, uma violação dos direitos da fala de alguém” (TANNEN, 2010, p. 71). Nesse sentido, ao interromperem constantemente a fala dos colegas, o que pode ser percebido através dos colchetes alinhados, os estudantes estão, na verdade, fazendo uma interrupção cooperativa, estabelecendo um alinhamento de grupo. Assim, eles constroem a história juntos, o que reforça a construção da identidade coletiva. Chegamos a essa conclusão ao observar que, durante as interrupções, não há indicação de ressentimentos por parte dos alunos interrompidos, e que, os que interrompem, não o fazem com a intenção de violar os direitos de fala dos demais. Dessa forma, as sobreposições são cooperativas, ou seja, um modo de mostrar envolvimento, participação, conexão com o outro. Então, fica claro que, através das interrupções, os jovens estão apoiando uns aos outros, como membros de um mesmo grupo.

Outra questão relevante neste trecho é a tentativa constante que os alunos fazem de salvar a sua face e, ao mesmo tempo, proteger a face do colega, o que nos leva a perceber que tais atitudes indicam uma interação que possui uma mesma lógica grupal, o que ratifica a teoria da elaboração da face, proposta por Goffman (1980 [1967]). Segundo o autor, a elaboração da face faz parte da cultura da interação social e está presente em toda e qualquer forma de sociabilidade.

Também é interessante notar que as considerações feitas pelos estudantes em seus relatos nos remetem à Teoria de Atribuição de Rótulos²⁶ – *labeling theory* – (Coulon 2005a, 2005b), que, segundo Coulon (1995b, p. 16), faz parte do interacionismo simbólico e se baseia na orientação de que o mundo social não é dado, mas construído no momento das interações. Para o autor, a preocupação da teoria da atribuição de rótulos não é questionar a natureza ou motivação dos atos desviantes, mas

²⁶ De acordo com Coulon (1995b) foi traduzida para o francês como “teoria da designação”, tendo sido utilizada para explicar o desvio social.

sim saber por que e por quem determinadas pessoas são rotuladas como desviantes. Assim, ao rotular os moradores do bairro Novo Mundo como desviantes, os *estabelecidos* estão exercendo o controle social sobre aqueles que eles acreditam fugir às regras que impõem em sua condição de “pessoas normais”. Nesse contexto, de acordo com Coulon (1995a), “[p]ensa-se que o desvio é ao contrário criado por um conjunto de definições instituídas, pela reação social a atos mais ou menos marginais, em suma, acredita-se que o desvio é o resultado ou a consequência de um juízo social” (COULON, 1995a, p. 16).

Na perspectiva de que o mundo social não é dado, mas construído durante a interação, ao rotularmos uma pessoa, ela pode passar a ser assim como a descrevemos, na medida em que a própria pessoa rotulada acaba assumindo-se como tal, ratificando, através de seus comportamentos, a atribuição social que lhe é conferida. Isso é perceptível quando os próprios estudantes empregam um item de pertencimento à categoria de estudantes baderneiros, ao utilizarem palavras como *pichado* ou *zuado*, termos que fazem alusão a pessoas já estigmatizadas de forma pejorativa.

De acordo com Coulon (1995b), Peter McLaren (1989) mostrou, no estudo etnográfico efetuado junto da comunidade portuguesa de um estabelecimento secundário católico de Toronto (Canadá), que

todo sistema instalado pela escola podia ser compreendido como um ritual destinado a produzir ativamente a estrutura social marcada pela desigualdade, desencorajando as aspirações dos alunos das classes populares em vista de uma sorte melhor, apesar de sua resistência ativa à opressão ideológica a que estão submetidos (COULON, 1995b, p. 87).

Assim, ao demonstrar conhecimento dos rótulos que lhes são impostos na escola, os jovens estudantes de EJA confirmam também estar cientes do processo de exclusão e estigmatização a que estão constantemente submetidos, não apenas no ambiente escolar, mas em outros segmentos sociais, inclusive dentro de suas próprias famílias.

4.2.1. Rotulação na comunidade

No trecho que segue, os estudantes de EJA relatam situações em que são tratados como delinquentes, porém enfatizam o fato de serem trabalhadores. Em seguida, apresentaremos relatos em que os estudantes contam como são tratados em algumas casas comerciais da cidade pesquisada.

Excerto 2

114 Hugo Eles acham que a gente::. (.) FICA AÍ ó vagabundano eu
115 num sou num sou vagabundo, num mexo com dro::ga. Eu
116 meu fio eu trabalho todo dia aí meu fio.> Acordo seis
117 horas da manhã pra que. Chegar quatro horas e pra vim
118 pra escola ainda meu fio<.

119 Marcelo Pior é chegar na escola e [XXXXX]
120 Hugo É professor xingar a gente, é inspetor meter ferro,
121 traficantinho hhh falar que tão mete- que polícia tá
122 meteno a mão na gente lá fo::ra, que eu tô roubano
123 celular eu não tô fazendo o escambau aqui não
124 Rodrigo Quando a gente trabalha >tá lá trabalhando aí NINGUÉM
125 VÊ< (.) agora quando dá uma volta de rolê aí é
126 vagabundo, é a toa, não faz nada da vi::da hhh que
127 isso [aquilo]

128 Ricardo [Não.] Quando eu tô ralando, professora, quando
129 tô trabalhando XXXX. Olha procê vê, ó, minha mão tudo
130 cheia de graxa ó
131 XXXX ((muitos falam ao mesmo tempo))

132 Érica Oi?
133 João °Tem que divulgar, meu fio°
134 Érica °O que que tem que divulgar?°
135 João °Ele ó, ele aí tá falando lá uai, que e- que ele
136 trabalha°

137 Ricardo Todo mundo acha que é brincadeira, professora. NINGUÉM
138 GOSTA DOCÊ NÃO, pra todo mundo aê eu sou traficante, o
139 que acontece lá na rua de casa lá, ow, se sumir um
140 negócio lá na ((palavra de baixo calão)) lá meu [fio]
141 Hugo [°ó.
142 Tá doido?°]

143 Ricardo [eles vai lá em casa] meu fio, perguntar se fui eu que
144 meti a mão uai.

145 Érica Mas eles acham que você é bandido?
146 João Não. Vagabundo, [sem vergonha.]

147 Ricardo [ô professora:: lá perto de casa lá é
148 @@@ lá na rua lá eu sou o maior vagabundo, que eles
149 fala que::: que é o fio de M que é o vagabundo,
150 professora
151 @@@

152 Rodrigo Professora, traduzindo::: trombadinha @@@
153 Ricardo Trombadinha, sem vergonha, heim @@@ NÃO vagabu::ndo,
154 tudo que acontecer aqui no XXXX eles joga a culpa ni
155 mim.

156 Rodrigo @@@ Noia::do, Noia::do
157 Érica Mas quem, peraí, quem quem joga a culpa nocê, é isso
158 que eu quero saber, QUEM joga a culpa ni você?

159 Ricardo Ah, professora, que::: (.) ah eles já jogaram em tudo
160 quanto é lugar né professora.

161 Érica Mas quem, é isso que eu quero saber. Quem? Vizinho,
162 polícia, professor?

163 Ricardo Tudo
164 Ricardo É vizinho, é professor, polícia.
165 Marcelo °Eu já tomei couro de polícia aí à toa°
166 Ricardo Eu tamém.

Nesse excerto, os participantes estão engajados na ação de esclarecer que, apesar dos rótulos de desviantes que recebem, eles são trabalhadores. Assim, entre as linhas

114 e 130, eles tentam se inserir dentro da coleção de pessoas trabalhadoras, ao se categorizarem como sujeitos responsáveis, que trabalham e estudam. Percebe-se neste trecho uma tentativa de proteger a face positiva, por parte dos estudantes, ao dar explicações, cujo objetivo é isentá-los do julgamento negativo dos demais participantes do grupo focal. Entre as linhas 120 e 123, percebe-se, na fala de Hugo, um desabafo, quando ele afirma que funcionários da escola sempre o responsabilizam pelos atos de vandalismo que acontecem na escola.

Ao observar a fala de Rodrigo, nas linhas 124 a 127, em que o mesmo afirma que *Quando a gente trabalha >tá lá trabalhando aí NINGUÉM VÊ< agora quando dá uma volta de rolê aí é vagabundo, é a toa, não faz nada da yi::da hhh que isso, [aquilo], podemos resgatar a teoria de Goffman sobre estigma ([1963]/2008a), que afirma que “estigmas tribais de raça, nação e religião podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (p. 14). Assim, atributos pertencentes a Rodrigo, como a cor da pele e sua condição de residir em um bairro estigmatizado, fazem com que ele seja rotulado como marginal, segundo seu relato, e ratificam a afirmativa de Goffman: o estigma contamina. Desse modo, atributos como à-toa, vagabundo e atividades como não fazer nada da vida categorizam o estudante como *outsider*.*

Outro dado interessante do excerto 2 é quando Rodrigo afirma: “NINGUÉM GOSTA DO CÊ NÃO”. Nesse trecho, ele universaliza, generaliza a informação, numa tentativa de legitimar o que está afirmando. Porém, na linha 156, quando o estudante afirma que *eles joga a culpa ni mim*, ele toma para si a rotulação; um pouco mais adiante, ao ser questionado sobre quem o culpa, o estudante responsabiliza os *estabelecidos*, ao afirmar que *eles já jogaram em tudo quanto é lugar* (linhas 159-160).

Retornando à linha 153, quando Ricardo afirma que os *estabelecidos* acham que ele é *vagabundo* e *sem vergonha*, nota-se, nesta afirmativa, a percepção, por parte do estudante, da imagem que o outro tem dele. Isso pode ser traduzido como um processo de autocategorização através do espelho, de como ele se vê refletido no outro e ratifica tal visão durante a interação.

Nesse excerto, é interessante notar que, a todo o momento, os participantes apresentam atributos (*vagabundo, traficantinho, à-toa, traficante, bandido, sem vergonha, trombadinha*) e atividades (*ficar “vagabundando”, mexer com droga, apanhar da polícia, roubar celular, fazer nada da vida*) que remetem à categoria de desviantes, revelando uma identidade de *outsiders*.

Nesse contexto, frisamos, mais uma vez, que ao enumerar atributos e atividades que os categorizam como *outsiders*, os estudantes reproduzem a imagem que eles acreditam que os *estabelecidos* têm deles, assumindo tais atributos, num processo de autocategorização, ou reproduzindo, através da fala, o juízo que eles pensam que os membros da “boa sociedade” fazem deles.

É interessante observar, nessa perspectiva, as seleções feitas pelos alunos para demonstrar os rótulos que os *estabelecidos* lhes atribuem. Como as identidades são interpretadas como categoria a partir de alguma coleção de categorias, podemos confirmar que os alunos compreendem que, para os *estabelecidos*, eles estão incluídos na coleção de *bandidos*, quando são categorizados como *vagabundos*, *traficantinhos*, *traficante*, *sem vergonha* e *trombadinha*.

De acordo com Coulon (1995b), “[s]er designado como desviante resulta, de fato, de uma grande variedade de contingências sociais, influenciadas por aqueles que detêm o poder de impor tal designação”. No caso, os detentores desse poder são os *estabelecidos*, que, de acordo com os depoimentos dos estudantes, por exercerem certo controle social, julgam, humilham e negam a esses jovens melhores oportunidades. Assim,

[o] desviante é aquele que é capturado, definido, isolado, designado e estigmatizado. Trata-se de uma das ideias mais fortes da teoria da designação o fato de pensar que as forças do controle social, apontando determinadas pessoas como desviantes, acabam por confirmá-las como tais por causa da estigmatização que está ligada a essa designação (COULON, 1995b, p. 95).

Ao mencionar as categorias que colocam os estudantes na posição de bandidos, podemos afirmar que, para os *estabelecidos*, a identidade desses estudantes da EJA está relacionada a rótulos de cunho pejorativo, o que torna esses jovens, segundo os membros da “boa sociedade”, até mesmo perigosos para o convívio social. Porém, os estudantes afirmam que são trabalhadores, honestos e que, inclusive, não possuem ligação com o tráfico, atributos que, segundo eles, não são considerados pelos membros da sociedade de *estabelecidos*, os quais consideram os jovens estudantes de EJA desmerecedores de seu respeito e inaptos ao convívio social. Os estudantes acreditam que recebem tais rótulos devido ao fato de serem negros e por morarem em um bairro de periferia.

No excerto seguinte, Hugo fala sobre o tratamento dispensado aos jovens estudantes de EJA moradores do bairro Novo Mundo quando os mesmos frequentam determinados lugares públicos.

Excerto 3

566 Hugo Ah °professora° tem uns lugar aí ó, uns ↑ lugar aí
567 ((alguém tosse)) entendeu, saí aí, ó, umas pizzaria aí
568 ó (.) às vezes cê é negro, cê num pode chegar nem
569 entrar nem sentar porque se sentar, meu fio, aí todo
570 mun- todo mundo começa a olhá Ó, ↓ o estilo daquela
571 pessoa vestir ↓, ↑o estilo dela sentar, de comer, tudo
572 mesmo, eles arrepara
573 João É:::
574 Érica Cês acham que cês sofrem preconceito?
575 Hugo I:::h, sofremo é demais rapaz só por causa que nós é
576 preto? Eles é branco ↓meu fio.

Neste excerto, Hugo relata situações em que sofre preconceito, como quando vai a certos locais frequentados pelos *estabelecidos* (no exemplo, uma pizzaria). Assim que Hugo termina o relato, João toma o turno para concordar com o que foi dito. Em seguida, a mediadora assume o turno e faz uma pergunta, prontamente respondida por Hugo, que afirma sofrer demais só porque é *preto*. Ao fazer essa afirmativa, Hugo usa a terceira pessoa: *sofremo é demais rapaz só por causa que nós é preto* (linhas 575-576). Ao empregar essa categoria inclusiva, evidenciada pelo pronome *nós*, Hugo constrói a ideia de que a sensação de ser vítima de preconceito não é apenas dele, mas de todos os negros. Assim, ao mesmo tempo em que o inclui, tal categoria (ser negro) não o torna o único a sofrer discriminação por causa da cor da pele, constituindo, assim, uma estratégia de proteção de face. O mesmo ocorre quando ele usa o pronome *cê* (linha 568) para se referir a ele mesmo. Ele não se assume como a pessoa que sofre discriminação, mas generaliza, deixando subentendido que todos que têm a mesma situação social que ele passam pelo mesmo problema.

Hugo ainda faz outra generalização ao atribuir aos estabelecidos a responsabilidade por não tratá-lo bem. O estudante faz uma generalização ao afirmar que *cê num pode chegar nem entrar nem sentar porque se sentar, meu fio, aí todo mundo começa a olhá* (linhas 569-571), como se todos os membros da “boa sociedade”, que Hugo categoriza como *brancos* (linha 576) se incomodassem com a presença dele (e de qualquer outro negro).

Ainda neste trecho da interação, ao expor situações vividas em ambientes como uma pizzaria, Hugo se mostra bastante afobado. Isso se revela por meio de alterações constantes no tom de voz, interrupções bruscas e repetições.

4.2.2. Fazendo compras

Nesta seção, os estudantes relatam situações de discriminação que enfrentam no dia a dia por carregarem consigo certas marcas de estigma. Percebemos que eles enfrentam dificuldades até mesmo durante a realização de ações corriqueiras, como entrar em uma loja, conforme podemos verificar nos excertos abaixo:

Excerto 4

238 Érica [os donos das lo:::jas.] ↑Como que
239 essas pessoas veem vocês? Vão lá.
240 Ricardo Aê ó a gente entra denduma loja pra comprar u:::m par
241 pa:::r, comprar um calçado >alguma coisa assim né<
242 eles já fica do lado assim ó já fica do lado oiano com
243 oio torto. Na hora cocê tira dinheiro do bols
244 professora eles fala cocê robô, eles fala tanta coisa
245 meu fio XXXX que não vende fessora não vende, não
246 vende meu fio.
247 Érica Alguém aqui já sofreu preconceito no comércio, por
248 exemplo?
249 Marcelo Celular
250 Érica Ahan
251 Marcelo Uma vez fui comprar um celular e eles falou assim
252 que:::, que::: eu num podia::: é::: dividir o celular
253 não, sendo que eu ia comprar o trem à vista. Chegou e
254 Cê num pode dividi não e já falaro falei eu vou comprá
255 o trem à vista eu num tô perguntano ocê se eu vô
256 dividi não ué.
257 Érica É::: vocês já sofreram, alguém aqui mais?
258 Rodrigo Eu já, fessora.
259 Érica Ahan
260 Rodrigo Uma vez eu entrei no supermercado lá no::: lá no
261 bairro onde eu moro lá né o cara falou assim que eu
262 tava robano lá >que eu tinha mexido nas coisas lá né<
263 aí eu fui lá no::: pracinha no mercado assim comprar
264 um negócio lá né aí eu peguei e mexi na blusa assim e
265 ele pegou e cismou que eu tava quereno robar lá XXXX
266 minha blusa falano que eu tinha robado lá
267 Érica Mas por que você acha que eles suspeitaram de você?
268 Rodrigo Não porque eu ando porque::: eu ando que >eu ando com
269 meus colegas< ↑sabe os colegas lá do do do meu bairro
270 lá sabe que já mexeu lá já que já roubou lá já roubou
271 no mercado. Aí eu andava com eles sabe aí eu andava
272 com eles aí eles me via sabe (todo dia) não vou mexê
273 não. Aí quando eu entrei lá eles ficou meio
274 desconfiado de mim (.) só por caso dos dos meus
275 amigos mexê.

O excerto acima mostra como os estudantes descrevem o tratamento que recebem no comércio da cidade pesquisada, principalmente em lojas localizadas na região central do município.

No trecho, Érica inicia o turno perguntando se alguém já havia sofrido preconceito no comércio (linhas 238-239). Marcelo se autosseleciona e afirma que foi vítima de preconceito ao tentar comprar um celular (linha 249). Ao emitir um continuador *Ahn* (linha 250), Érica devolve o turno de fala a Marcelo, que inicia um reparo, explicando que foi comprar um aparelho de telefone celular e os vendedores, identificados pelo contexto como *eles* (linha 251), afirmaram que o estudante não poderia efetuar a compra a prazo. Em sua fala, Marcelo explica que compraria o aparelho à vista. Além de demonstrar certo nervosismo durante seu relato, o que pode ser percebido através dos alongamentos de vogais (linha 252), ao referir-se ao celular como *trem* (linha 253), Marcelo deixa clara a sua irritação durante a fala. Assim que Marcelo termina o turno, Érica inicia um novo turno, questionando aos outros participantes se alguém mais já havia sofrido preconceito no comércio (linha 257). Rodrigo toma o turno e afirma que sim (linha 258). Mais uma vez, Érica emite um continuador *Ahn* (linha 259), devolvendo o turno a Rodrigo, que inicia o relato de quando foi acusado de roubo em um supermercado. Durante a narrativa de Rodrigo, é possível perceber que ele se sente incomodado ao falar sobre o assunto, pois o mesmo apresenta perturbações na produção de seu turno, como alongamento de sons e uma série de repetições. Tais características mostram sua orientação para um assunto que julga problemático ou delicado, uma vez que o estudante está se expondo de forma negativa. Após o relato do jovem, Érica produz uma elocução do par adjacente, perguntando a Rodrigo por que as pessoas suspeitaram dele (linha 267). Rodrigo, então, assume o turno e explica que é porque alguns colegas dele já roubaram no supermercado (linhas 268-275). Neste trecho, mais uma vez, percebe-se o incômodo durante a fala de Rodrigo, marcada principalmente pela repetição das ideias.

No relato de Rodrigo, novamente verifica-se a concepção de Goffman ([1963], 2008a), de que o estigma contamina. O fato de Rodrigo ter amigos que já roubaram fez com que os funcionários do supermercado desconfiassem dele e o acusassem de roubo.

Através dos relatos dos alunos, percebemos que, ao frequentar as mesmas lojas que os *estabelecidos* frequentam, os jovens estudantes estão constantemente expostos a um rótulo negativo, depreciativo, como exposto no excerto 5.

Excerto 5

743 Júlio Mas aqui no Novo Mundo fessora. Aqui no Novo Mundo a
744 gente é mais bem tratado do que lá no Centro fessora
745 Érica Aqui::: dentro cês são bem tratados.
746 Júlio Aqui no Novo Mundo a gente é muito mais bem tratado
747 do que lá no Centro aí te:::m > muitas pessoas que num
748 gosta da gente não< igual por exemplo eu fui comprar
749 um calçado ↑lá no *Status* [loja] lá::: ↓endendeu?
750 ↑sabe? Eu fui tratado (1,09) com desprezo mesmo. A
751 branquela me olhou assim, com jeito, até com a cabeça
752 assim dos pés à cabeça. Aí eu perguntei pra ela ↑Por
753 que ocê tá me olhando? Tá achando que eu preciso
754 roubar? >Não preciso não, eu tô com dinheiro aqui,
755 vou comprar um tênis aqui<. ↑Aí ela me perguntou de
756 quem que eu era irmão. Eu sou irmão de Vítor, eu
757 tenho até conta aqui. Aí ela qual o seu nome? Júlio
758 ↑Aí ela viu que eu tinha conta lá ela me pediu
759 desculpa porque::: ela me olhou de um jeito assim
760 é::: eu percebi que ela me olhou com jeito de
761 desprezo. ↑Aí eu não liguei não eu comprei o tênis e
762 saí tranquilo. Aí agora toda vez que eu volto lá
763 agora eles (tentam me agradar) o máximo possível
764 Henrique Quando ocê vai numa loja procê olhar uma roupa uma
765 loja de de roupa (já ficam olhando procê) assim com
766 olho torto os os os vendedores. Já não tem nem jeito
767 docê entrar num lugar, eles ficam olhando com olho
768 torto, como se ocê fosse roubar alguma coisa fessora.
769 Pegar uma roupa e sair correndo. É assi:::m. O
770 pessoal é é assim mesmo. Isso não muda não.

No excerto 5, Júlio inicia o turno afirmando que no bairro Novo Mundo ele recebe melhor tratamento do que no Centro da cidade. Ao usar a categoria generalizadora *a gente* (linhas 743, 746 e 748), Júlio tenta demonstrar que, assim como ele, todos os moradores do bairro Novo Mundo são mais bem tratados no bairro onde moram do que no Centro. Mais uma vez, percebe-se, nesse discurso, uma tentativa de proteger a face, através de uma expressão generalizadora. Érica, então, faz um comentário repetindo o que Júlio disse no turno anterior (linha 745), devolvendo o turno ao estudante, que começa uma narrativa na qual relata uma situação em que foi vítima de preconceito. No início de seu relato, Júlio ratifica sua fala do turno anterior, reafirmando que recebe melhor tratamento no Novo Mundo do que no Centro. Novamente, o estudante usa uma categoria mais abrangente e inclusiva, *a gente* (linha 746) para afirmar que muitas pessoas não gostam dos moradores do bairro Novo Mundo. Em seguida, Júlio inicia o relato contando que, ao adentrar uma loja para comprar um calçado, foi tratado com indiferença pela vendedora. Observa-se, na narrativa, que o estudante insiste em enfatizar o descaso com que foi tratado no estabelecimento, utilizando a palavra *desprezo* (linhas 750 e 761) em dois trechos da

27 Onde que ele morava?
28 Cláudio °Na casa da tia°.
29 Érica Heim?
30 Paloma Na favela uai.
31 Érica Na favela. Qual que é a realidade de uma favela?
32 Cláudio Uai, violência, tráfico é:::
33 Nívea Crime
34 Cláudio Crime, os homi subindo
35 Leonardo XXX no Novo mundo aí num tem bandido não
36 Érica Agora::: cês acham que todo mundo que mora na favela
37 é vagabundo?
38 Cláudio Não.
39 Érica Mas como é. Que que cês pensam assim que as pessoas
40 que NÃO moram na favela acha::m o contrário?
41 Leonardo Acham todo mundo vagabundo
42 Nívea Acham que lá tem violência e XXX
43 Érica Oi?
44 Nívea Tem violência e tem morte e drogas.
45 Érica Na favela? Por exemplo é nós aqui do Novo Mundo, cês
46 acham Como as pessoas como que as pessoas lá de baixo
47 vê a gente aqui no Novo Mundo? Por morar aqui::: e
48 tal
49 Cláudio Falar falar mesmo a maioria quando ocê comenta com
50 alguém alguém que te ↓que te conhece (0,79) ↑ELE NEM
51 FALA direito na sua cara não. Com medo.
52 Érica Quando cê fala que mora no [Novo Mundo?]
53 [Porque:::] é assim vamos
54 dizer que é discriminação mesmo. É assim: cê mora
55 onde? ↓Ah eu moro no Novo Mundo, no Santa Rita ali.
56 ↑Na onde que é isso? eu falo que é distante, que é
57 longe mas não falo o bairro por (1,38) sei lá.
58 Érica Como assim você não fala do bairro?
59 Cláudio Não, pô. Todo mundo sabe que que aqui::: (1,67) todo
60 mundo sabe que aqui assi:::m (1,26) tem violência,
61 mas qual bairro que num tem? Colega meu passano ali
62 na no na linha ali ó é::: só tem prédio, casa bonita
63 ali::: e ↑tomou geral de dia. Ele tava vindo do
64 serviço.
65 Érica E ele mora no Novo Mundo?
66 Cláudio °Não. Ele mora no São Pedro°
67 Érica Ah tá. ↑Alguém aqui já tomou geral?
68 Maioria Eu já.

Logo no início da discussão, a pesquisadora pergunta ao demais participantes qual é a realidade de uma favela (linha 31). Cláudio se autosseleciona e começa a enumerar uma série de itens: *violência*, *tráfico* (linha 32). Enquanto Cláudio enumera, ele alonga a conjunção *e* (linha 32), que é aditiva, ou seja, certamente ele continuaria a fala, somando novos itens aos citados anteriormente, mas Nívea entende esse alongamento como o fim de uma fala e toma o turno, adicionando o termo *crime* (linha 33). Cláudio então ratifica a fala de Nívea, repetindo o item *crime* e segue enumerando os itens, completando com *os homi*²⁸ *subindo* (linha 35).

²⁸ Polícia

Quando a pesquisadora pergunta se os jovens acham que todos os moradores da favela são *vagabundos* (linhas 36 e 37), Cláudio logo afirma que não. A pesquisadora continua a instigar os estudantes, ao questionar se eles pensam que os não moradores da favela acham o contrário (linhas 39 e 40), e tem a confirmação de Leonardo, que afirma que *Acham que todo mundo é vagabundo* (linha 41). Nívea logo acrescenta que os não moradores da favela acham que na favela tem *violência, morte e drogas* (linhas 42 e 44). A pesquisadora então tenta contextualizar a situação para o bairro onde vivem os participantes, questionando como as pessoas “lá de baixo”, no caso os não moradores do bairro Novo mundo, enxergam os moradores locais (linhas 45-47). Cláudio, então, se autoseleciona e afirma que, quando comenta com alguém que mora no Novo Mundo, a pessoa passa a ignorá-lo, por medo: *Falar falar mesmo a maioria quando ocê comenta com alguém alguém que te ↓que te conhece (0,79) ↑ELE NEM FALA direito na sua cara não. Com medo*. (linhas 48-51).

Percebe-se, na fala de Cláudio, certo nervosismo, revolta. Isso pode ser percebido principalmente quando ele dá uma pausa de setenta e nove décimos de segundo e retoma a fala em um volume mais alto que no contexto anterior, para, em seguida, baixar o tom de voz, a fim de justificar o motivo pelo qual algumas pessoas o ignoram: o medo.

Érica logo questiona se isso acontece quando Cláudio fala que mora no Novo Mundo, e ele novamente explica que sim, demonstrando vergonha por morar no bairro: *Ah eu moro no Novo Mundo, no Santa Rita ali. ↑Na onde que é isso? eu falo que é distante, que é longe mas não falo o bairro por (1,38) sei lá (linhas 53-57)*. Cláudio não consegue explicar o motivo pelo qual omite o nome do bairro onde mora. Ele dá uma pausa de um segundo e trinta e oito décimos para, em seguida, dizer que não sabe a razão.

Érica, então, solicita um reparo, insistindo para que Cláudio explique por que omite o nome do bairro onde vive quando conversa com não moradores do bairro, e ele justifica dizendo que *todo mundo sabe que aqui assim (1,26) tem violência* (linha 59-60). Mais uma vez, Cláudio hesita para falar o motivo da sua vergonha, ao alongar a palavra *assim* e, em seguida, dar uma pausa de um segundo e vinte e seis décimos, dando a entender que estava selecionando o que iria dizer. Finalmente, ele explica que o motivo é todo mundo saber que, no bairro, há violência. Ao generalizar, escolhendo o termo *todo mundo* (linha 59), Cláudio tenta demonstrar que é lugar comum, de conhecimento de todos, o fato de o bairro Novo Mundo ser um local violento. Porém,

imediatamente, no mesmo turno, o estudante faz um reparo da própria fala, tentando afirmar que não apenas no Novo Mundo, mas em qualquer bairro, há violência, quando questiona: *mas qual bairro que num tem?* (linha 60). Em seguida, para ratificar a afirmativa anterior, Cláudio começa a relatar o caso de um amigo que estava em um bairro nobre, *onde só tem prédio, casa bonita ali:::* (linhas 63-64), e tomou geral da polícia²⁹. Érica questiona se o garoto reside no bairro Novo Mundo. Ao receber uma resposta negativa de Cláudio, Érica pergunta aos demais participantes do grupo quem já havia tomado geral. A maioria diz que sim.

Neste excerto, percebe-se que os estudantes incluem várias atividades categorizantes à coleção favela, como *violência, tráfico, crime, os homi subindo, morte e drogas*. Para os jovens, essas atividades fazem parte do cotidiano de uma favela, enquanto ter prédios e casas bonitas são características de bairros nobres. Neste trecho, fica implícito que os estudantes consideram o bairro Novo Mundo uma favela, principalmente na fala de Cláudio nas linhas 53-57, quando ele deixa claro que não fala o nome do bairro onde mora por causa da discriminação. Baseado nas teorias de Goffman (1080 [1973]), Koury explica a estratégia utilizada por Cláudio em seu discurso:

O medo da humilhação remete o sujeito a uma situação de ocultação da face. O indivíduo esconde-se como forma de não se expor, ou como modo de dissimular o sentimento de estar fora do lugar que ocupou, o que o leva a buscar, através da atitude de indiferença, sair da cena em que se viu envolvido sem prejudicar a sua imagem, ou prejudicando-a o menos possível, nem a do outro. (KOURY, 2010, p. 48)

Quando Cláudio afirma que o seu amigo tomou geral e Érica questiona quem do grupo já passou por isso e todos, inclusive as meninas, afirmam que já, fica claro que essa situação, que remete a desvio, é recorrente a grande parte dos estudantes de EJA.

4.2.4. Relação dos jovens com a polícia

Durante as interações entre a mediadora e os estudantes de EJA, o tema mais recorrente foi a relação desses jovens com a polícia da cidade pesquisada. Seleccionamos alguns trechos em que os participantes narram como se dá essa relação, que consideramos tensa e conflituosa, como veremos a seguir.

²⁹ Ser abordado e revistado pela polícia.

Excerto 7

189 Marcelo Eu fui humilhado aqui já uai XXX ((confusão,
190 incompreensível))
191 Marcelo Por causa de tatuagem eu fui discriminado mano.
192 Érica Cê foi discriminado por usar tatuagem?
193 XXXXX ((Confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
194 Ricardo Mexeram. Polícia já cansou de chegar e feito aborda-ô
195 vagabundo. Isso o que=
196 Hugo =eles falam que essa tatuagem é
197 de vagabundo, de cadeia lá ((mostra a tatuagem, o
198 desenho de uma mulher)). Essa tatuagem é de cadeia meu
199 fio. Essa tatuagem é de vagabundo, de cadeia... Acha
200 que assim essa tatuagem é de cadeia pra eles rapaz.
201 XXXX ((confusão, Muitos falam))
202 Ricardo (No carnaval) Nada a ver, nada a ver, tinha tanta
203 gente de blusão lá professora. Só porque eu tava de
204 touca ↑com essa touca que eu tô hoje ((mostra a
205 touca)) professora, e de blusão, ele me parou e eu
206 fiquei três dias preso uai.
207 Érica No carna: ::l?
208 Ricardo Fiquei três dias do carnaval lá na cadeia curtindo com
209 os presos @@@@
210 Rodrigo °Agora é sério professora. I: ::sso num é mentira não
211 sô. °
212 XXXXX ((incompreensível))
213 Hugo Eu tava na minha rua da minha casa entendeu? Chegar
214 polícia assim e enquadrá eu mandar eu eu passar
215 vergonha, mandar eu ti-descer calça descer as calça
216 até no chão assim ó pa ver se eu tô levando alguma
217 coisa denda cue: ::ca. Eles já cansou de ver minha
218 cueca rapá ↑chamá minha mãe lá ó pá vê se eu moro lá
219 mesmo lá ó. Já revistou minha casa toda, revistou meu
220 quarto quereno droga caçano arma caçano uma ↑rapá pá
221 de coisa coisa que cê coisa que eu nem sabia eles
222 queria falano que tinha denúncia minha lá embaixo,
223 falano que eu nem sabia meu fio tava rolano uai.
224 Érica Ó
225 João °Polícia de ((cidade)) é safada rapaz. °
226 Érica Quê?
227 Ricardo Polícia de ((cidade)) é safada.

Este excerto faz parte de um momento da interação em que os jovens estavam contando situações de discriminação em que foram vítimas ou presenciaram, quando Marcelo conta que já foi humilhado pela polícia por usar tatuagem (linhas 189-195). Após essa declaração, muitos participantes tomam o turno simultaneamente e uma pequena confusão se inicia, com muitos deles falando ao mesmo tempo, porém, a fala de Ricardo se sobressai e ele toma o turno, afirmando que várias vezes a polícia chega e o aborda, chamando-o de *vagabundo* (linhas 194 e 195). Ricardo ainda está concluindo sua fala quando Hugo o interrompe, toma o turno e retoma o assunto sobre tatuagens, mostrando a que possui e afirmando que a polícia considera seu desenho como sendo de

vagabundo, de cadeia (linhas 196-197). Durante uma breve sobreposição de vozes, ininteligível, Ricardo toma o turno e inicia a narrativa de um fato que aconteceu com ele, quando foi preso pela polícia durante um carnaval. Ricardo inicia o turno afirmando que o fato não tem *Nada a ver* (linha 202). Ele repete essa expressão, o que, no contexto, pode ser visto como um *accountability*, ou seja, uma tentativa de justificar o fato de ter sido preso por trajar roupas depreciadas pela polícia: touca e blusão³⁰, as quais remetem à categoria de marginal. De acordo com o estudante, ele estava usando uma touca e um blusão quando foi abordado pela polícia e acabou ficando preso por três dias. Quando Ricardo conta que *tinha tanta gente de blusão lá professora* (linhas 202-203), ele emprega uma categoria inclusiva – *tinha tanta gente* - e se inclui nessa categoria – de usar blusão. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o inclui, essa categoria não o torna a única pessoa a usar blusão, o que entendemos como uma estratégia de proteção de face. Após o relato de Ricardo, Érica toma o turno e faz uma pergunta a ele: *No carnavá:::l?* (linha 207). Ricardo, então, responde ao par adjacente pergunta-resposta da mediadora de forma bem humorada, contando que ficou *três dias do carnaval lá na cadeia curtindo com os presos* (linhas 208-209).

Em seguida, Rodrigo toma o turno e ratifica a fala de Ricardo, dizendo, em voz mais baixa que no turno anterior, que o relato de Ricardo não é mentira (linhas 210-211), o que novamente provoca uma pequena confusão com vários participantes falando simultaneamente, até que a fala de Hugo se sobressai, ele toma o turno e inicia um novo relato. Em sua fala, Hugo revela situações em que foi vítima de abuso da polícia, que, segundo ele, o trata como marginal, o que é possível perceber através das atividades dos policiais narradas por Hugo (linhas 213-223), como enquadrar, mandar tirar a calça para verificar se o revistado esconde drogas nas roupas íntimas, checar se o endereço fornecido pelo revistado é verdadeiro, revistar residências à procura de drogas, as quais são atividades típicas da polícia para lidar com meliantes. No entanto, em sua fala, Hugo alega inocência, afirmando desconhecer qualquer denúncia: *pá de coisa coisa que cê coisa que eu nem sabia eles queria falano que tinha denúncia minha lá embaixo, falano que eu nem sabia meu fio tava rolano uai* (linhas 220-223).

Após Érica demonstrar espanto com as revelações de Hugo, o que pode ser percebido através da expressão *Ó* (linha 224), João finaliza o trecho categorizando, em

³⁰ Traje que reflete o estilo típico é o urbano, muitas vezes influenciado pelo modo de vestir dos *rappers*, que, por apresentarem um estilo rebelde, muitas vezes são confundidos com desordeiros ou usuários de drogas.

tom descendente, a polícia da cidade pesquisada como *safada* (linha 225), conferindo um status negativo à corporação inteira, ou seja, ele generaliza afirmando que a polícia em geral é safada, e não apenas se refere um ou outro policial corrupto. Na linha 226, Érica solicita a João um reparo, pedindo que ele repita o que disse (*Quê?*) e Ricardo, que no caso não era o interlocutor preferido, a quem Érica tentou estabelecer um par adjacente, toma o turno e ratifica o que João afirmou anteriormente: *Polícia de XXX ((cidade pesquisada)) é safada* (linha 227).

Como se pode perceber, no excerto acima, os estudantes afirmam que a polícia associa a característica ter tatuagem à categoria *vagabundo*, pertencente à coleção *bandido*. Outras atividades, como usar blusão e touca, também remetem a tal coleção. No entanto, possuir tatuagem, usar touca e blusão são traços de uma identidade de grupo, que, muitas vezes, tornam-se essenciais para as interações sociais de seus membros. Assim, grande parte dos adolescentes e jovens do bairro Novo Mundo é tatuada e adepta ao uso de toucas e blusões, o que, muitas vezes, faz com que os mesmos sejam estigmatizados e rotulados como desviantes. Porém, embora os jovens narrem situações em que sofreram discriminação, é interessante notar neste trecho que eles negam constantemente as acusações que recebem, realizando, assim, um *accountability*, ou seja, eles justificam as acusações, tentando proteger-se delas.

De acordo com os estudantes, muitas vezes, por possuírem essas características, policiais forjam flagrantes para levá-los presos, como veremos no excerto 8.

Excerto 8

221 Érica E::: eu já ouvi falar também que tem vez, uma vez os
222 meninos conta::ram que a polícia às vezes até coloca
223 droga. Isso é verdade?
224 Cláudio °Isso é verdade, fessora°
225 Érica Oi? Como que acontece?
226 Leonardo XXX Se o cara for pichado eles num gosta ↓dele ↑sabe
227 Érica Oi?
228 Leonardo Se o cara for pichado
229 Érica Se for pichado?
230 Leonardo É::: eles dá geral num achou nada eles bota no bolso
231 dele e leva pra delegacia e bate nele

Nesse trecho, Érica tenta confirmar com os participantes se é verdade que, quando os policiais revistam algumas pessoas, eles costumam forjar flagrantes, colocando drogas no bolso dos revistados (linhas 221-223). Cláudio se autosseleciona e responde, em voz baixa, que essa prática é costumeira (linha 224). Érica, então, toma o turno novamente e pergunta como isso acontece (linha 225). Leonardo logo justifica

alegando que isso acontece *Se o cara for pichado eles num gosta ↓dele* (linha 226). Érica solicita um reparo ao questionar *Oi?* (linha 227). Leonardo repete a resposta (linha 228). Érica então pede outro reparo e pergunta novamente: *Se for pichado?* (linha 229). Leonardo, então, inicia um reparo e explica como é a ação da polícia nessas ocasiões: *eles dá geral num achou nada eles bota no bolso dele e leva pra delegacia e bate nele* (linhas 230-231). O adjetivo *pichado* é um atributo que remete à categoria de desviante, assim como atividades como ser revistado pela polícia.

Nesse contexto, percebe-se, por meio da fala de Leonardo, uma polícia perversa e perseguidora, que muitas vezes aborda, bate e humilha moradores do bairro Novo Mundo sem motivo aparente. Vejamos o excerto que se segue:

Excerto 9

232 Cláudio Vai enfiar a mão no seu bolso ele enfia a mão com o
 233 negócio e na hora que ele tira olha aqui ó. Mostra
 234 procê. Ele sabe que ocê tava com o bolso vazio. Eu
 235 uma vez, uma vez quando eu tomei geral na na::: onde
 236 era Bar da Biroasca ali ó (0,93) assim num foi comigo,
 237 °num foi comigo° u::m cara aqui do Novo Mundo aqui ó
 238 que direto ele tava assaltano, ele tava roba::no.
 239 E::: >deixou ele< ↑E ele tava solto. Tava solto
 240 andano eles soltaram. Aí no dia que eu tava eu tava
 241 voltando pra casa com um colega meu. Eu tava até
 242 subindo eu, ele e a mãe dele. Eles de um lado eu
 243 parei na casa do pai de um colega meu eu cheguei
 244 perto da a mãe dele porque ela me pediu pra passar lá
 245 aí na hora que eu fui subir a Rotam ((órgão da
 246 polícia: Ronda Ostensiva Tática Metropolitana)) já
 247 tinha descido. Já tava com to:::do mundo na parede.
 248 Na hora que eu passei ↑você também ↓pra parede
 249 Beleza. Eu tava com uma bermuda uma bermuda e uma
 250 camisa comum gola polo. Uma bermuda que só tinha um
 251 bolso ↓eles ainda acharam motivo pra me bater.
 252 Érica Por quê?
 253 Cláudio Vai saber. (1,51) °vai saber° ↑Acharam motivo pra me
 254 bater. Eu tava com uma agenda eletrônica que era do
 255 meu pai. Eu tava ↑levando pra ele na época ele tava
 256 namorando com uma outra menina, a mãe da minha filha
 257 ó @@@@ a mãe da minha irmã. É:::
 258 @@@@@@@@
 259 Cláudio (Até me perdi agora aqui)
 260 Érica Ahn
 261 Cláudio Mas a mãe da minha irmã. ↑Nossa só porque a agenda
 262 eletrônica parece uma calculadora. Aí ele tava falano
 263 lá que era uma balan:::ça, que eu tava dando maconha
 264 pro [po:::vo, que]
 265 Érica [°Nossa°]

Este excerto, em que Cláudio narra uma situação que viveu com a polícia, é uma continuação do excerto anterior, no qual os participantes relatam o tratamento que a polícia dispensa a eles.

Cláudio inicia o turno ratificando a fala de Leonardo no turno anterior, confirmando que certos policiais, ao revistar algumas pessoas, colocam drogas no bolso das mesmas para incriminá-las. Em seguida, o estudante inicia a narrativa de um fato em que foi vítima de abusos de policiais (linha 232). Quando Cláudio começa a relatar a situação em que foi revistado e agredido, ele faz um reparo, tentando enfatizar que não foi com ele que a polícia forjou um flagrante (linhas 236-237). Consideramos esse reparo, feito através da repetição da expressão *Num foi comigo*, uma estratégia para proteger a face. Assim, Cláudio logo atribui o flagrante a um morador do bairro Mundo Novo, descrito por ele como um assaltante em liberdade. Após dar essa explicação, o jovem reinicia a narrativa, contando que, enquanto voltava para casa acompanhado de um amigo, deparou-se com a polícia revistando várias pessoas. Cláudio também foi abordado e submetido a uma revista. Quando o estudante explica que na ocasião trajava uma bermuda e uma camisa (linhas 249-250), ele tenta justificar que usava roupas normais, cotidianas, que não levantam qualquer suspeita, ou seja, seu visual não seria motivo para ele ser abordado e revistado por policiais. Consideramos tal justificativa um *accountability*, uma prestação de contas, recurso utilizado por Cláudio para evitar inferências negativas por parte de seus interlocutores. Cláudio volta a enfatizar que a bermuda que vestia possuía apenas um bolso, e, ainda assim, ele foi agredido fisicamente pelos policiais (linhas 250-251).

Érica, então, toma o turno e inicia a elocução de um par adjacente (linha 252), ao fazer uma pergunta (*Por quê?*). No turno da linha 253, temos a segunda elocução do par, produzida por Cláudio, selecionado por Érica para tomar o turno. Cláudio responde de forma insatisfatória: *Vai saber* (linha 253) e, após um segundo e cinquenta e um décimos de silêncio, ele inicia um reparo, explicando que o motivo da agressão era uma agenda eletrônica portada por ele (linhas 254-257). Novamente, para salvar a face, Cláudio realiza um *accountability*, ao explicar que o aparelho era de seu pai (linhas 254-255). Nesta fase do relato, Cláudio demonstra nervosismo, apresentando perturbação durante a fala, ao confundir os vocábulos irmã e filha (linhas 256-257), o que provoca risos no restante do grupo, que até então ouvia o relato silenciosamente. Passado o embaraço, Érica toma o turno e diz *Ahn* (linha 260), que dentro dessa interação pode ser entendido como um incentivo para Cláudio continuar a narrativa. O estudante entende a

solicitação, toma um turno e faz um reparo, corrigindo o engano cometido no turno anterior: *Mas a mãe da minha irmã* (linha 261). Em seguida, ele continua o relato, explicando que os policiais confundiram a agenda eletrônica com uma calculadora e o acusaram de estar *dando maconha pro [po::vo* (linhas 263-264). Érica interrompe Cláudio e, em um tom mais baixo que no turno anterior, exclama a expressão *Nossa* (linha 265), que no contexto por ser entendido como uma fala indicando espanto.

O depoimento de Cláudio, embora não explicitamente, nos faz pressupor que o fato de morar no Novo Mundo (*Aí no dia que eu tava eu tava voltando pra casa com um colega meu. Eu tava até subindo* – linhas 240-242) pode ser um dos motivos que o levou a ser revistado e agredido pelos policiais, o que reforça a hipótese de que os moradores do referido bairro são considerados desviantes por grande parte da população da cidade pesquisada. Com relação à narrativa de Cláudio, voltamos à teoria de Goffman (2008a [1963], p.14), de que um traço apresentado por uma pessoa que poderia ser facilmente recebida na relação social cotidiana pode excluí-la do convívio comum. Esse traço é o estigma, uma característica diferente da prevista.

Desse modo, carregar marcas como a cor negra, ser pobre, morar em um bairro violento, pouca escolaridade, entre outros, fomenta o preconceito e a intolerância. Assim, o jovem pobre, especialmente o negro, que reside em periferias, pode ser taxado como delinquente, tornando-se vítima de frequentes abusos e preconceitos daqueles que se julgam como membros da “boa sociedade”, como é possível avaliar no trecho abaixo:

Excerto 10

9 Érica Ah, mas deve ter algum motivo @@@ Cê acha que::: a
10 polícia é::: > se tiver um negro e um branco. E ela
11 vai pegar o negro?
12 Muitos Claro que [vai] ((Muitos afirmam que sim))
13 Érica [por que] que cês acham?
14 Wesley O negro é estepe fessora da polícia, uai.
15 Sérgio [É]
16 Érica [Por quê?]
17 Wesley Ah, que rola preconceito né fessora contra os negros
18 né até hoje né. Aí existe ↑existe isso até hoje uai.
19 Cristian É verdade. Existe isso até hoje né

Neste excerto, Érica questiona aos alunos sobre ações da polícia. Ela quer saber se, entre um negro e um branco, a polícia prefere abordar o negro (linhas 9-11). Os participantes respondem, em coro, a pergunta de Érica. Interessante notar que, com a expressão *Claro que vai* (linha 12), fica explícita a certeza dos estudantes ao afirmarem que a polícia abordaria o negro, e não o branco. Érica, então, quer saber o motivo de

todos pensarem assim (linha 13). Wesley se autosseleciona e afirma que *o negro é estepe da polícia* (linha 14). Sérgio ratifica a fala de Wesley (linha 15) e Érica novamente toma o turno e solicita um reparo a Wesley (linha 16), que atende à solicitação e explica que, nos dias atuais, ainda existe preconceito contra os negros (linhas 17-18). Ao perceber que Wesley concluiu sua fala, Cristian assume o turno e ratifica a explicação do colega (linha 19). Neste trecho, pode-se perceber, novamente, que os estudantes realizam um *accountability*, quando tentam justificar que o fato de serem negros é o motivo pelo qual a polícia sempre os aborda.

Cientes dos rótulos que recebem, os jovens estudantes de EJA continuam narrando situações em que são vítimas do estigma, como no excerto 11:

Excerto 11

416 Cristian Polícia aqui qualquer lugar que passa:::r pode ser
 417 trabalhador num sendo trabalhador eles dão geral
 418 porque::: aqui é muito falado né?
 419 Érica °É visado°. Mas aí volta a questão né?
 420 Cristian Eles acham que todo mundo é vagabundo, né?
 421 Érica Oi? Oi? ((dirigindo-se a Júlio))
 422 Júlio Que nem lá na gráfica que eu tava trabaiando né? Tava
 423 trabalhando uma menina lá de faxineira.
 424 Érica Ahn
 425 Júlio Aí ela foi trabaiá na::: na casa do patrão uns dias
 426 lá, né? (.) Aí eles pegaram e::: eles mandaram ela
 427 embora lá porque pensaram que ela tinha roubado um
 428 brinco lá sabe? ↑as só que ela num tinha robado o
 429 brinco não fessora porque::: o brinco lá o brinco lá
 430 eles some o brinco lá XXX não acham o brinco aí fala
 431 que roubô e mandou a menina embora. (Aí os cara falou
 432 lá.) É só porque ela mora no Novo Mundo que fica esse
 433 preconceito entendeu? Aí ela saiu, saiu triste lá né
 434 professora XXXX
 435 Érica Aí é ruim que::: (.) depois quando descobrem eles nem
 436 tem coragem de falar °de pedir desculpa né°
 437 Júlio Eles pisa no orgulho fessora.
 438 Érica Oi?
 439 Sérgio Rico não têm orgulho não.
 440 Érica Pisa no orgulho? @@@
 441 Júlio Ó

No excerto acima, os participantes estavam discutindo sobre preconceito quando Cristian toma o turno e explica que a polícia tem o hábito de revistar os moradores do bairro Novo Mundo, inclusive aqueles que são trabalhadores (linhas 416-418). O jovem afirma que os policiais têm tal hábito porque o bairro é muito *falado* (linha 418). Érica então assume o turno e ratifica a fala de Cristian, afirmando que o bairro é *visado* (linha 419). Em seguida, ela faz uma reflexão em forma de questionamento, *Mas aí volta a*

questão né? (linha 419). Logo, Cristian se autosseleciona e, novamente, faz uma afirmativa em forma de pergunta: *Eles acham que todo mundo é vagabundo né?* (linha 420) e, em seguida, inicia um relato sobre uma menina, moradora do bairro Novo Mundo, que foi trabalhar como faxineira na casa dos donos da gráfica onde ele trabalha. Érica emite um continuador *Ahn* (linha 424) e devolve o turno de fala a Júlio, que afirma que a menina foi acusada injustamente, segundo ele, de roubo. O estudante justifica tal acusação devido ao fato de a garota residir no bairro Novo Mundo (linhas 425-434).

Érica toma o turno e afirma que essa é uma situação desagradável (linha 435-436). Quando a pesquisadora termina sua fala, Júlio assume novamente o turno e complementa a fala de Érica, afirmando que *Eles pisa no orgulho* (linha 437). Em seguida, Érica solicita um reparo ao questionar *Oi?* (linha 438) e Sérgio se autosseleciona e explica que *Rico não tem orgulho não* (linha 439). Érica toma o turno novamente e pede outro reparo, questionando se *Rico pisa no orgulho* (linha 440). Júlio, então, confirma com a expressão *Ó* (linha 441), indicando cumplicidade com a pergunta de Érica, mas não explica o que quis dizer com a expressão *Rico pisa no orgulho*.

Neste excerto, nota-se que Cristian, em sua fala, utiliza a atribuição *trabalhador* (linha 417) para referir-se à coleção de pessoas honestas e a categoria *falado* (linha 418), no sentido pejorativo, para referir-se ao bairro Novo Mundo, o que é corroborado por Érica, que usa a categoria *visado* (linha 419) para referir-se ao bairro. Em seu relato, Cristian também recorre à atribuição *vagabundo* para referir-se aos moradores do bairro. Ao afirmar que *Eles acham que todo mundo é vagabundo* (linha 394), Cristian está refletindo a imagem que ele percebe que os *estabelecidos* têm dos moradores do bairro Novo Mundo, a qual remete à categoria de desviante.

Interessante perceber também que Cristian e Júlio, em suas falas, resgatam atividades que se encaixam na categoria de desviante, como “tomar geral” e ser acusado de roubo, como corriqueiras para muitos moradores do bairro pesquisado. Em sua fala, Cristian utiliza a atribuição *falado*, com conotação pejorativa, para referir-se ao bairro. *Falado*, neste contexto, pode ser interpretado como mal visto. Desse modo, tal atribuição inclui o bairro Novo Mundo na categoria de um lugar onde não é bom morar. Ao acrescentar a atribuição *visado* ao bairro, também com cunho negativo, Érica ratifica a afirmação de Cristian. Tal atribuição também remete à categoria de um bairro onde não é bom viver.

Assim, podemos perceber que o rótulo atribuído aos moradores do bairro Novo mundo pelos membros da “boa sociedade”, incluindo a polícia, parte da concepção de que certos estigmas são determinantes para julgamentos acerca da idoneidade dessas pessoas. Nessa concepção, Becker (2008) sustenta que “[o] grau em que um ato será tratado depende também de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele” (BECKER, p. 25).

Dessa forma,

[r]egras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas que a outras. Estudos da delinquência juvenil deixam isso muito claro. Meninos de áreas de classe média, quando detidos, não chegam tão longe no processo legal quanto meninos de bairros miseráveis (BECKER, 2008, p. 25).

Nesse contexto, o tratamento recebido por garotos residentes em bairros pobres pode ser percebido no próximo excerto, quando os estudantes relatam, novamente, como são tratados pela polícia por serem moradores do bairro Novo Mundo.

Excerto 12

1319 Hugo Vão fazer assim. ↑ vai °eu ele aqui ele e ele ali°
1320 >faz assim< ↑nós (.) quatro aqui pro centro hoje. vão
1321 descer pro jardim pá (.) vamo querer curtir (1.45) vai
1322 NÓ e aí faz assim (.) a polícia chegou °lá° ↑ desce eu
1323 ele aqui e ele aqui pá hhh chega lá e a polícia vê
1324 a::: gente lá ↓por que. ↑fala assim da onde que ocê é
1325 (.) do Novo Mundo. Ah mô fio. ↑falou que é Novo Mundo
1326 aqui ó ((faz sinal de couro com as mãos)) já qué batêê
1327 ô já qué esculachar sô polícia num vai querer esnobar
1328 não °sô° eles já qué é batê mesmo
1329 Érica Mas só por que mora no Novo Mundo?
1330 Marcelo Ô meu fio (.) só porque a gente mora só por causa que
1331 uns sai do eixo entendeu? só por causa que uns sai do
1332 [eixo]
1333 João [<Novo Mundo é criticado>]
1334 Marcelo [>só por causa que uns sai do eixo<]
1335 Érica [Oi?] ((para João))
1336 João <Novo mundo é criticado>
1337 Marcelo Só por causa que um faz a::: os delito dele ali a
1338 gente sai julgado nisso aí ↓uai.
1339 Hugo A gente tá errado uê.
1340 Érica Mas aí é só porque cês são negros moram no Novo
1341 Mun:::do?
1342 Hugo É uai (.) só porque nós são pobre aê favelado meu fio
1343 pra eles é favelado ué (1.17)
1344 Hugo Pra eles nós são o que (0.76) ↓num são nada pra eles
1345 não.

Neste trecho, Hugo narra uma situação recorrente que acontece entre os estudantes da EJA, moradores do bairro Novo Mundo e a polícia. Enquanto ele fala,

seus interlocutores não tomam o turno durante silêncio de um segundo e quarenta e cinco décimos (linha 1321), provavelmente porque projetaram que a construção do turno de Hugo não estava concluída com *vamo querer curtir* (linha 134). O estudante, então, continua seu relato. Apenas depois de Hugo produzir *eles já qué é batê mesmo* (linha 138) que Érica toma o turno. Assim, percebe-se que a previsão de onde a fala corrente terminará tem relação com a UCT: nesse trecho, por meio do contexto, o interlocutor percebe que *vamo querer curtir* não representa o fim da fala de Hugo, e a pausa, embora longa, não é um indício de que ele finalizaria sua fala. Porém, a interação, nesse trecho, segue com uma série de interrupções, ocasionando falas sobrepostas, que acontecem na linha 1333, quando João tenta interromper Marcelo, que não passa o turno para João e continua sua fala (linha 1334). Assim que Marcelo termina sua fala, a mediadora, imediatamente, seleciona João (linha 1335), que consegue expor sua opinião. Marcelo, então, retoma o turno para concluir suas ideias (linha 1337), e recebe o apoio de Hugo (linha 1339), que se autoseleciona e concorda com o colega.

Em seguida, Hugo, após afirmar que *só porque nós são pobre aê favelado meu fio pra eles é favelado ué* (linhas 1342-1343), dá mostras de ter chegado ao final de seu turno, concluindo uma UCT. No entanto, nenhum outro falante é selecionado ou se autoseleciona, apesar da pausa de um segundo e dezessete décimos (linha 1343). Hugo, então, retoma o turno e produz uma nova UCT. O mesmo acontece em seu próximo turno de fala (linhas 1344-1345), quando ele dá uma pausa de setenta e seis décimos de segundo (linha 1344) e ninguém toma o turno, fazendo com que o falante corrente volte a falar. Nota-se, neste trecho, a interrupção cooperativa, quando os alunos se engajam no assunto com a intenção de explicar à mediadora o motivo pelo qual eles são hostilizados pela polícia.

Neste excerto, os estudantes também mostram, mais uma vez, ter conhecimento de que recebem o rótulo de pessoas socialmente classificadas como inferiores pelos membros da “boa sociedade”, devido à cor da pele e ao bairro onde moram. Ao se autocategorizarem como *negros, pobres, favelados* e ao atribuírem o fato de morar no bairro Novo Mundo à discriminação que sofrem, os estudantes utilizam itens de pertencimento à categorização social que remete à cor de pele negra e à pobreza, intrinsecamente revelada quando os mesmos categorizam sua moradia como *favela*.

Dessa forma, atribuindo estigmas aos moradores do bairro Novo Mundo, os *estabelecidos*, ao julgar a identidade coletiva dos estudantes através de rótulos

negativos, acreditam manter a superioridade social que eles julgam ter, constituindo relações de poder. Porém, Velho (1981) atenta para o perigo que essas relações podem representar, pois

[n]a medida em que se aceite a existência do *Poder* em qualquer grupo social, constata-se uma tensão permanente entre os seus atores. Tal tensão pode explicitar-se através do conflito entre linhagens, lutas de classes, etc., no nível mais amplo do sistema social (VELHO, 1981, p. 25, grifo do autor).

Essa tensão constante que acontece no relacionamento entre *estabelecidos* e os jovens alunos de EJA residentes no bairro Novo Mundo pode ser verificada quando os estudantes reclamam do tratamento que recebem dos membros da sociedade de *estabelecidos*, que os rotulam como vagabundos, traficantes; que os discriminam em restaurantes; que os revistam independentemente de eles terem cometido algum delito, entre outras situações que fazem parte do cotidiano desses jovens que sofrem com o estigma.

Durante suas falas, os estudantes demonstram ter consciência da visão negativa que muitos moradores da cidade pesquisada têm deles e discordam desse julgamento, como se as ações de certos grupos infratores que vivem no bairro se estendessem a todos os moradores, simplesmente por habitarem no mesmo local, como podemos observar no excerto 13:

Excerto 13

325 Érica Mas como que é assim. Vão vão pegá então a a depois a
326 gente volta pra questão de dentro da cadeia. Mas
327 vocês morando no Novo mundo. Cês já sofreram
328 preconceito por exemplo. †Todo mundo aqui é negro né?
329 É É. E pobre. Nós. Eu também. Já teve preconceito por
330 exemplo. Não vou dar emprego procê porque você é
331 negro. Já aconteceu comigo de eu entrar numa lo:::ja
332 e não ser bem tratada. Eu fiquei com raiva. Já
333 aconteceu com vocês?
334 Cristian Já.
335 Érica Como? Ah por exemplo †Eu não vou deixar você
336 trabalhar na minha casa porque você mora no Novo
337 Mundo.
338 ((Muitos querem falar... confusão))
339 Érica PERAÍ.
340 Cristian XXX O cara vai atrás docê [te vigiano.]
341 Sérgio [Doideira.]
342 Érica [Como é que é?]
343 Cristian O cara vai atrás docê te vigiano.
344 Érica Fica achando né que::: >Já aconteceu isso com cê?<
345 Sérgio Nós fichamo numa firma aí, tá ligado Cristian? Na
346 BBB? Aí nós ficamo 45 dias só. Mandou todo mundo do

turno e quer saber se sujo é o mesmo que marginal (linha 353). Sérgio dá uma resposta positiva (linha 354), imediatamente ratificada por Wesley (linha 355).

Mais uma vez, neste excerto os estudantes lançam mão de atributos e atividades que categorizam o bairro Novo Mundo como um lugar que não é bem quisto pelos membros sociedade de *estabelecidos*. Assim, atividades como ser vigiado ao entrar em locais públicos, não ser contratado para empregos, ser dispensado do emprego, e atribuições como ser negro, pobre, perigoso, pichado, sujo, marginal fazem com que os estudantes sejam incluídos na categoria de desviantes, assim como o bairro Novo Mundo, que é considerado desviante pelos estabelecidos, o que faz com que muitos de seus moradores também sejam rotulados como desviantes, carregando consigo um estigma que os impedem, muitas vezes, de serem tratados como cidadãos comuns, trabalhadores, mesmo quando o são.

Nessa perspectiva, recorremos a Velho (1981) para refletir sobre a situação narrada no excerto acima. O autor sustenta que “*os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio* e ao aplicá-las a pessoas particulares marcando-as como *outsiders*. Sob tal ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência da aplicação por outrem de regras e sanções ao ‘transgressor’” (VELHO, 1981, p. 23-24, grifos do autor). Podemos perceber essa aplicação de regras por parte da sociedade quando Sérgio afirma que foi despedido do emprego por morar no Novo Mundo, um bairro considerado perigoso pelos membros da “boa sociedade”: “*Falou que Novo Mundo é pichado uai, Novo Mundo só dá nego perigoso* (linhas 328-329). Nessa afirmativa, também percebemos que os jovens rotulados como marginais estão cientes de que a sociedade os trata assim por eles estarem inseridos numa comunidade que carrega consigo a marca do estigma de local violento onde vivem pessoas violentas. Notamos também que Sérgio realiza uma *accountability* para justificar o fato de ter sido demitido da empresa. Ao explicar que foi demitido por morar no Novo Mundo, ele, ao mesmo tempo em que se resguarda de quaisquer acusação, tenta proteger a face, demonstrando certa vitimização.

Através dos relatos dos jovens, percebemos que situações de desrespeito aos estudantes de EJA do bairro Novo Mundo são frequentes, como veremos no excerto seguinte:

Excerto 14

45 Cristian Um dia que ela ((a polícia)) tava passano lá ó

46 pergunta Gérson procê vê. Cada um tomou geral de cada
47 policial.
48 Érica Peraí, fala pra todo mundo, como é que é?
49 Cristian Nós tava num bar lá no Novo Mundo 2 >num foi Gérson?<
50 Aí cada um tomou geral de uma polícia né depois só
51 ficou eu lá. Cada hora são quatro policial cada hora
52 um me revistava depois ia outro mandava tirar o
53 boné::
54 Érica Peraí. Quatro policiais para revistar uma pessoa.
55 Cristian É ué.
56 Érica Nossa senhora. ↑Mas assim. Eles vêm o que atrás de::
57 Eles param vocês do nada, assim?
58 Sérgio Do nada.
59 Cristian Não. Porque o lugar da gente morá é::: inflamado né.
60 Sérgio Rola denúncia.
61 Érica O que que é inflamado?
62 ((Confusão... todos querem falar))
63 Érica Que que é inflamado?
64 Cristian XXX esse tipo fessora. É denúncia né? Alguém faz
65 alguma coisa e ês avisa pra polícia e pá.
66 (1,64)
67 Wesley Outra hora não precisa nem disso não né fessora. Só
68 de você passar os cara já te joga na parede e já era.
69 Sérgio Tipo assim se a professora. Vamos supor. A senhora
70 sabe dos seus direitos você é homem. Aí se ele
71 chegar, chegar empurrando você assim e te batendo
72 nocê ↑cê fala com ele que cê sabe do seu direito,
73 sabe?
74 Érica Hanh
75 Sérgio Aí eles fica XXX assim, e depois na hora que eles for
76 te dá abordagem e se num tiver ninguém e nenhuma
77 testemunha perto ele forja uai.
78 Érica Como assim. Fo:::rja?
79 Sérgio Põe a droga no seu bolso e leva ocê lá embaixo [*para*
80 *a delegacia*].
81 Érica Já fizeram isso aqui?
82 vários Claro. Aqui eles faz direto.
83 Érica Peraí, como é que é?
84 Cristian Faz direto esse negócio aí uai.
85 Érica Peraí
86 (1.31)
87 Sérgio Se ele não gostar da pessoa aí.
88 Érica Peraí. Vamos supor. Eu não gosto do::: do::: Samir
89 Sérgio É:::
90 Érica Aí eu finjo que vou dar gera:::1
91 Sérgio Aí você tira duas, pedras, três pedras e enfia no
92 bolso dele pá batê né?
93 Érica só pra bater
94 Sérgio Lá ele apanha demais, uai.
95 Wesley Apanha mesmo. Se bobear ele ainda fica preso.

Neste excerto, Cristian inicia um relato contando que, em um determinado dia, a polícia passou em um bar localizado no bairro Novo Mundo e revistou todos os presentes (linhas 45-47). Érica solicita que o estudante conte a história a todos os participantes. Cristian, então, inicia uma narrativa sobre o que aconteceu, e conta como foi revistado pelos policiais (linhas 49-53). Percebe-se que nos dois turnos em que se

refere ao caso, Cristian pede a Gérson que confirme sua história: *pergunta Gérson procê vê* (linha 46) e *num foi Gerson?* (linha 49). Dessa forma, Cristian tenta legitimar seu discurso, através da confirmação de Gérson.

Após Cristian contar que foi revistado por quatro policiais, Érica interrompe o turno e faz um questionamento: *Peraí, quatro policiais pra revistar uma pessoa?* (linha 54). Cristian afirma que sim (linha 55). Érica, então, toma o turno novamente, espantada – o que pode ser percebido pela expressão *Nossa Senhora* (linha 56) - e pede mais detalhes. Ela quer saber se os policiais abordam os jovens *do nada* (linha 57), sem nenhuma denúncia contra eles. Sérgio se autosseleciona e confirma: *Do nada* (linha 58), mas Cristian faz um reparo à confirmação de Sérgio, explicando que a polícia os aborda porque eles moram em um lugar *inflamado* (linha 59). Sérgio, mais uma vez, toma o turno e afirma que acontecem denúncias. Nota-se, aqui, que Sérgio, ao afirmar que *rola denúncia* (linha 60), se contradiz com relação ao que disse no turno anterior, quando afirma que a polícia os aborda *do nada* (linha 58).

Érica quer saber o que é *inflamado* (linha 61). Uma pequena confusão prejudica a interação, pois muitos participantes falam simultaneamente, porém, a fala de Cristian se destaca e ele começa a explicar que *alguém faz alguma coisa e eles avisa pra polícia* (linhas 64-65). Wesley então toma o turno e conta que, às vezes, mesmo sem denúncia formal, *só de você passar os cara já te joga na parede e já era* (linha 68). Percebe-se que o estudante usa o pronome *você* para referir-se aos moradores do bairro Novo Mundo, inclusive ele próprio, e trata os policiais como *os cara* (linha 68). Sérgio, ao perceber que Wesley encerrou a fala, assume o turno e começa a explicar como eles (os moradores do bairro Novo Mundo) reagem às abordagens policiais. Segundo Sérgio, quando os policiais agem de forma violenta, as supostas vítimas afirmam que sabem de seus direitos. No entanto, quando não há testemunhas por perto, os policiais forjam flagrantes (linha 75-77).

Érica solicita a Sérgio um reparo, ao questionar como os policiais forjam flagrantes (linha 78). O estudante, então, assume o turno e afirma que os policiais colocam drogas no bolso do revistado e seguem com o mesmo para a delegacia (linha 79-80). Érica quer saber se os policiais já agiram dessa forma no bairro Novo Mundo (linha 81). Vários participantes confirmam, afirmando que tal prática é corriqueira no bairro (linha 82). Érica assume o turno novamente e solicita uma explicação (linha 83). Cristian confirma que essa prática é recorrente no bairro (linha 84). Érica pede que os participantes esperem (linha 85) e, após um segundo e trinta e um décimos, Sérgio toma

o turno e explica que esses flagrantes forjados acontecem quando os policiais não gostam do revistado (linha 87). Érica tenta, mais uma vez, fazer com que os estudantes expliquem de forma mais clara como acontecem essas situações e faz uma suposição, com a intenção de estimular o debate: *Peraí, vamos supor, eu não gosto do Samir. Aí eu finjo que vou dar geral* (linha 88). Érica é interrompida por Sérgio, que toma o turno e complementa: *Aí você tira duas, pedras, três pedras [de crack] e joga no bolso dele, pá batê né?* (linhas 91-92). Dessa vez, o estudante lança mão do pronome *você* para referir-se aos policiais, e o pronome *dele* faz referência ao revistado.

Érica faz uma reflexão acerca da afirmativa de Sérgio (*Só pra bater* – linha 93). Sérgio complementa dizendo que, na delegacia, o jovem supostamente vítima de abusos dos policiais é bastante agredido (linha 94). Wesley ratifica a fala de Sérgio e complementa afirmando que, além de apanhar, a suposta vítima ainda pode ficar detida (linha 95). Neste excerto, os participantes novamente apontam atividades que os remetem à categoria de desviante. Assim, atividades como tomar geral da polícia, serem jogados na parede, serem empurrados, apanhar da polícia, serem acusados de atos ilícitos que não cometeram e morar em um bairro *inflamado* faz com que os jovens estudantes da EJA sejam, em muitas situações, tratados como marginais.

Este relato de abuso por parte de policiais retrata o fato de que muitos jovens moradores do bairro Novo Mundo estão expostos a uma rotulagem que parece não considerar sua condição de seres humanos. Eles são tratados como seres desprovidos dos valores e virtudes impostos pelos *estabelecidos*. Porém, ao associar a pobreza à criminalidade, os *estabelecidos* assumem um risco que possivelmente acarretará graves consequências, pois a legitimação de rótulos depreciativos pode colaborar para que esses *outsiders* realmente se portem como delinquentes, como podemos observar no trecho que segue:

Excerto 15

411 Sérgio Eu conheço gente aqui do Novo mundo que que é
412 violento XXX porque acha que não te:::m num tem
413 oportunidade. Porque também ninguém dá oportunidade
414 não uai.

Neste excerto, Sérgio explica que muitos moradores do bairro Novo Mundo se tornam violentos porque têm negadas, pelos estabelecidos, oportunidades de emprego e ascensão social.

Não pretendemos aqui justificar ações desviantes de uma minoria marginalizada, mas alertar para o fato de que os próprios membros da sociedade de estabelecidos, ao agir com preconceito, abuso e negar oportunidades, podem contribuir para que jovens moradores do bairro Novo Mundo façam jus ao rótulo que lhes é imputado. Nessa perspectiva, segundo Becker (2008), “devemos também ter em mente que as regras criadas e mantidas por essa rotulação não são universalmente aceitas. Ao contrário, constituem objeto de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade” (BECKER, 2008, p. 30).

Assim, essa rotulação pode, às vezes, gerar certo conflito ou até mesmo uma luta silenciosa que pode tomar proporções incontroláveis, como o aumento da criminalidade ocasionado, muitas vezes, pelas negações constantes de oportunidades aos estudantes de EJA.

4.2.5. Perspectivas de futuro

Apesar de os estudantes relatarem abusos por parte dos membros da sociedade de *estabelecidos*, conforme explicitado em seus discursos anteriores, muitos desses jovens, mesmo tendo negado o acesso ao grupo de *estabelecidos*, acreditam na possibilidade de um futuro promissor, como verificamos no excerto seguinte:

Excerto 16

698 Érica Então vamos pensar numa coisa aqui, todo mundo tá aqui
699 na escola, todo mundo deve tá aqui por algum motivo.
670 ↑Qual motivo que vocês tão na escola? Vão lá, vão ver?
671 Rodrigo Melhorar de vida, ter uma condições boa, uma história,
672 te um estudo bom né pra conseguir um emprego melhor,
673 ter uma::: condição de vida muito boa
674 Valéria Eu tô pra manter meu emprego.
675 Érica Pra manter emprego?
676 Valéria Pra manter meu emprego, que aí::: XXX
677 Érica °Anhn°
678 Hugo A:::h (1.17) eu tô pra ter um ↑futuro melhor né
679 professora minha família com dinheiro. Co:::m [u:::m]
680 Ricardo [uma
681 renda melho::r
682 Marcelo Eu tô aí pra::: ter um futuro melhor, um emprego bom
683 pra::: ajudar minha mãe pelo jeito que ela me ajudou
684 até hoje
685 Érica E ocê Ricardo?
686 Ricardo XXXX eu quero me formar e mostrar pro povo, professora
687 que que que fala que eu sou vagabundo que que não é
688 bem assim que eles pensa não professora. ↓Que no
689 futu:::ro mais pra frente poder ajudar minha mãe (1.48)
690 tal, o resto dos meus irmãos.

691 João °Falar o quê?°
 692 Érica O que que você pensa do futuro?
 693 Hugo Ah, todo mundo pensa num futuro melhor né todo mundo
 694 pensa num futuro melhor entendeu? Hoje ninguém hoje
 695 quer ficar na pobreza, uns ganha::ndo, outros
 696 ganhando pouco não (tá indo pra rua) todo mundo hoje
 697 tá queren- tá correndo atrás XXXX o que num correu
 698 rapaz entendeu? o que num correu (agora estudá) tá
 699 querendo estu- estudar aê pra ter um que, um um futuro
 700 melhor pros fio ↓pra ter condição, entendeu?

No excerto acima, Érica inicia o turno questionando aos participantes por qual motivo eles estão na escola (linhas 698-670). Após uma pausa de um segundo e setenta e sete décimos, Rodrigo se autosseleciona e afirma que frequenta a escola por pretender melhorar de vida, ter boas condições e um emprego melhor (linhas 671-673). Ao perceber que Rodrigo encerrou sua fala, Valéria assume o turno e afirma que frequenta a escola com o objetivo de se manter no emprego (linha 674). Érica solicita um reparo, *Pra manter o emprego?* (linha 675), sendo prontamente atendida pela estudante, porém, sua explicação fica incompreensível (linha 676). Érica, imediatamente, emite um continuador *Anhn* (linha 677), solicitando um reparo a Valéria. No entanto, Hugo toma o turno e inicia sua fala com a expressão *A::h* (linha 678) e, em seguida, dá uma pausa de um segundo e dezessete décimos, ganhando um certo tempo para iniciar sua fala. Hugo, então, afirma que pretende ter um futuro melhor e ter dinheiro (linhas 678-679). Antes que Hugo termine sua fala, Ricardo interrompe, toma o turno e complementa a fala de Hugo, acrescentando que pretende ter uma renda melhor (linhas 680-681). Percebe-se que Ricardo interrompeu o turno do colega ao perceber o alongamento na fala de Hugo (*u::m* – linha 679). Certamente, Ricardo notou que Hugo não estava conseguindo concluir sua fala e decidiu complementá-la.

Em seguida, Marcelo toma o turno e afirma que frequenta a escola em busca de um futuro melhor, um bom emprego e para ajudar a mãe (linhas 682-684). Após a fala de Marcelo, Érica assume o turno e seleciona Ricardo como próximo falante, com a pergunta: *E ocê Ricardo?* (linha 685). Ricardo inicia sua fala de modo incompreensível, porém, em seguida, o jovem explica que quer se formar *e mostrar pro povo, professora que que que fala que eu sou vagabundo que que não é bem assim que eles pensa não professora*. ↓*Que no futu::ro mais pra frente poder ajudar minha mãe (1.48) tal, o resto dos meus irmãos* (linhas 686-690). Nota-se, na fala de Ricardo, certa revolta e, até mesmo, indignação, quando ele afirma que concluir os estudos é uma forma de provar

para as pessoas que o acusam de vagabundo que elas estão equivocadas. O nervosismo e a raiva presentes na fala de Ricardo podem ser percebidos através da repetição de palavras (linha 687) e das alterações no volume da voz do decorrer da fala, alongamento de vogais (linha 689) e na pausa de um segundo e quarenta e oito décimos (linha 689) durante a construção de uma frase. Assim que Ricardo conclui sua fala, Érica faz um sinal com a cabeça para João, selecionando-o como próximo falante. João, então, questiona em baixo tom de voz: *Falar o quê?* (linha 691). Érica, então, questiona a João sobre o que ele pensa para o futuro (linha 692). Antes que João responda, Hugo toma o turno e afirma que *todo mundo pensa num futuro melhor* (linhas 693-694), explicando que ninguém quer ficar na pobreza, ganhando pouco. O estudante também afirma que todo mundo está *correndo atrás* de estudar, em busca de um futuro melhor para os filhos. Observa-se que, em sua fala, Hugo faz uso das categorias mais abrangentes “ninguém” (*Hoje ninguém hoje quer ficar na pobreza, uns ganha:::ndo, outros ganhando pouco não* - linhas 694-696) e “todo mundo” (*Ah, todo mundo pensa num futuro melhor né todo mundo pensa num futuro melhor entendeu?* – linhas 693-694), com a intenção de construir a preocupação em ter um futuro melhor como um sentimento não apenas particular, mas de todas as pessoas, assim como nenhuma pessoa quer permanecer pobre.

Ainda neste excerto, podemos perceber que os participantes, ao falar dos estudos, lançam mão de argumentos de que estudam para melhorar de vida, manter o emprego, ajudar a família e até mesmo para provar para os *estabelecidos* que muitos dos rótulos que eles recebem não condizem com a realidade, como, por exemplo, quando Ricardo afirma que estuda para ter um futuro melhor e provar para as pessoas que o categorizam como vagabundo que “*não é bem assim que eles pensa*”. No entanto, percebemos certa contradição quando esses estudantes falam do futuro, ao alegarem que as possibilidades de um futuro próspero são raras, devido à sua condição social, como atestado no excerto abaixo:

Excerto 17

1069 Ricardo Ô professora ↑ tipo assim
 1070 Hugo Pobre não tem futuro não ↓véio @@@
 1071 Érica A:::h (.) cê acha que pobre não tem futuro?
 1072 Hugo Pobre não tem futuro nã:::o ó
 1073 Érica >Por que que não?<
 1074 Hugo >Porque não uai< pobre num foi fei- o::w pobre foi
 1075 feito pra virar pobre (mano) @@@ hhh ow é pra sofrer
 1076 rapaz cê acha que a vida é [bela?]

1077 Ricardo [Se o camarada] ô
1078 [professora
1079 Hugo [A vida né bela não.]
1080 Ricardo Se o camarada quiser vencer na vida °professora° ↓ ele
1081 vê::nce (.)↑ Ô fessora mas ele vai ter que tabaiá
1082 demais fessora não pra (.)↑ pra ele conseguir um
1083 serviço bom professora ele vai tá com setenta anos de
1084 idade ele vai tá per da morte [dele]
1085 Érica [Mas] por quê você acha
1086 [isso?]
1087 Ricardo [pra conseguir] um serviço bom ser considerado aí pela
1088 sociedade aí. (Pa:::i) já vai tá quase morto meu fio
1089 Érica Mas por que::: isso?
1090 Ricardo Ele já vai tá com quase 100 anos de idade e olhe lá
1091 ainda.
1092 Érica Mas porque cocê acha?
1093 Ricardo Ah fessora. Aqui é difícil boba é difícil que nem
1094 esses véio rico aí bate de carro os veio pobre vai de
1095 busão @@@@ XXX aí chega lá no banco aí::: pra quem
1096 cocê acha que o vigia vai ficá oiando (.) pro rico ou
1097 pro pobre (1,23)
1098 Hugo Pro pobre claro. Ele vai dá é proteção é pro rico pro
1099 pobre não.

No trecho anterior a este excerto selecionado, Hugo estava contando sobre um primo que veio de São Paulo para Minas Gerais em busca de um emprego e não conseguiu. Após o relato de Hugo, Ricardo toma o turno e tenta dizer algo (linha 1069), mas, antes de concluir sua fala, é interrompido por Hugo, que afirma que pobre não tem futuro (linha 1070). Érica, então, toma o turno e solicita a Hugo um reparo (linha 1071). Hugo repete o que disse anteriormente (linha 1072) e Érica, mais uma vez, não valida a resposta de Hugo e requer outro reparo (linha 1073). Hugo, atento a esse pedido, explica o motivo de sua afirmação. Segundo ele, pobre foi feito para sofrer (linhas 1074-1076). Quando Hugo dá a entender que está no final da sua fala, é interrompido por Ricardo, que tenta iniciar um turno (linha 1077). Hugo, no entanto, retoma o tópico anterior e conclui sua fala (linha 1079). Após Hugo concluir seu pensamento, Ricardo toma o turno e afirma que, para uma pessoa pobre vencer na vida, ela precisa trabalhar muito. Ricardo ainda afirma, em tom de ironia, que demora muito tempo para um pobre conseguir um bom emprego: *pra ele conseguir um serviço bom professora ele vai tá com setenta anos de idade ele vai tá per da morte [dele]* (linhas 1082-1084).

Ao perceber que Ricardo está terminando o turno, Érica interrompe a fala do estudante, dando início a uma sequência de pares adjacentes, quando questiona a Ricardo o motivo pelo qual ele pensa assim (linha 1085-1086). Ricardo, porém, não entrega o turno a Érica, provocando uma sobreposição de vozes, o que não altera o ritmo da interação, pois Ricardo responde imediatamente ao questionamento de Érica,

afirmando, mais uma vez de modo irônico, que um pobre só conseguirá um bom emprego e será *considerado pela sociedade* quando estiver quase morto (linhas 1087-1088). Érica, então, solicita um reparo (linha 1089) e Ricardo dá uma resposta insatisfatória (linhas 1090-1091), o que faz com que Érica solicite outro reparo (linha 1092). Para atender ao pedido de Érica, Ricardo começa a argumentar que os “velhos” ricos possuem carro, enquanto os pobres precisam utilizar o ônibus (linhas 1093-1094). Após rir da própria constatação, Ricardo tenta explicar seu raciocínio dando um exemplo de uma situação supostamente vivida por pessoas pobres ao adentrar um banco. O jovem questiona: se uma pessoa rica e uma pobre entrar em um banco, qual delas será vigiada pelo segurança? (linhas 1095-1097). Após um segundo e vinte e três décimos, Hugo se autoseleciona e afirma que o segurança vigiaria o pobre, e ainda enfatiza que, para o rico, o vigia daria proteção (linhas 1098-1099).

É interessante notar que, neste excerto, os jovens se autocategorizam como *pobres* para justificar a pouca possibilidade que têm de ingressar na sociedade dos *estabelecidos* e serem respeitados por seus méritos e não discriminados por sua condição social. Nesse excerto também é possível observar como a identidade relacionada à pobreza é relevante para os participantes. Um fato que chama a atenção nos relatos dos jovens estudantes de EJA é como eles alegam que a sua condição social contribui para que tenham negado o direito de, muitas vezes, exercerem a própria cidadania, como mostra o próximo excerto.

Excerto 18

1159 Érica ô gente ↑então voltando vão continuar aqui:: a questão
 1160 do diploma(.) se vocês tiverem o diploma e quiserem
 1161 trabalhar e ter o mes::mo tratamento de uma pessoa lá
 1162 do ce::ntro ou é:: ↑que que ocê acha Valéria?
 1163 Valéria Eu acho que não tem °professora°
 1164 Érica Por quê?
 1165 Valéria Eu acho que assim é:: é um certo preconceito. É
 1166 questão aqui do bairro é questão de às vezes não
 1167 acreditar no nosso potencial ↓assim entendeu? Acha
 1168 assim ah é negra assim de cor não num vai ser igual
 1169 Hugo Não é só o bairro não já sabe como que o bairro É °meu
 1170 fio° aí mesmo que acabou tudo. Já sabe que o bairro
 1171 aqui é perigo::so @@@
 1172 Valéria Exatamente (.) porque lá embaixo muita gente num
 1173 côsegue emprego porque mora no Novo Mundo.
 1174 Érica por quê?
 1175 Valéria Porque muitas vezes eles falam que o povo do do Novo
 1176 Mundo é povo ladrao (0.99) entendeu? Muitas das vezes
 1177 [aqui]
 1178 Hugo [barraqueiro]

Neste excerto, Érica inicia o turno questionando se os participantes acreditam que, mesmo portando um diploma e quiserem trabalhar, eles terão o mesmo tratamento de uma pessoa moradora do Centro, no caso, membro da sociedade de *estabelecidos* (linhas 1159-1162). Érica, então, direciona uma pergunta a Valéria, entregando a ela o turno e iniciando, assim, um par adjacente (linha 1162). Seleccionada por Érica, Valéria assume o turno e admite acreditar que os alunos da EJA residentes no bairro Novo Mundo não terão o mesmo tratamento que os *estabelecidos*, mesmo competindo em condições semelhantes (linha 1163). Érica solicita um reparo (linha 1164) e Valéria prontamente atende, explicando que acredita haver certo preconceito. De acordo com a estudante, por morarem no bairro Novo Mundo, muitos *estabelecidos* não acreditam no potencial desses jovens. Além de considerar o fato de morar no bairro Novo Mundo um empecilho para o sucesso profissional, Valéria também credita o fato de serem negros como um obstáculo para a ascensão profissional (linhas 1165-1168).

Em seguida, Hugo toma o turno e ratifica a fala de Valéria, afirmando que o fato de morarem no Novo Mundo impede que muitos consigam bons empregos, pois os *estabelecidos* já sabem que o bairro é perigoso. Percebe-se que, ao terminar a sentença, Hugo começa a rir, dando mostras de que tal situação já não o incomoda (linhas 1169-1171). Após a colocação de Hugo, Valéria toma o turno novamente e ratifica a afirmativa do estudante, confirmando que *lá embaixo muita gente num consegue emprego porque mora no Novo Mundo* (linha 1172-1173). Érica solicita um reparo (linha 1174) e Valéria logo atende, explicando que eles (os *estabelecidos*), falam que os moradores do Novo Mundo são ladrões (linhas 1175-1177). Quando a estudante utiliza a palavra *povo* (linha 1175) para referir-se aos moradores do bairro Novo Mundo, ela lança mão de uma categoria generalizadora, como se todos os moradores do bairro fossem ladrões. Antes de Valéria terminar sua fala, Hugo toma o turno e tenta concluir o pensamento da colega, afirmando que os *estabelecidos* também consideram os moradores do bairro Novo Mundo barraqueiros, ou seja, criadores de confusão (linha 1178).

No trecho acima, é possível perceber, mais uma vez, a ciência dos estudantes aos rótulos que os *estabelecidos* lhes atribuem. Ao utilizarem atributos como *negra*, relacionado à coleção cor da pele, e *perigoso*, associado ao bairro onde vivem, os estudantes projetam e ratificam o pertencimento à categoria identitária desviante, demonstrando suas construções sociais de identidade de *outsiders* na sequência da interação.

4.3. Assumindo a identidade de *outsider*

Durante as interações com os estudantes de EJA, notamos uma grande afinidade nas falas dos mesmos, inclusive quando acontecem as sobreposições de turno, quando um participante interrompe a fala do outro. Percebemos que, na maioria das vezes, quando o interlocutor interrompe bruscamente o turno do colega, sua intenção não é atrapalhar o outro, e sim ajudar. Assim, podemos considerar que a recorrência de sobreposições durante as interações com os alunos de EJA confirma a sintonia na interação. Essa interrupção cooperativa demonstra o alinhamento comum do grupo, o que acarreta uma construção coletiva de identidade.

Observamos também que, a todo o momento, os participantes apontam atividades e atributos que remetem à categoria de desviante e são responsáveis, segundo os mesmos, pela rotulação negativa que recebem e pelos estigmas que carregam. Seleccionamos, aqui, as atividades e atributos mais recorrentes nas falas dos alunos:

Atributos: ser vagabundo; ser traficantinho; ser à-toa; ser traficante; ser bandido; ser sem vergonha; ser trombadinha; ser tentado; ser aluno da 5ª série; ser “pichado”; ser “zuado”; não ser “santim”; ser negro; ser favelado; ser pobre; ser marginal; ser ladrão; ser barraqueiro.

Atividades: ficar “vagabundando”; mexer com droga; apanhar de polícia; roubar celular; fazer nada da vida; fazer bagunça; fumar no banheiro; ser maltratado; não ser levado a sério; mentir; ser mal recebido em locais públicos; ser vigiado ao adentrar certos locais; não poder comprar a prazo; ser acusado de roubo; morar em um bairro pobre; ser ignorado por viver no Novo Mundo; morar em um bairro violento; morar em um lugar mal falado; “tomar geral”; usar tatuagem; vestir touca e blusão; ser preso; ser abordado pela polícia; ter a casa revistada pela polícia; ser vítima de falso flagrante da polícia; ser acusado de tráfico; ser frequentemente julgado por atos ilícitos que, muitas vezes, não cometeu; ser vítima de preconceitos; não conseguir emprego; ser demitido do emprego morar em um local “inflamado”; andar de ônibus; ter o potencial desacreditado.

Através dos relatos dos estudantes, é possível perceber que a maioria dos atributos e atividades que eles citam é, na verdade, a projeção de uma autoimagem, o

reflexo da opinião que eles julgam ser dos *estabelecidos* a respeito deles, ou seja, os jovens estudantes de EJA demonstram a percepção que têm de si mesmo a partir do espelho do outro. Assim, o estudante se vê refletido através de categorias impostas a eles e que o mesmo, em seus relatos, assume tais categorias. Notamos, também, que todos os atributos e atividades listados acima remetem à categoria de desviante, e, na medida em que os estudantes se categorizam ou se autocategorizam dessa forma, durante a interação, eles estão construindo e assumindo uma identidade de *outsider*.

Nessa perspectiva, Coulon (1995b, p. 99) salienta que, “[n]a maior parte do tempo, o aluno conforma-se progressivamente ao rótulo que a instituição procura atribuir-lhe”. Assim, os jovens estudantes da EJA acreditam que, por carregarem consigo marcas de estigma, terão oportunidades de trabalho e sucesso dificultadas ou negadas pelos *estabelecidos*. Desse modo, através do processo de categorização, esses jovens reforçam o rótulo atribuído pelos *estabelecidos*: aqueles que moram no bairro Mundo Novo não são capazes de conviver em um grupo social que detém os valores morais reconhecidos e legitimados pelas pessoas “normais”.

Ao analisar os relatos dos alunos de EJA, concluímos, também, que, ao narrarem situações em que são desacreditados na escola, no bairro onde moram, ou quando se dizem vítimas de abusos da polícia, esses jovens, muitas vezes, se vitimizam, ou seja, se alinham na posição de vítimas, atribuindo a responsabilidade pelos rótulos e maus tratos que recebem à polícia, à instituição escolar, enfim, aos *estabelecidos*.

Além dessa vitimização, percebemos que, durante os relatos, os estudantes se preocupam em proteger a face positiva constantemente, e fazem isso, muitas vezes, quando realizam *accountability*, ou seja, eles sempre tentam justificar o motivo pelo qual são maltratados ou rotulados, tentando proteger-se de possíveis acusações. Dessa forma, eles frequentemente negam ser agentes das acusações que recebem, e fazem isso através de explicações, prestações de conta, com o objetivo de salvar a face.

Os jovens estudantes consideram, em seus relatos, o fato de serem negros, pobres e morarem no bairro Novo Mundo como principais atributos e atividades que os estigmatizam, fazendo com que sejam rotulados e discriminados por carregarem tais marcas. Nesse contexto, retomamos, aqui, a teoria de Rajagopalan (1998) e Moita Lopes (2008), que afirmam que os sujeitos contemporâneos são fragmentados e fluidos, construindo suas identidades através de suas interações sociais, de acordo com o seu momento histórico e o contexto social no qual ele está inserido. Assim, traços identitários como ser negro, pobre e morar em um bairro carente se misturam no

discurso dos estudantes, que revelam, ao longo de suas falas, a identidade de *outsiders*, o que é percebido pelas categorias que eles apresentam em seus relatos.

Outro fator interessante e que merece destaque diz respeito às associações que os alunos fazem entre modo de vestir/aparência e investidas da polícia. Dois desses relatos se sobressaem: quando Cláudio narra uma situação em que foi abordado e revistado pela polícia e enfatiza, em sua fala, que vestia uma bermuda e uma camisa polo, roupas usuais que não levantariam suspeitas; e o relato de Ricardo, que afirma que foi preso, durante um carnaval, porque trajava um blusão e uma touca. Desse modo, as roupas, assim como as tatuagens, podem ser consideradas símbolos de identidade, sendo que certos trajes, como blusão e touca, são traços da identidade de *outsider*. Já bermuda e camisa polo seriam roupas que, de acordo com o discurso dos estudantes, identificam os *estabelecidos*. Porém, nem mesmo o fato de usar roupas “normais” impediu que Cláudio fosse abordado e revistado pelos policiais, tratado como marginal e acusado de tráfico. Em sua fala, o estudante atribui o fato de morar no Novo Mundo, um bairro rotulado de forma negativa, como o motivo que o fez vítima de tal abuso.

Também se sobressai no discurso dos estudantes a reciprocidade no processo de rotulação, que fica explícita quando Júlio se refere à vendedora como *branquela* e quando João se refere à polícia como *safada*. Isso mostra que nem sempre os jovens recebem os rótulos passivamente. Muitos deles, às vezes, entram em conflito com os *estabelecidos*. Quando Sérgio afirma que conhece pessoas moradoras do Novo Mundo que se tornam violentas por terem negadas as oportunidades de emprego e ascensão social, ele está, na verdade, tentando justificar o fato de que muitos moradores do referido bairro são pessoas ligadas ao crime, principalmente ao tráfico de drogas. Aqui, mais uma vez, nota-se um processo de vitimização, quando o estudante responsabiliza os *estabelecidos* pelas escolhas negativas de alguns habitantes do bairro.

Tendo em vista nossas observações, é preciso lembrar que essa relação conflituosa entre os *estabelecidos* e os *outsiders* pode gerar grandes prejuízos para ambas as partes: para os *outsiders*, que muitas vezes têm negada a oportunidade de vencer as adversidades impostas pelo contexto sócio-histórico em que estão inseridos; e para os *estabelecidos*, que de detentores do poder podem tornar-se vítimas da violência dos *outsiders* que eles tanto discriminam. Desse modo, Velho (1981) chama a atenção para o fato de que

não existem desviantes em si mesmos, mas sim uma relação entre atores (indivíduos, grupos) que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural. Trata-se, portanto, de um confronto entre acusadores e acusados (VELHO, 1981, p. 23).

Vale frisar que, neste confronto, não há vencedores. Pelo contrário, todos são vítimas.

4.3.1. Alunos da EJA como *outsiders*

A maioria dos alunos de EJA matriculados na escola pesquisada vive em um ambiente retratado muitas vezes pelo tráfico e consumo de drogas, pela violência e pela discriminação, e é vítima de carências socioeconômicas, culturais, materiais e afetivas, sendo, muitas vezes, taxados de delinquentes pelos membros da sociedade que se julgam detentores dos valores morais. Ao observar que os *estabelecidos* consideram-se pessoas com características humanas superiores, que detém o poder devido às suas vantagens sociais, podemos, no contexto da nossa pesquisa, considerar como *estabelecidos* os cidadãos que fazem parte da comunidade que reside em bairros de classe média da cidade, assim como policiais, funcionários de lojas, bancos, entre outros estabelecimentos comerciais e institucionais.

Da mesma forma como os novos moradores do bairro Winston Parva, muitos moradores do bairro Novo Mundo são estigmatizados e considerados inferiores pela sociedade de *estabelecidos*. O simples fato de residirem em um local onde a maioria da população é negra, pobre, com pouca escolaridade e que abriga pessoas que mantêm ligação direta ou indireta com a criminalidade pode os qualificar como *outsiders* ou desviantes, e tais rótulos nos levam a refletir sobre a construção da identidade desses jovens através da linguagem.

Acreditamos que estigmatizar moradores do bairro Novo Mundo, por os mesmos não se inserirem nas regras e normas aplicadas pelo grupo estabelecido, pode ser uma forma de monopolizar e manter o poder à classe estabelecida. Assim, os rótulos e estigmas aplicados aos moradores do bairro Novo Mundo podem passar a compor a autoimagem dos mesmos, de modo que eles passam a aceitar e assimilar o valor negativo imposto pelo grupo de *estabelecidos*. Nesse sentido, por se tratar de um processo bastante coeso de atribuição de rótulos e aceitação dos mesmos, tanto pela

parte que rotula quanto pela que é rotulada, a estigmatização pode trazer um efeito negativo nos grupos de menor poder.

Nesse contexto, de acordo com Becker (2008),

[q]uando um comportamento dominante ocorre numa sociedade – comportamento que zomba de suas normas e de seus valores básicos –, um elemento de sua emergência é um colapso dos controles sociais que usualmente operam para manter a forma valorizada de comportamento. Em sociedades complexas, o processo pode ser muito complicado, uma vez que os colapsos de controles sociais são muitas vezes consequência do ingresso de pessoas num grupo cuja cultura e controles sociais próprios operam em sentido contrário aos da sociedade mais ampla (BECKER, 2008, p. 69).

Desse modo, percebemos que, muitas vezes, é mais pertinente para os membros dessa sociedade “normal” rotular os estudantes de EJA do bairro Novo Mundo de desviantes do que inseri-los nela.

Porém, conforme alerta Coulon (1995a),

o desvio não se definirá unilateralmente como desobediência a normas. Nele se há de ver o efeito de uma construção social, uma produção ao mesmo tempo daqueles que se ocupam com os desviantes e dos próprios desviantes que se rotulam como tais, confirmando por seus comportamentos ulteriores a atribuição social inicial do rótulo (COULON, 1995a, p. 17).

Assim, supomos que muitos jovens estudantes da EJA, percebendo o rótulo que lhes foi atribuído, formam uma subcultura de “desviantes”. Nesse contexto, mostramos que as escolhas linguístico-discursivas desses alunos e as marcas linguísticas de certo nível de letramento funcionam como pistas dessa subcultura, considerando que “[a] vida social se constitui através da linguagem: não a dos gramáticos e dos linguistas, mas a da vida de todos os dias” (COULON, 1995a, p. 32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo identificar como acontece a negociação e construção da identidade de um grupo de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir da interação entre eles e uma mediadora

Através da técnica do grupo focal, que se deu de forma bastante espontânea, identificamos, na fala dos alunos, características da estrutura da conversa cotidiana, analisando o processo de fala-em-interação, assim como as tomadas de turno, e pudemos perceber uma colaboração constante entre os falantes, o que garantiu a harmonia durante as interações.

Buscamos, em nosso trabalho, privilegiar a perspectiva dos participantes, ou seja, demos voz aos atores sociais, que revelaram, através das interações, traços relevantes de sua identidade de *outsiders*. É pertinente enfatizar que, embora as interações tenham acontecido de acordo com as técnicas do grupo focal, que pode ser considerado um tipo de interação assimétrica, em que um dos interagentes tem o poder da palavra e distribui os turnos de acordo com sua vontade, os grupos focais que balizam este trabalho apresentaram características de interações simétricas, quando todos os participantes tiveram o mesmo direito ao uso da palavra. Isso se deu devido ao relacionamento próximo da pesquisadora com os participantes, o que facilitou desde o acesso ao campo até a tranquilidade para colher as informações durante os encontros, que foram marcados pela espontaneidade, já que os estudantes tiveram plena liberdade de expressão.

Assim como Almeida (2009b, p. 235), acreditamos que a fala-em-interação seja reveladora dos processos sociais pelos quais as pessoas coconstroem visões de mundo. Dessa forma, certas atividades e características são atribuídas a alunos de EJA de uma escola pública de forma que possamos compreender como se dá o processo da construção de identidade durante as interações na escola.

Nesse contexto, considerando a importância de um olhar etnometodológico nas interações verbais de estudantes de EJA, retomamos as perguntas de referência para esta dissertação, discutindo-as a partir dos dados gerados e analisados durante a pesquisa:

- a) Como os alunos da EJA constroem a identidade social em situação de interação?
- b) Como esses alunos revelam as suas identidades durante o processo de fala-em-interação?

- c) A quais categorias de pertencimento os estudantes se reconhecem e se classificam?

Com relação à identidade social dos falantes, observamos que, através dos mecanismos de categorização de membros, eles negociam e assumem a identidade de *outsiders* durante as interações. Desse modo, concluímos que a análise das categorias de pertencimento é uma ferramenta importante para observar a construção das identidades no discurso, em que os participantes lançam mão de certas categorias identitárias no processo de construção de identidades. Outro fator interessante que notamos durante as interações foi que, durante todo o processo, os falantes se autocategorizam e apontam atributos e atividades que os identificam como desviantes. Percebemos, também, no discurso dos estudantes, a necessidade que os mesmos têm de atribuir aos *estabelecidos* a responsabilidade pelos rótulos negativos que recebem, em um processo constante de vitimização. Porém, os estudantes ratificam, em seus discursos, o pertencimento a essas categorias consideradas negativas.

Ao discutir sobre construção de identidade, é preciso lembrar que as identidades não são fixas; pelo contrário, são dinâmicas, maleáveis e, às vezes, contestadas ou rejeitadas. Considerando o discurso dos estudantes de EJA, vimos que a maioria deles admite que carregar marcas como ser negro, pobre e morar em um bairro carente – o Novo Mundo – é o principal motivo que os leva a ser discriminados e maltratados por muitos *estabelecidos*, ou seja, esses são os traços de identidade que se tornaram mais relevantes durante as interações, os quais guiaram praticamente todas as ações desenvolvidas no discurso desses jovens. Através da análise da fala-em-interação, ficou evidente que o pertencimento à categoria de desviante, embora contestado, é assumido pelos alunos de EJA, que, por meio da autocategorização e da categorização projetada através do reflexo da opinião que os estudantes julgam ser dos *estabelecidos*, constroem e assumem, durante a interação, a identidade de *outsiders*.

Apesar de assumirem a identidade de *outsider*, os estudantes relatam conflitos na relação com os *estabelecidos*. Ao acusarem os *estabelecidos* de lhes negarem oportunidades de ascensão social devido aos estigmas que carregam, os jovens alunos de EJA mostram-se insatisfeitos com a situação, o que provoca uma tensão permanente entre os atores sociais e pode acarretar sérios problemas, como confrontos entre *estabelecidos* e *outsiders* e o aumento da criminalidade, uma vez que, conforme os

próprios estudantes relataram, vários moradores do bairro Novo Mundo se tornam violentos devido às negações constantes de oportunidades.

Contribuições, limitações e questões para investigação futura

Tendo em vista a carência de literatura que aborde o estudo da identidade de estudantes de periferia em uma perspectiva etnometodológica, considerando o ponto de vista dos atores sociais, acreditamos que a principal contribuição deste trabalho foi oferecer uma análise empírica e minuciosa da construção de identidade de alunos de EJA, através de uma metodologia interacionista. Esperamos que este trabalho seja um passo inicial para que educadores de escolas que oferecem cursos de EJA, principalmente as localizadas em locais periféricos, possam repensar suas práticas pedagógicas e reavaliar as abordagens educacionais para esse público tão especial.

Assim, ao traçar um perfil desses estudantes, revelando como eles se sentem em relação ao tratamento que recebem dos estabelecidos, inclusive na escola, esperamos trazer uma contribuição efetiva e importante principalmente para o corpo docente dessa e de outras escolas que possuem um público com perfil equivalente, em relação a um olhar mais compreensivo para esse alunado e ao cuidado que devem ter ao rotular esses estudantes. Nesse sentido, acreditamos que um dos principais desafios no que tange a um projeto de educação de jovens e adultos que atende a um público tão diferenciado quanto o estudado nesta pesquisa seja a aplicação de uma metodologia que respeite não apenas o ambiente em que o estudante está inserido, mas sua história de vida, sua cultura e seu pensar, podendo oferecer a ele uma formação política, cultural e profissional, baseada em uma abordagem de ensino mais inclusiva e afetiva, que resgate a autoestima desses jovens estigmatizados, respeitando a sua diversidade através de currículos mais flexíveis, expressivos e inovadores.

Além do mais, acreditamos que esta pesquisa contribui para os estudos que vêm sendo produzidos na área de Análise da Categorização de Membros, cujo acervo no Brasil ainda é restrito.

As principais limitações deste trabalho foram referentes às dificuldades em manter os mesmos integrantes nos grupos focais, devido ao fato de alguns participantes terem evadido da escola pelos mais variados motivos. O estudo da interação através do grupo focal também poderia ser considerado uma limitação, uma vez que esse tipo de abordagem não contempla a fala em situações espontâneas, porém, não consideramos

este fato uma limitação, já que a relação próxima entre a pesquisadora e os participantes contribuiu para a naturalidade das conversas, de modo que os participantes se mostraram bastante à vontade para se manifestar durante as interações.

Enfim, após este trabalho, consideramos a Análise da Conversa Etnometodológica e a Análise das Categorias de Pertencimento propostas interessantes e relevantes para o estudo das identidades sociais. Acreditamos, assim, que esta dissertação poderá contribuir para melhorias na Educação de Jovens e Adultos, além de colaborar com novos trabalhos a serem desenvolvidos sob a ótica da etnometodologia.

Como tivemos acesso a um *corpus* rico e inédito, várias outras investigações, sob outros olhares, poderão ser feitas futuramente. Estudos baseados na fala dos estudantes, em especial ligados a narrativas de resistência, parecem ser interessantes, uma vez que esse tipo de relato é frequente na fala dos alunos, porém não foi contemplado na presente pesquisa. Nesse contexto, acreditamos ser este um tema bastante instigante para uma futura investigação.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. (2008) **Processos de categorização social: emergência de categorias sociais na fala em interação.** Disponível em http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.21.2/Rosane_Alencar.pdf. Acesso em 09/03/2010.

ALMEIDA, R. **Análise da Conversação como metodologia para a investigação dos processos comunicativos.** Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/ecomig/wp-content/uploads/2009/08/ALMEIDA_Roberto_Texto.pdf. Acesso em 09/03/2010.

ALMEIDA, Alexandre do Nascimento. A noção de relevância sequencial: construindo identidades masculinas na sala de aula. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M **Análises de fala-em-interação institucional: a perspectiva da análise da conversa etnometodológica.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009a.

ALMEIDA, Alexandre do Nascimento. **A construção de masculinidades na fala-em-interação em cenários escolares.** Porto Alegre: UFRGS. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009b.

BAKER, C. Membership categorization and interview accounts. In: David SILVERMAN, ed. **Qualitative research: Theory, method and practice.** London: Sage, 1997. pp. 130-43.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** SP: Hucitec, 1995.

BARROS, T. **Processos de categorização na seleção de secretárias executivas: a fala-em-interação de uma gatekeeper.** Disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610482_08_cap_01.pdf. Acesso em 09/03/2010.

BASTOS, Liliana Cabral. Estórias, vida cotidiana e identidade – uma introdução ao estudo da narrativa. In: CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa; SCLIAR-CABRAIL, Leonor (Orgs.). **Desvendando discursos: conceitos básicos.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. (p.79-111).

BARBOUR, R. **Grupos Focais.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Edições Loyola, 2002b, p. 107 – 148.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CHNAIDERMAN M. Língua(s) – Linguagem(ns) - Identidade(s) – movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, I (org.) **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. pp.47-68

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE,S.T.M.: CODO,W. (org.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 10ª Ed. São Paulo, Brasiliense, 1992. Cap.2, p.58-75.

COIMBRA, A.M. Histórias contadas na sala de aula: a construção da identidade social do gênero mulher, in MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. pp 209 a 232.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995a.

COULON, Alain. **Etnometodologia e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995b.

ELIAS, Norbeth; SCOTSON, J.L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FAIRCLOUGH, N. Teoria Social do discurso. In: Fairclough: **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Ed. da UNB, 2001. pp.89 a 131.

FABRÍCIO. B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescições em curso. In: Moita Lopes, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Uwe Flick; tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman: Artmed, 2009.

FREITAS, Ana Luiza Pires; MACHADO, Zenir Flores. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, L. L; JUNG, N. M. **Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometológica**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, p. 59- 94.

GAGO, P. C. **Questões de transcrição em análise da conversa**. Veredas, v.06, n.2, 2004.

GALEMBECK, Paulo T. (2002) Marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: PRETI, Dino (Org). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP. Projeto NURC-SP, Série Projetos Paralelos, 2002. pp. 67-88.

GARCEZ, Pedro M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L; JUNG, N. M. **Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometológica**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, pp. 17 – 38.

GARCEZ, P.; OSTERMANN, A.C. Glossário conciso de Sociolinguística Interacional. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. pp.257-268.

GOFFMAN, Erving. A Elaboração da Face - Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 15ª Ed. Petrópolis: Ed.Vozes, 2008a.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002a. p.13-20. [publicado em 1964 em *American Anthropologist*].

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008b.

GOFFMAN, Erving. *Footing*. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002b, p. 107 – 148.

GOLDWASSER, Maria Júlia. “Cria Fama e Deita-te na Cama”: O Estudo da Estigmatização numa Instituição Total. In: Velho, Gilberto (Org.). **Desvio e**

divergência – Uma crítica da patologia social. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (p. 29-51).

GUMPERZ, J. (2002). *Convenções de Contextualização*. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. (p. 149-182).

IERVOLINO, SA.; PELICIONI, MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. In: **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001.

JUNG, N. M. **A (re)produção de identidades sociais na comunidade e na escola**. Ponta Grossa/PR: Editora UEPG, 2009.

KERBRAT-ORECHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

KOCH, Ingedore. V. **A interação pela linguagem**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens**. *Etnográfica*, fev. 2010, vol.14, no.1, p.27-58.

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LODER, Letícia L. Noções fundamentais: a organização de reparo. In: LODER, L. L; JUNG, N. M. **Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometológica**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, p. 59 – 94.

LODER, Letícia. L., GONZALEZ, P. C., & GARCEZ, P. M. (2002). Reparo em terceira posição e intersubjetividade na fala-em-interação em português brasileiro. **Veredas (UFJF)**, 6(2), 117-122.

LODER, Letícia L; SALIMEN, Paola G.; MULLER, Marden. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, L. L; JUNG, N. M. **Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometológica**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, p. 39-58.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-formação**. Série Pesquisa, Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1991.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

LOPES, Luiz Paulo Moita. Discurso de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Linguagem e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de letras, 1998, (p. 303-332).

MOITA LOPES, Luiz Paulo da & Liliana Cabral BASTOS (orgs.). **Identidades: Recortes Multi e Interdisciplinares**. Campinas, SP: CNPq/ Mercado de Letras, 2002. 477pp.

MOITA LOPES, L. P. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, M. R. M. **Técnicas de si na contemporaneidade: a construção do sujeito na fluidez da web**. Disponível em http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/producaoCientifica/ABRALIN_2009_ARTIGO_MREGINAMOMESSOOLIVEIRA.pdf. Acesso em 23/06/2009.

PEREIRA, Maria das Graças Dias. “Construção da identidade gerencial no jogo interpessoal das emoções em uma reunião empresarial”, in: SILVA, Maria Cecília de Souza e; FAÏTA, Daniel (orgs). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 1997.

PROENÇA, W.L. Observação participante. In: **Revista Antropos – Volume 2, Ano 1**, Maio de 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical? In: Signorini, Inês (org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. pp. 21-46.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: Moita Lopes, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

RIVERO, C.M.L. **A Etnometodologia na Pesquisa Qualitativa em Educação - Caminhos para uma síntese**. Anais II Sipeq, 2004. Disponível em http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/mr2/mr2_5.pdf. Acesso em 08/07/2010.

RODRIGUES JÚNIOR, Adail. Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman. In: **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 123-148, jan./jun. 2005.

SACKS, H. **Lectures on conversation**. Oxford: Blackwell, 1992.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.A. e JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas**, v.7, n. 1-2, p. 9-73, 2003. Tradução de SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. (1974). A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, pp. 696-735.

SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail e SACKS, Harvey. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, Baltimore, vol. 53, n2, pp. 361-382, 1977.

SNACK, C. M.; PISONI, T. D.; OSTERMANN, A. C. Transcrição de fala: do evento real à representação escrita. **Entrelinhas**, ano II, n. 2, mai/ago 2005. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=12>>. Acesso em: 15/08/2010.

SELL, M.; OSTERMANN, A.C. **Análise de Categorias de Pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: a (des) construção discursiva do homogêneo masculino**. Disponível em <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v53-1/04-artigo1.pdf>. Acesso em 09/03/2010.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3 ed, Porto Alegre: Artmed, 2009.

STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e máscaras: a busca da identidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

TANNEN, Deborah. Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle, in OSTERMANN, Ana Cristina e FONTANA, Beatriz (Orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade**. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

TÍLIO, Rogério. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. In MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. pp 89 a111.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.


VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: A contribuição da Antropologia social. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Desvio e divergência – Uma crítica da patologia social**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. pp. 11-28

VERSIANI, Daniela B. **Autoetnografias – conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7letras, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Anexos

ANEXO A: Termo de Consentimento assinado pelos alunos sempre após os encontros.

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES PESQUISA “A linguagem da periferia: construção de identidade por alunos de EJA de uma escola pública”</p>
---	--

Termo de Consentimento

Estou ciente que o objetivo nessa pesquisa é descrever e interpretar as estratégias discursivas utilizadas pelos alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos.

Afirmo que minha participação é voluntária e que nenhum tipo de coação foi usado para obter a minha participação.

Estou ciente que posso retirar meu consentimento e encerrar minha participação em qualquer estágio desta pesquisa.

Afirmo que fui informado(a) dos procedimentos que serão utilizados neste projeto. Estou ciente que toda a gravação será usada e analisada de forma anônima. Meu verdadeiro nome não será usado, a não ser que eu prefira e manifeste por escrito essa preferência. Também estou ciente que trechos de fala poderão ser usados em relatórios, apresentações e artigos sobre a pesquisa.

Desejo dar minha contribuição voluntária como participante.

Reconheço que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Telefone: _____

Endereço: _____

Data: _____

Caso você tenha alguma dúvida sobre esta pesquisa, favor entrar em contato com:

Érica Alessandra Fernandes Aniceto
Tel.: (31) 8746-7061
e-mail: ericalessandra@yahoo.com.br

ANEXO B: Letra da música “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, do grupo *O Rappa*.

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

O Rappa (composição: Marcelo Yuka)

Tudo começou quando a gente conversava
Naquela esquina alí
De frente àquela praça
Veio os homens
E nos pararam
Documento por favor
Então a gente apresentou
Mas eles não paravam
Qual é negão? qual é negão?
O que que tá pegando?
Qual é negão? qual é negão?

É mole de ver
Que em qualquer dura
O tempo passa mais lento pro negão
Quem segurava com força a chibata
Agora usa farda
Engatilha a macaca
Escolhe sempre o primeiro
Negro pra passar na revista
Pra passar na revista

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

É mole de ver
Que para o negro
Mesmo a aids possui hierarquia
Na África a doença corre solta
E a imprensa mundial
Dispensa poucas linhas

Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema
Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema
Ou das colunas sociais

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

ANEXO C: Letra da música “Polícia”, do grupo *Titãs*.

Polícia

Titãs (composição: Tony Bellotto)

Dizem que ela existe
Pra ajudar!
Dizem que ela existe
Pra proteger!
Eu sei que ela pode
Te parar!
Eu sei que ela pode
Te prender!...

Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia...(2x)

Dizem pra você
Obedecer!
Dizem pra você
Responder!
Dizem pra você
Cooperar!
Dizem pra você
Respeitar!...
Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia...(2x)

Guga poderia virar um assassino?

Nessa quadra chamada Brasil, Guga e Sandro estavam divididos exatamente pelas mesmas linhas que incluem e excluem, que dão ou tiram chances, que fazem prosperar ou progredir. A quadra que faz derrotados e perdedores.

Se temos mais medo e vergonha do Brasil do que orgulho e confiança é porque nossas linhas divisórias criam mais espaço para gerar Sandros do que Gugas.

Desemprego, subemprego, baixos salários, educação pública ruim, políticas públicas indigentes para recuperar jovens, tratar drogados, assessorar famílias desestruturadas são os fatores que empurraram o transtornado Sandro para dentro daquele ônibus no Jardim Botânico.

Os números mostram, com clareza, como o desemprego atinge mais pesadamente aqueles com baixa escolaridade.

E também mostram como a renda está caindo, especialmente nas regiões metropolitanas.

Deterioração das regiões metropolitanas, baixa escolaridade, desemprego acentuado entre os jovens são as linhas dessa quadra da exclusão

Nesse jogo de morte, não há Polícia que, de fato, funcione. Nem prisão que abrigue tantos delinquentes.

Vamos seguir tendo chances de produzir mais Sandros de que Gugas.

Somos, então, uma nação de perdedores!

Os dois episódios geraram, na época, uma forte comoção nacional. A vitória do tenista brasileiro Guga, por tudo que representava um título internacional, disputado com esportividade e profissionalismo, em alto estilo, foi comemorada com a tradicional euforia verde-amarela, ainda que por uma pequena parcela de torcedores brasileiros. O tênis, repetimos, ainda é esporte de elite.

Em síntese, final feliz para Guga!

Quanto ao episódio no qual Sandro, o marginal, envolveu-se, com certeza, provocou diferentes reações no público. Em casos como esse, encontramos pessoas que compartilham com a atuação de policiais imprudentes e consideram que bandido tem que “comer bala”. Há, no entanto, um número significativamente menor de pessoas que se indignam com tamanha barbárie. Afinal, para aqueles que cultivam o bom senso, que defendem o respeito ao próximo, “violência não se acaba com violência”. Mas, verdade é que o fato estava consumado! Duas vítimas jaziam com a mesma causa “mortis” – ASSASSINATO.

Lamentavelmente, os argumentos que a professora usava para convencer seus alunos das verdades da vida humana de nada lhe serviram para salvar-lhe. Ela não teve oportunidade de se expressar. Silêncio de palavras! Silêncio de vida! Vítima do azar; Sandro, vítima da sociedade, sobrevivente da sorte; desta vez, morto pelo órgão a que denominamos, ironicamente, segurança.

Na trajetória de vida desses dois homens – se Valdomiro e Sandro – há inúmeras semelhanças e uma diferença: ao velho Valdo a natureza, apesar das crueldades, poupou-lhe a vida deu-lhe, em abundância, uma trajetória inglória. Sandro escapou de uma chacina mas foi ao encontro de outro azar e morreu muito jovem. Mesmo assim, com certeza, conviveu com a carência de boas coisas, mergulhado nos becos, sem

educação, sem família, sem um mínimo de felicidade. E lamentavelmente, eles têm milhares de companheiros que compartilham com eles a mesma “sorte”

O leitor, com certeza, lembrar-se-á também de Fernando Ramos da Silva – o Pixote. Aquele menino de rua, pobre, que de uma hora para outra, tornou-se celebridade quando da sua atuação no filme *Pixote*. Na tela, ele, praticamente, representava sua vida real. Estrelou ao lado da conhecida atriz Marília Pera e conheceu, de perto, o sabor da fama. Todavia, os holofotes das casas de espetáculo, nas indicações do filme para os prêmios a que concorreu, contrastavam com a difícil e nada brilhante história que Fernando vivera, até então, na realidade.

Das muitas reportagens que se estampavam nos jornais, na época, no Brasil, e em alguns outros países, onde o filme foi exibido, quase sempre, havia algum texto reportando-se à história do menino pobre que tinha intimidade com o mundo da rua e que virou celebridade. No fundo, todos vibravam com a chance que a vida estava lhe dando, por meio da arte.

Mas, se é verdade que esta passagem de sua história mereceu a atenção de um grande número de pessoas, especialmente dos jornalistas, destaque mais expressivos se manifestaram quando o seu público tomou conhecimento que voltara para as ruas, encontrara ou reencontrara as drogas e a morte.

Gilberto Dimenstein (Folha de São Paulo, 2000)

ANEXO E: Transcrições na íntegra dos grupos focais realizados: Grupo Focal 1 (09/03/09); Grupo Focal 2 (07/04/10) e Grupo Focal 3 (08/09/2010).

Grupo Focal 01 (Gravação 01– 15:44.69)

1 Érica Eu trouxe essas músicas ho:::je, porque eu quero
2 conversar com vocês sobre elas. O que vocês acham
3 dessa questão da música do do Navio Negreiro. †Cês
4 concordam?
5 Sérgio Concordo professora.
6 Érica Por que você concorda?
7 Sérgio Ah, porque ele é::: (1.6) >porque eu concordo uai<
8 Paloma @@@@
9 Érica Ah, mas deve ter algum motivo @@@ Cê acha que::: a
10 polícia é::: > se tiver um negro e um branco. E ela
11 vai pegar o negro?
12 Muitos Claro que [vai] ((Muitos afirmam que sim))
13 Érica [por que] que cês acham?
14 Wesley O negro é estepe fessora da polícia, uai.
15 Sérgio [É]
16 Érica [Por quê?]
17 Wesley Ah, que rola preconceito né fessora contra os negros
18 né até hoje né. Aí existe †existe isso até hoje uai.
19 Cristian É verdade. Existe isso até hoje né
20 Érica Alguém [aqui]
21 Cristian [XXXXX, né, mas na verdade XXX
22 Érica Alguém aqui já já tomou geral?
23 Muitos XXXXX – Já ((risos, um aponta o outro))
24 Érica Oi?
25 Wesley Já tomei.
26 Cristian Pente fino.
27 Érica Mas aí como †Pente fino? @@@ que que é isso?
28 Sérgio Geral fessora até::: baixar a calça ué.
29 Érica Isso é pente fino? E como que como que é::: eles
30 abordam?
31 Sérgio Abordam, chuta a perna da gente.
32 Érica Como?
33 Sérgio Chuta a perna da gente.
34 Cristian Quando puxa o trem do cara né?
35 Paloma @@@@
36 Érica Como é que é, Cristian?
37 Cristian Isso quando puxa o trem do cara também né?
38 @@@@
39 Sérgio Ape:::rta fessora.
40 Érica Oi?
41 Sérgio Ape:::rta
42 @@@@
43 Érica Aperta o pênis?
44 Cristian É XXXXX (muitos falam simultaneamente)
45 Cristian Um dia que ela ((a polícia)) tava passano lá ó
46 pergunta Gérson procê vê. Cada um tomou geral de cada
47 policial.
48 Érica Peraí, fala pra todo mundo, como é que é?
49 Cristian Nós tava num bar lá no Novo Mundo 2 >num foi Gérson?<
50 Aí cada um tomou geral de uma polícia né depois só
51 ficou eu lá. Cada hora são quatro policial cada hora
52 um me revistava depois ia outro mandava tirar o
53 boné:::
54 Érica Peraí. Quatro policiais para revistar uma pessoa.

55 Cristian É ué.
56 Érica Nossa senhora. †Mas assim. Eles vêm o que atrás de:::
57 Eles param vocês do nada, assim?
58 Sérgio Do nada.
59 Cristian Não. Porque o lugar da gente morá é::: inflamado né.
60 Sérgio Rola denúncia.
61 Érica O que que é inflamado?
62 ((Confusão... todos querem falar))
63 Érica Que que é inflamado?
64 Cristian XXX esse tipo fessora. É denúncia né? Alguém faz
65 alguma coisa e ês avisa pra polícia e pá.
66 (1,64)
67 Wesley Outra hora não precisa nem disso não né fessora. Só
68 de você passar os cara já te joga na parede e já era.
69 Sérgio Tipo assim se a professora. Vamos supor. A senhora
70 sabe dos seus direitos você é homem. Aí se ele
71 chegar, chegar empurrando você assim e te batendo
72 nocê †cê fala com ele que cê sabe do seu direito,
73 sabe?
74 Érica Hanh
75 Sérgio Aí eles fica XXX assim, e depois na hora que eles for
76 te dá abordagem e se num tiver ninguém e nenhuma
77 testemunha perto ele forja uai.
78 Érica Como assim. Fo:::rja?
79 Sérgio Põe a droga no seu bolso e leva ocê lá embaixo [*para*
80 *a delegacia*].
81 Érica Já fizeram isso aqui?
82 vários Claro. Aqui eles faz direto.
83 Érica Peraí, como é que é?
84 Cristian Faz direto esse negócio aí uai.
85 Érica Peraí
86 (1,31)
87 Sérgio Se ele não gostar da pessoa aí.
88 Érica Peraí. Vamos supor. Eu não gosto do::: do::: Samir
89 Sérgio É:::
90 Érica Aí eu finjo que vou dar gera:::1
91 Sérgio Aí você tira duas, pedras, três pedras e enfia no
92 bolso dele pá batê né?
93 Érica só pra bater
94 Sérgio Lá ele apanha demais, uai.
95 Wesley Apanha mesmo. Se bobear ele ainda fica preso.
96 Cristian Quando num leva pra Pedreira. É na pedreira que eles
97 leva os outros.
98 Érica Como que é?
99 Cristian Pedreira
100 Érica Onde que é a Pedreira?
101 Cristian No Novo Mundo.
102 Érica Onde que é isso?
103 Cristian É no Novo mundo. Perto da Cartucha ali.
104 Érica Indo pra::: Dom Viçoso? Aquele lugar?
105 Cristian É. É:::
106 Cristian Eles leva a pessoa pra lá. Igual, tipo.
107 Sérgio vai e [joga]
108 Cristian [Tipo assim] uma peessoa assim que que já tava
109 recebendo muita denúncia anônima. Você mora num lugar
110 igual já aconteceu comigo. Eles pega [ocê]
111 Sérgio [igual muitas
112 vezes]
113 Érica [Peraí, como é que é?
114 Cristian Tipo assim. Igual Sérgio lá pá Sérgio tá lá no
115 movimento lá e a pessoa só [fica::: ah:::]

116 Érica [Que que é movimento?
117 Sérgio Vender droga
118 Érica Ah tá:::
119 Cristian XXX Fulano de tal tá vendendo isso. E fala nome e
120 endereço da casa. Eles te passa lá. O pessoal do
121 mesmo bairro e eles te pede ocê pergunta seu nome, cê
122 fala seu nome certo eles te põe ocê dentro do
123 camburão e fala ↑Cadê fulano de tal? Ele tá mexendo
124 com isso, isso, e ocê num pode [falar]
125 Érica [Ah, peraí] Eles pegam
126 uma pessoa inoce:::nte >pra ver se ela entre:::ga<
127 Cristian Isso. Se ocê num entregar ela fala. Aí ó::: tava no
128 seu bolso aí ó. Isso aí é seu. Pra ver se ocê vai
129 cagoetar.
130 Érica Pra entregar. ↓Pra quê?
131 Cristian Pra cangoetar a pessoa.
132 Érica O quê?
133 Sérgio Pra entregá a pessoa.
134 Érica Ah tá::: entrega ↓a pessoa.
135 Wesley X9
136 Érica Quê?
137 Wesley X9
138 Érica Quê?
139 Cristian X9 é boca aberta.
140 Érica Ah, X9 é quem entrega. Aí o que acontece com quem
141 entrega?
142 muitos: Morre! ((confusão))
143 Érica Aqui, mas AÍ. Alguém aqui já passou por isso?
144 Cristian Eu já! ((muitos confirmam))
145 Érica Tomar geral, colocar droga no bolso.
146 Cristian Eu já, uma vez.
147 Wesley Já passei.
148 Cristian O último bingo que teve ni::: ni Monsenhor Horta
149 ((distrito da cidade pesquisada)) [lá na Cartu:::cha]
150 Sérgio [Eu também] já
151 passei também, num quero passar por isso mais não.
152 Érica O que aconteceu?
153 Sérgio [O policial.]
154 Cristian [Cê tava Sérgio?] Na rua?
155 Sérgio Tava lá uai.
156 Cristian Tem um camarada lá pá mexe com negócio de tráfico de
157 motos, movimento alto. Lá o::: lá lá o:::
158 Érica Peraí. O cara mexe com isso.
159 Cristian É mexe com roubo. ↑E o policial queria que eu
160 cangoetasse ele e tudo mais. Colocou o negócio no meu
161 bolso e eu falei Ah ↑pode levar. Aí lá embaixo lá. Eu
162 vou falar que ocês poram no meu bolso e tô de boa
163 uai.
164 Érica Mas aí cê fala. Eles te levaram?
165 Cristian Não. Num chegou a levar não uai. Aí me soltou de
166 novo.
167 Érica °Ah tá.° Mas e se leva:::r aí o que acontece? Só bate
168 e depois liberam.
169 Cristian XXXXX Eles batem, tem pagar (trezentos) conto.
170 Sérgio Aí ele tem que falar o que aconteceu, ué.
171 Érica Ah tem?
172 Cristian Até entrega:::r
173 Sérgio Até [entregar.]
174 Érica [↑Deixa eu contar] pra vocês um coisa. ↑Cês sabem
175 que eu trabalho no jornal né? Teve uma ve:::z que eu
176 fui entrevistar uns caras lá::: aí o cara quando

177 acabou a::: a entrevista ele tirou do bolso um papel
178 cheio de sangue que ele tava ele tava pondo pelo
179 nariz< †de tanto apanhar. Aí a gente foi perguntar a
180 polícia que era verda:::de. Eles falaram †Mentira. A
181 gente não bate não. Eles tão fazendo [isso pra]
182 Sérgio [bate não:::]
183 mas bate.
184 Cristian Mentira deles fessora. O negócio é o seguinte, olha
185 procê vê, (aconteceu) com um colega meu. O negócio é
186 o seguinte, ele põe a droga no seu bolso e te leva lá
187 prá aí tem neguim que é bobo, tem neguim que::: fica
188 com medo e fala. É meu, é meu, é meu, e fica preso lá
189 de bobeira.=
190 Érica = Mas fala que é dele [por quê?]
191 Sérgio [Com medo de apanhar
192 uai.]
193 Cristian [Com medo de apanhar uai.] Eu se tiver na rua e tiver
194 com uma arma e polícia me pegar eu falo. Negócio é o
195 seguinte, a arma é minha, se tiver comigo e a arma é
196 minha eu XXXX. Tava comigo, a arma é minha, me
197 prendeu e colocou a droga no meu bolso, eu vou chegar
198 lá e vou falar com o delegado a verdade ó. O negócio
199 é o seguinte †eu sei que falar que a arma é minha não
200 vai contra ele, porque::: ele ele tem testemunha e eu
201 não tenho nada.
202 Érica Porque eles só pegam quando não tem testemunha né?
203 Cristian É uai.
204 Sérgio É Brincadeira uai.
205 Érica Ô Wesley. Cê também já passou por isso?
206 Wesley Demais uai.
207 Érica Como que foi?
208 Wesley A:::h. Teve uma vez que eles me pegaram aí né.
209 Colocaram a droga XXX
210 Érica Aqui no Novo Mundo?
211 Wesley Não, foi lá no Centro.
212 Érica Peraí, conta do começo. Como é que foi? Cê tava no
213 Centro.
214 Wesley Eu tava no centro no festival que teve lá né. Aí o
215 policial veio dá geral. Tava eu e quatro caras. Aí
216 eles falaram que era nosso. Aí colocou XXX
217 Érica Mas o cara falou de sacanagem? Colocou de sacanagem?
218 Wesley A:::H, SEI LÃ. Eu tava passando assim e aí depois
219 eles pegaram o negócio e falou que era nosso lá::: Aí
220 levou pro Militar e chegou lá o cara já veio (.) logo
221 em bando pra dar geral ni mim mais XXX, falando que
222 que XXXX, fazer a caveira com os home. Com o choque.
223 Érica Fazer o quê?
224 Wesley A caveira, né. falar que eu era viciado mesmo.
225 Érica Que que é choque?
226 Wesley Polícia de fora aí ó.
227 Érica Peraí, choque.
228 Sérgio É a tropa de choque.
229 Wesley Ela vem camuflada.
230 Érica Ah tá.
231 Wesley Aí ele pegou e::: falou que me conheceu e eu falei
232 com ele ó. Que me conhece rapaz. Cê é doido? Falei
233 com ele. Aí eles me deixaram lá e ele foi e colocou
234 nós no carro e levou pra lá perto da Mina Del Rey.
235 Érica A:::h cê falou.
236 Cristian E tirou seu tênis lá::: aê.
237 Wesley Eles jogô nosso tênis fora aê.

238 Érica Mas te bateu?
 239 Wesley Não. Num chegou a bater não porque::: na hora que ele
 240 falou que ia contar até dez (.) eu saí andando aí aí
 241 o outro saiu correndo.
 242 Cristian Ce saiu correndo! @@@
 243 Wesley †Saí andando mesmo. Na hora que ele contou até três e
 244 o outro falou. Corre, corre, corre, corre que eles vão
 245 atirar †ele foi e chutou a lata sô, num bateu não.
 246 Érica Chutar a lata XXX?
 247 Wesley Não, chutou a lata que tava com a droga lá que eles
 248 falaro que era nossa.
 249 Cristian Hein fessora. Ês ia fazê sacanagem com eles ainda ô
 250 (.) Falou que ia levá eles lá na casa do veím que
 251 vende cola no Vamos-Vamos lá::: e ia falar que que
 252 que::: eles comprou cola na mão dele e ia falá que é
 253 do veím.
 254 Érica Velhinho?
 255 ((Confusão. Todos querem falar))
 256 Muitos É, é:::
 257 Cristian Aí o policial foi e falou assim. Num leva. Num faz
 258 isso não sô. Senão o velhim vai matar esses [mininu
 259 lá]
 260 Wesley [É::: Vai matá nós. Falou [assi:::m]
 261 Érica [Ah tá.] Porque quando faz
 262 isso o [velhinho]
 263 Wesley [Aí falou] assim (E o cara de blusa branca que
 264 tava ali?) Não sei de nada não rapaz. Aí o outro
 265 tamém parou né? Aí daí a pouco eles tava cantando lá
 266 é ó (boina) bra:::nca. Cuidado com o banho que cês
 267 vão tomar, querendo levar nós pro Antônio Pereira.
 268 [Aí:::]
 269 Érica [Aí o quê?]
 270 Wesley Queria levar nós pro Antônio Pereira. Falando que a
 271 gente ia tomar um banho. Querendo jogar nós na lagoa
 272 dos dos jacaré lá::: XXXXXXXXXX falando pra entregá:::
 273 Aí (.) falou que nós passou na na na rua e falou
 274 assim. Aí, vamo levar pro tiozinho lá ó. Vamo levar
 275 pro tiozinho do::: do::: do pó lá (.) e::: aí nós
 276 falamo que::: nós achamos eles lá na rua lá e falamo
 277 que tava com pó que tava com pó lá e::: aí e que eles
 278 ia lá resolver com ele. Aí o cara o outro policial
 279 falou senão nós ia morrer lá uai.
 280 Érica °Nossa senhora° (0.91) Ma:::s †E as meninas. Cês cês
 281 conhecem algum Ca:::so?
 282 Meninas °Não.°
 283 Sérgio Tem XXXX heim fessora que::: As parada aí XXX
 284 ((Confusão... Muitos querem falar. Risadas, pois uma
 285 das meninas, a Ivonete, já foi presa))
 286 Paloma Nó Ivonete. Cê tem um ca:::so. @@@ ((em tom de
 287 deboche))
 288 Érica Ivonete pó contar XXXX Aquela [vez cocê foi]
 289 Paloma [Aquela vez] que você
 290 foi presa.
 291 Érica Ela foi deti:::da, presa fica lá. Mas o que
 292 aconteceu?
 293 Ivonete Aconteceu nada não, fessora.
 294 Érica Não. †Pode falar.
 295 Ivonete °Eu não sei de nada não°
 296 Érica Oi?
 297 Ivonete Eu num sei de nada não.
 298 Érica Mas cê. †Tá. Mas cê ficou quantos dias?

299 Ivonete Não. Eu fiquei dois dias só.
300 Érica Pois é. Eu lembro cocê falou. Eles te dera:::m. Você
301 pagou fiança (.) e saiu. Mas como que é lá? Alguém
302 mais já teve a experiência de ver como que é lá
303 dentro?
304 Vários Eu já. @@@@ ((Muitos falam ao mesmo tempo)) XXXX
305 Érica Cê já foi? XXX Porque uma vez eu fui lá e vi que é
306 escu:::ro e tal. Mas eu queria saber como que é o
307 >tratamento lá dentro< entre os pre:::sos. É o
308 policial com você:::s. A questão de vocês morarem no
309 no Novo Mundo. Cês sofrem preconceito?
310 Cristian Com o preso é igual né? Igual falei com cê,
311 professora. Cê conhece a gente, cê num discrimina
312 ninguém, cê entendeu? Rola preconceito igual pá:::
313 neguim pá igual cê polícia te pega ocê e ↑A:::h
314 fulano de tal fulano de tal aê pá. E os camarada
315 chega lá embaixo lá [e:::]
316 Sérgio [Chega lá:::] apanha demais.
317 Cristian Aí depende do que ce fez lá. O lugar que fica os
318 canguete que o tal do curral lá (.) aí vai e leva o
319 cara pra lá
320 Érica Aí os próprios presos batem.
321 Sérgio É uai.
322 Cristian Eles num fica junto não.
323 Érica Ah tá::: Senão até mata né?
324 Sérgio É uai.
325 Érica Mas como que é assim. Vão vão pegá então a a depois a
326 gente volta pra questão de dentro da cadeia. Mas
327 vocês morando no Novo mundo. Cês já sofreram
328 preconceito por exemplo. ↑Todo mundo aqui é negro né?
329 É É. E pobre. Nós. Eu também. Já teve preconceito por
330 exemplo. Não vou dar emprego procê porque você é
331 negro. Já aconteceu comigo de eu entrar numa lo:::ja
332 e não ser bem tratada. Eu fiquei com raiva. Já
333 aconteceu com vocês?
334 Cristian Já.
335 Érica Como? Ah por exemplo ↑Eu não vou deixar você
336 trabalhar na minha casa porque você mora no Novo
337 Mundo.
338 ((Muitos querem falar... confusão))
339 Érica PERAÍ.
340 Cristian XXX O cara vai atrás docê [te vigiano.]
341 Sérgio [Doideira.]
342 Érica [Como é que é?]
343 Cristian O cara vai atrás docê te vigiano.
344 Érica Fica achando né que::: >Já aconteceu isso com cê?<
345 Sérgio Nós fichamo numa firma aí, tá ligado Cristian? Na
346 BBB? Aí nós ficamo 45 dias só. Mandou todo mundo do
347 Novo Mundo embora. Todo mundo.
348 Érica Por quê? Falou o moti:::vo?
349 Sérgio Falou que Novo Mundo é pichado uai. Novo Mundo só dá
350 nego perigoso.
351 Érica Que que é pichado?
352 Sérgio Pichado fessora (1.46) ↑é sujo ué.
353 Érica Sujo assim que::: marginal.
354 Sérgio É uai.
355 Wesley Isso ué.
356 Érica Então. Alguém mais já sofreu isso na pele? Na na rua?
357 De não conseguir empre:::go, de ser maltrata:::do.
358 Cristian Na loja, fessora. Na loja já aconteceu um trem desse
359 comigo né fessora. Quando eu vou comprar um trem

360 assim, eu não gosto de comprar a prestação não, né?
361 Eu vou juntando, juntando, juntando dinheiro. Tipo
362 assim, igual (o trem cocê falou um trem na loja, aí
363 eu falo) >eu vou comprar um trem daquele ali< Eu vou
364 juntando dinheiro né? Aí eu entrei na na na loja lá
365 de tênis é é::: Estilo Calçados né? Aí perguntei a
366 mulhé lá pá::: Eu tô querendo um modelo desse aqui.
367 Tem a numeração dele? Pá. Era quarenta e dois e a
368 muié só falou mentira comigo tem não. Ela pensou que
369 eu ia fintá ela né com negócio de prestação e tudo
370 mais tem não. †Aí tinha outra menina que até estuda
371 aqui até esqueci o nome dela fui lá e conversei com
372 ela e tudo.
373 Érica °A Carla°
374 Cristian I:::sso. Aí (0.82) fui lá e troquei uma ideia com ela
375 assim e pá A:::h tem a numeração sim. Tem várias
376 cores e tudo mais. Não. Eu quero esse. É::: Como é
377 que cê qué? Cê qué a prazo ou a vista? Não. Eu quero
378 a vista. O tênis era R\$400, tava R\$400. Não. Eu quero
379 esse e vou pagar a vista. Fui lá aí a muié cresceu o
380 oio assim e abaixou a cabeça.
381 Érica °Perdeu comissão, né?° Alguém mais já sofreu? Gérson,
382 já sofreu discriminação?
383 Gérson Eu não.
384 Érica Nunca?
385 @@@@
386 Érica Ô Gérson, os meninos tão falando de gera:::1. Vem cá.
387 Você já tomou geral?
388 @@@@ ((Confusão. Todos querem falar))
389 Érica Heim? Peraí.
390 ((Confusão. Muitos falam simultaneamente))
391 Érica Não. Mas eu quero saber eu quero saber. Mas você é
392 menor, aí quando você toma gera:::1.
393 Sérgio Eles num faz nada não.
394 Érica Oi?
395 Gérson eles num faz nada não.
396 Érica Eles num fazem nada não? Mas aí você fala que é
397 menor? Eles já sabem?
398 Gérson Eles pergunta só a idade.
399 Érica Aí eles te liberam.
400 Gérson Bate ué.
401 Érica Bate? Não. †É isso que eu quero saber. Como a
402 poli:::cia a polícia e as pessoas (.) tratam (.)você
403 que são do Novo mundo? Porque (.) a gente sabe que
404 tem preconceito. Eu não tenho. Não tenho porque
405 trabalho aqui::: conheço vocês há mais de 8 anos.
406 Então >eu não tenho problema nenhum. Tanto que a moça
407 que trabalha lá em casa mora aqui< mas tem gente que
408 não vai deixar vai achar que quem mora nas Novo
409 mundo é marginal, bandi:::do é às vezes tem problema
410 muito sério né:::? Cê já sofreu?
411 Sérgio Eu conheço gente aqui do Novo mundo que que é
412 violento XXX porque acha que não te:::m num tem
413 oportunidade. Porque também ninguém dá oportunidade
414 não uai.
415 Érica Ce fala de::: trabalhar né?
416 Cristian Polícia aqui qualquer lugar que passa:::r pode ser
417 trabalhador num sendo trabalhador eles dão geral
418 porque::: aqui é muito falado né?
419 Érica °É visado°. Mas aí volta a questão né?
420 Cristian Eles acham que todo mundo é vagabundo, né?

421 Érica Oi? Oi? ((dirigindo-se a Júlio))
422 Júlio Que nem lá na gráfica que eu tava trabaiando né? Tava
423 trabalhando uma menina lá de faxineira.
424 Érica Ahn
425 Júlio Aí ela foi trabaiá na::: na casa do patrão uns dias
426 lá, né? (.) Aí eles pegaram e::: eles mandaram ela
427 embora lá porque pensaram que ela tinha roubado um
428 brinco lá sabe? ↑as só que ela num tinha robado o
429 brinco não fessora porque::: o brinco lá o brinco lá
430 eles some o brinco lá XXX não acham o brinco aí fala
431 que roubô e mandou a menina embora. (Aí os cara falou
432 lá.) É só porque ela mora no Novo Mundo que fica esse
433 preconceito entendeu? Aí ela saiu, saiu triste lá né
434 professora XXXX
435 Érica Aí é ruim que::: (.) depois quando descobrem eles nem
436 tem coragem de falar °de pedir desculpa né°
437 Júlio Eles pisa no orgulho fessora.
438 Érica Oi?
439 Sérgio Rico não têm orgulho não.
440 Érica Pisa no orgulho? @@@
441 Júlio Ó
442 XXXXXXXX
443 Cristian Os bandidos mesmo eles num conhece não, uai.
444 Érica Os bandidos de verdade. ↑Isso que eu tô falano. Os
445 bandidos mesmos eles não pegam
446 Cristian Pegam não
447 Érica Eles só pegam pessoas [que:::]
448 Cristian [O camarada] é branco (.) eles
449 anda de terno pra rua afora aí, ó]
450 Sérgio Os ladrão mesmo eles anda de terno e gravata,
451 professora.
452 Cristian Eu conheço até bandido é bandido aí dentro de
453 ((cidade)) aí ó, do comando, o camarada aí ó. O Cara
454 passa lá em frente a a barraca lá de gravata aí ó e
455 polícia ne:::m vê
456 Érica Nem para né.
457 Cristian Nem passa pela cabeça véio.
458 Érica XXXX É o preconceito né.

Grupo Focal 02 (Gravação 02– 30:25)

1 Érica O que cocês acharam assim do::: do filme. Que que
2 ocês acharam. Cláudio
3 Cláudio Ah professora, sei lá. Violento e triste.
4 Érica Violento e triste? Por quê?
5 Leonardo Mostra a realidade uai
6 Cláudio Mostra a realidade
7 (6.31) @@@
8 Érica Qual. Qual realidade?
9 Érica Crime?
10 Leonardo Mostra essas pessoas que não têm oportunidade né?
11 Érica Não têm oportunidade? Cê acredita que o Sandro não
12 teve oportunidade? O que que ocê acha?
13 Leonardo XXXXXXXX
14 Érica Mas aí cês acreditam assim que::: no caso.ele não
15 tinha oportunidade. No caso, então vamos começar
16 desde quando ele era pequenininho. Cês acreditam
17 que::: a vida que que aconteceu com ele, cês lembram?
18 Leonardo O fato dele perdê a mãe uai

19 Érica Ele perdeu a mãe uai
20 Paloma Nada a vê.
21 Érica E como que ele era tratado na casa da tia?
22 Paloma Muito mal
23 Cláudio Ele era discriminado [uai]
24 Henrique [eles num gostava] dele não.
25 Érica Então quer dizer que ele era maltratado dentro e:::
26 e::: em casa né? Agora vamos pegar uma outra questão.
27 Onde que ele morava?
28 Cláudio °Na casa da tia°.
29 Érica Heim?
30 Paloma Na favela uai.
31 Érica Na favela. Qual que é a realidade de uma favela?
32 Cláudio Uai, violência, tráfico é:::
33 Nívea Crime
34 Cláudio Crime, os homi subindo
35 Leonardo XXX no Novo mundo aí num tem bandido não
36 Érica Agora::: cês acham que todo mundo que mora na favela
37 é vagabundo?
38 Cláudio Não.
39 Érica Mas como é. Que que cês pensam assim que as pessoas
40 que **NÃO** moram na favela acha:::m o contrário?
41 Leonardo Acham todo mundo vagabundo
42 Nívea Acham que lá tem violência e XXX
43 Érica Oi?
44 Nívea Tem violência e tem morte e drogas.
45 Érica Na favela? Por exemplo é nós aqui do Novo Mundo, cês
46 acham Como as pessoas como que as pessoas lá de baixo
47 vê a gente aqui no Novo Mundo? Por morar aqui::: e
48 tal
49 Cláudio Falar falar mesmo a maioria quando ocê comenta com
50 alguém alguém que te ↓que te conhece (0,79) ↑ELE NEM
51 FALA direito na sua cara não. Com medo.
52 Érica Quando cê fala que mora no [Novo Mundo?]
53 [Porque:::] é assim vamos
54 dizer que é discriminação mesmo. É assim: cê mora
55 onde? ↓Ah eu moro no Novo Mundo, no Santa Rita ali.
56 ↑Na onde que é isso? eu falo que é distante, que é
57 longe mas não falo o bairro por (1,38) sei lá.
58 Érica Como assim você não fala do bairro?
59 Cláudio Não, pô. Todo mundo sabe que que aqui::: (1,67) todo
60 mundo sabe que aqui assi:::m (1,26) tem violência,
61 mas qual bairro que num tem? Colega meu passano ali
62 na no na linha ali ó é::: só tem prédio, casa bonita
63 ali::: e ↑tomou geral de dia. Ele tava vindo do
64 serviço.
65 Érica E ele mora no Novo Mundo?
66 Cláudio °Não. Ele mora no São Pedro°
67 Érica Ah tá. ↑Alguém aqui já tomou geral?
68 Maioria Eu já.
69 Érica Cê já?
70 ((Confusão. Muitos querem falar))
71 Érica Peraí, vão lá. Conta mim como que foi.
72 Ivonete Ah, eu tava chegando da escola aí::: e tinha uma
73 colega minha atrás de mim e eu ↑tava esperando ela,
74 né. Eu tava com um MP3, aí veio uma::: uma:::
75 policial XXX
76 Érica Homem ou mulher?
77 Ivonete Mulher.
78 Érica [Ahn]
79 [Aí perguntou] porque que eu tava na rua, seu eu

80 tava. quem que eu tava esperando, aí XXX e no final
81 foi revirou meu fichário, me deu geral e disse
82 assim: pode ir embora pra casa. Aí fez umas pergunta
83 fez umas pergunta lá, eu respondi, aí ela disse assim
84 agora cê pode ir pra casa, num demora aí na rua não
85 Érica Mas você se sentiu discriminada?
86 Ivonete A:::h tipo assim né professora, ela tava fazeno
87 errado porque as aulas tinha acabado, ela tinha que
88 respeitá uai.
89 Érica Pois é. Mas você se sentiu assim, ↑porque será que
90 ela me deu geral? porque eu moro no Novo Mundo,
91 porque [eu sou negra]
92 Ivonete [Ah::: tá]. Tinha muito gente quase todo mundo tomou
93 geral.
94 Érica Ah tá. Várias pessoas tomaram geral. TÁ. Isso é comum
95 aqui no Novo Mundo? Tomar geral?
96 Todos É
97 Érica Ahn?
98 Cláudio É @@
99 Érica Cê já tomou Leonardo?
100 @@@@@@@@@@
101 Érica Pode contar
102 @@@@@@@@
103 Leonardo Se eu for contar eu vou ficar aqui até amanhã contano
104 @@@@@@
105 Érica Por que? Foram muitas mesmo?
106 Leonardo Muitas vezes.
107 Érica Mas conta alguma que te marcou mais.
108 Leonardo Que marcou mais eu tava chegando da escola ino embora
109 pra casa um carro me parou eu lá
110 Érica À toa? Cê tava só andano?
111 Leonardo É uai.
112 Érica E te te pararam assim do na::da
113 Cláudio XXXX
114 Érica Oi?
115 Leonardo Tinha muita gente
116 Érica Ah tá mas e-eles falaram porque que tavam dando
117 geral?
118 Leonardo °Não°
119 Érica NÃO? Chegou assim dando geral do nada.
120 Leonardo Ó fessora, policial aqui olha muito por exemplo° Se
121 ocê foi pego por [um cara]
122 Érica [Ahn? Olha o quê, Leonardo?=
123 Leonardo =°A cor°=
124 Érica =A
125 cor?
126 Júlio Ou então se o cara fo::r >por exemplo< se o cara for
127 pego uma vez XXX ele eles te **marca** ocê e toda vez que
128 te vê ele te revista sabe? Teve uma época no jardim
129 quando eu fui com os cara no jardim ↓eu tava andano
130 no último de todo mundo. Aí::: os policial mandou
131 encostar todo mundo e eu passei normal assim ó. e
132 eles num me revistou não eles só olhou pra mim assim
133 mas num me revistou não. Eu num entendi não né eu
134 fiquei na minha assim só olhano né aí eu vi que ele
135 tava olhando de volta e eu fui e saí andano assim e
136 ele num falou nada não. ↑Aí eu fico pensano né
137 fessora. A polícia acha que porque a gente tá andano
138 com eles acha que a gente mente, esses trem tudo
139 assi::m mas mas tem muita gente que toma geral à toa
140 assim do nada por causa do horário né fessora. Igual

141 teve uma vez que eu tava subino o morro no Novo Mundo
142 mais ou menos uma meia noite assim ó. Aí nós tava na
143 rua lá né. Aí os cara falou assim ó ↓policial falou
144 que num pode ficá aqui não porque se pegá nós fora do
145 horário aqui vai dar geral. Aí era mais ou menos uma
146 hora da manhã, aí eles passou assim, passou
147 devagarzim só olhou assim >num falou nada não< e foi
148 embora.
149 Érica Ah tá, mas aí é de madrugada:::da e tudo, talvez
150 >levantou suspeita<, mas e de dia? Alguém aqui já
151 tomou >cê já tomou geral de dia?
152 Leonardo No carnaval
153 @@@@@@@@
154 Érica No carnaval? Mas como, chegaram e deram geral?
155 Leonardo: É XXX. (Aí cê anda praqueles lado de lá e
156 eles para a gente pra ver se tá com droga, essas
157 coisas)
158 Érica °Ah tá°. ↑Mas agora vão lá (1,37) falando nisso,
159 alguma ve::z algum de vocês já se sentiu (1,30) é
160 discriminado por morar no Novo Mundo, por ser negro,
161 já se sentiu assim fo::ra daqui, tipo lá no Centro,
162 por outras pessoas? O Cláudio diz que já. Mais
163 alguém?=
164 Ivonete =Eu não
165 Érica Às vezes quando procura emprego, quando a [pessoa]
166 Cláudio [°Cê tem
167 certeza que não?°]
168 Ivonete O quê?
169 Cláudio °Cê tem certeza que não?°
170 Ivonete De quê?
171 Cláudio Que cê nunca foi discriminada?
172 Ivonete Ah, discrimina:::da né
173 Cláudio É, mas é uai.
174 Ivonete Aí em parte já.
175 Érica Cê pode (contar pra gente?)
176 Henrique Fessora
177 Érica Oi
178 Henrique Eu lembro de uma vez que eu tava no::: no::: carnaval
179 eu pintava o cabelo de loiro né todo::: >carnaval<.
180 [Aí]
181 Érica [Pintou o cabelo de loiro?]
182 Henrique É. Aí tava eu e mais dois colega meu e os que tava
183 comigo todos dois era de maior. Aí::: é::: o policial
184 veio e falou assim: Você é de onde? Eu sou do Novo
185 Mundo, moro no Novo Mundo. Novo mundo de Onde. Novo
186 mundo de Padre Viegas ou Novo Mundo de X ((nome da
187 cidade pesquisada))? Aí eu falei Novo Mundo de X. Nós
188 são daqui mesmo. Aí ele falou assim. É o::: então
189 cadê XXX? Cadê XXX? Porque ele achou que eu era um
190 que eu era u:::m >ban-da gangue, fessora< só porque eu
191 tava com o cabelo loiro, pintado ele achou que eu e-
192 que eu era da gangue.
193 Érica Ah tá, [então:::]
194 Henrique [mas num chegou] a rolar geral. Essas coisa
195 não.]
196 Érica [E você?]
197 Henrique [isso num chegou a rolar não.]
198 Érica: E você Paloma?
199 Paloma Eu nunca tomei não.
200 Érica Não? XXX Vamo lá. Cês acham que a polícia desrespeita
201 o pessoal que mora [aqui]?

202 Nívea [sim]

203 Érica Por que Nívea?

204 Nívea Ah porque::: quando as pessoas tão co:::m tão com o

205 pessoal que XXX eles acha que::: elas também tá elas

206 tamém tão <usa::ndo dro:::ga> †ou fazendo coisa errada

207 hhh mas nem sempre XXX tava andando com essas pessoas

208 faz errada, só porque um faz todo mundo tem que fazê.

209 Aí os policial pega e dá geral ni todo mundo e

210 depois. Hhh †Teve uma vez até colocaram os cara dendo

211 carro e levaram pra delegacia e:: no outro dia o cara

212 contou que::: foi pego pó::r tava pensando que elas

213 que tava usando droga

214 Érica As meninas?

215 Nívea As meninas e os (caras) que tavam juntos. Tava ela e

216 até XXX

217 Érica Ah tá. Aí prendeu todo mundo.

218 Nívea É e até aquela XXXX que estudava aqui também

219 Érica °Ah tá°

220 Nívea Aí a tia dela teve que tirar ela de lá.

221 Érica E::: eu já ouvi falar também que tem vez, uma vez os

222 meninos conta::ram que a polícia às vezes até coloca

223 droga. Isso é verdade?

224 Cláudio °Isso é verdade, fessora°

225 Érica Oi? Como que acontece?

226 Leonardo XXX Se o cara for pichado eles num gosta †dele †sabe

227 Érica Oi?

228 Leonardo Se o cara for pichado

229 Érica Se for pichado?

230 Leonardo É::: eles dá geral num achou nada eles bota no bolso

231 dele e leva pra delegacia e bate nele

232 Cláudio Vai enfiar a mão no seu bolso ele enfia a mão com o

233 negócio e na hora que ele tira olha aqui ó. Mostra

234 procê. Ele sabe que ocê tava com o bolso vazio. Eu

235 uma vez, uma vez quando eu tomei geral na na::: onde

236 era Bar da Biroasca ali ó (0,93) assim num foi comigo,

237 °num foi comigo° u::m cara aqui do Novo Mundo aqui ó

238 que direto ele tava assaltano, ele tava roba::no.

239 E::: >deixou ele< †E ele tava solto. Tava solto

240 andano eles soltaram. Aí no dia que eu tava eu tava

241 voltando pra casa com um colega meu. Eu tava até

242 subindo eu, ele e a mãe dele. Eles de um lado eu

243 parei na casa do pai de um colega meu eu cheguei

244 perto da a mãe dele porque ela me pediu pra passar lá

245 aí na hora que eu fui subir a Rotam ((órgão da

246 polícia: Ronda Ostensiva Tática Metropolitan)) já

247 tinha descido. Já tava com to:::do mundo na parede.

248 Na hora que eu passei †você também †pra parede

249 Beleza. Eu tava com uma bermuda uma bermuda e uma

250 camisa comum gola polo. Uma bermuda que só tinha um

251 bolso †eles ainda acharam motivo pra me bater.

252 Érica Por quê?

253 Cláudio Vai saber. (1,51) °vai saber° †Acharam motivo pra me

254 bater. Eu tava com uma agenda eletrônica que era do

255 meu pai. Eu tava †levando pra ele na época ele tava

256 namorando com uma outra menina, a mãe da minha filha

257 ó @@@@ a mãe da minha irmã. É:::

258 @@@@@@

259 Cláudio (Até me perdi agora aqui)

260 Érica Ahn

261 Cláudio Mas a mãe da minha irmã. †Nossa só porque a agenda

262 eletrônica parece uma calculadora. Aí ele tava falano

263 lá que era uma balan::ça, que eu tava dando maconha
264 pro [po::vo, que]
265 Érica [°Nossa°]
266 Cláudio [Ó. Lá um colega meu] Nossa eu tomei tapa até ficar
267 bôbo @@@@ Aí::: com muito custo aí é::: tava todo
268 mundo esperando na porta que eu tava indo pra lá aí a
269 mãe dele veio XXXXX o menino que tava do meu lado
270 (1,87) o menino que tava do meu lado ele já tava lá
271 há um tempão é::: no bolso dele num tinha nada porque
272 quando foram esvaziar o bolso dele do meu lado
273 [assim]
274 Érica [Mas aí eles] colocaram droga?
275 Cláudio Não sei. Só sei que::: eu saí ele ficou lá XXX e
276 esvaziou o bolso na frente dos PMs, tirou o boné,
277 tirou o sapato, mostrou que não tinha [nada.]
278 Érica [É mesmo.]
279 Cláudio [Depois disso]
280 e mesmo assim ↓ele levou. Assi::m é::: ↑perto de
281 mi::m aconteceu isso uma vez ↑no carnaval (1,38) de
282 colocar que::: o cara tava andando é::: >assim< o
283 cara >tava reclamando< ↑AH MAS FOI VOCÊ QUE COLOCOU
284 AQUI. ↓Aí bateram na cara dele. Ficou calado e
285 (subiu) mas assim XXX
286 Érica ↑Agora vem cá, cês acreditam é::: que o Sandro da
287 novela a gente do filme a gente viu aqui a questão do
288 Guga::: e do Sandro nesse negócio. O Guga a gente que
289 teve toda oportunidade de um menino porque nasceu
290 numa família de classe média alta né? E o Sandro
291 nasceu na fave:::la ele tanto o Sandro quanto
292 o Alessandro que os dois foram pelo mesmo caminho
293 né:::? Só que o Sandro terminou trágico. Cês veem no
294 filme dá pra ver a índole dele. Ele é bandido?
295 Cláudio Não
296 Érica Por que que ele ficou assim então, >por que que
297 ele:::< virou bandido, virou marginal, drogado?
298 Cláudio Não, ele era mais viciado. O que ele fazia era pra
299 suprir (o vício dele)
300 Júlio Quando ele perdeu a primeira mãe dele que ele começou
301 a::: querer ir prum lugar assim. Aí já (na aguentava
302 mais) ele ficava triste XXX Ele ficou assim depois
303 que que a mulher traiu ele lá falou que XXX ele ficou
304 mais violento ainda que ele foi pra praça (e ficou
305 igual) os colega dele. Eles ficava todo mundo de
306 cabeça baixa, apanhava ↓aí que ele começou a
307 revoltar.
308 Érica Mas você acha que a vida, o fato dele ter nascido
309 pobre levou ele a fazer isso? Na favela? Quem acha?
310 Levou ou não?
311 Paloma °Não°
312 Júlio Não. Isso aconteceu quando ele perdeu a família dele
313 Cláudio: Quando ele [perdeu a mãe]
314 Érica [Será que o fato]
315 Cláudio [Ele perdeu a única coisa] que
316 ele tinha e ele perdeu assim num assassina:::to e ele
317 chegou a ver a mãe
318 Érica cês acham que ali foi o trauma né?
319 ((XXXXX muitos falam))
320 Érica Mas será que a tia dele se ele fosse mais bem tratado
321 na casa da ti:::a (1,26) é::: se tivesse tido acesso a
322 uma educaçã:::o. Tudo bem que a tia dele tratava ele
323 muito bem né ↓mas ele se sentia discriminado pelo tio

324 né? Cê acha que se ele fosse bem tratado lá::: cês
325 acham que ele teria ido por um caminho melhor?

326 Júlio Teria sim. XXX podia tá presente com ele né
327 fessora?

328 Nívea Sim. XXX

329 Érica Agora eu quero saber (0,80) é as meninas que não
330 falaram ai:::nda ↑>vão lá<. E quem falou também. Eu
331 quero saber o que que vocês acham que a esco:::la pode
332 representar na vida de uma pessoa?
333 (3,78)

334 Ivonete °Muita coisa°

335 Érica Oi?

336 Ivonete Muita coisa.

337 Érica Muita coisa o quê::: Ivonete?
338 (3,15)

339 Érica O que Henrique?

340 Henrique Ah, fessora. A escola muda::: muda o destino mesmo,
341 né ↓professora. Igual que nem no filme lá. Ele:::
342 >praticamente ele Fo:::i< como é que fala? É::: marg-
343 marginal praticamente, ele::: mas se ele tivesse
344 estudando aí seria bastante diferente [fessora]

345 Érica [Cê acha?]

346 Henrique [Ele teria um
347 trabalho] muito melhor do que::: do que muitos aí.

348 Érica Você acredita nisso?

349 Henrique Acredito.

350 Érica Então vão lá::: você está estudando aqui, cês tão
351 estudando porque cês acreditam nisso? Que a escola
352 vai proporcionar é::: uma vida melhor procês?

353 Júlio Pra mim sim. Pra mim o estudo, fessora, é faz falta
354 XXX cê tem um diploma ou alguma coisa assim [cê
355 consegue]

356 Cláudio [uma [oportunidade de emprego.]

357 Júlio: [um serviço mais leve] né fessora. Cê consegue um
358 serviço um pouquinho (mudado) né, um serviço assim
359 assim eu num quero::: pegá pesado entendeu? É um
360 serviço que ocê qué uai. Com estudo. Sem estudo num
361 tem como não uai.

362 Érica Cê acha que com estudo. E ocê::: Leonardo?

363 Leonardo °Quê?°

364 Érica Cê acha que o estudo pode te te te guiar ou cê tá
365 aqui na escola pra passar tem:::po ↓pode falar a
366 verdade.

367 Leonardo Não. Só o estudo que pode guiar a gente XXX. Guiar a
368 cabeça da gente.

369 Érica Com certeza, mas cê [acha]

370 Leonardo [O cara o cara pode se:::r
371 analfabeto XXX

372 Cláudio Pode trabalhar a vida toda e ganhar dinheiro honesto

373 Érica Cês acreditam nisso?

374 Cláudio Acredito

375 Érica Oi?

376 Cláudio Não. [É:::]

377 Leonardo [o importante (é um dinheiro bom uai)]

378 Cláudio É uai às vezes o cara só pra correr XXX Muita gente
379 às vezes assi:::m apesar quem é a professora que a
380 escola num é pra isso não ma:::s alguns meninos ficam
381 tentado por causa da escola pra eles não digo é:::
382 aquí (embora) já teve alguns meninos ficam sei lá
383 tentados por causa da escola do jeito é::: da a:::
384 manei-a maneira que a professora trata. Hu:::m, Às

385 vezes não é a professora, à vezes é u-uma funcionária
386 que tá num dia ruim >todo mundo tem<. Às vezes é:::
387 só ↑sei lá uai só um beliscão num menino. ↑Pra ela
388 foi só uma advertência às vezes ele fica com aquilo
389 na cabeça e:::
390 Júlio A escola é um::: desabafo
391 Érica Desabafo? Como assim?
392 Júlio Desabafo de::: >por exemplo< quando cê tá em casa cê
393 fica pensando só [paiaça::da]
394 Cláudio [XXXXX]
395 Júlio [é jogar bola] XXX >e na escola
396 não< Na escola cê tá tentando aprender uma matéria e
397 cê fica quebrando a cabeça pra conseguir entendeu?
398 Cláudio XXXXX
399 Érica Agora vamos saber pra vocês pra vocês mesmo o que que
400 a escola representa? A-aqui ↓no Novo Mundo, ↑cês
401 gostam de vir na escola? Eu quero que todo mundo
402 responda isso pra mim. Cê gosta Nivea de vir na
403 escola?
404 Nivea Eu gosto.
405 Érica Por quê?
406 Nivea Ah::: Porque aqui na escola a gente distrai, a gente
407 aprende alguma coisa, dentro de casa a gente só fica
408 lá XXX na sala assistindo televisão XXX
409 Érica E o que a escola representa? O que que ocê acha que
410 já aprendeu aqui?
411 Nivea Ah, eu já aprendi bastante coisa, só que::: só não
412 aprende quem não quer.
413 Érica Cê acha?
414 Nivea Eu acho que sim, mas tem gente que não.
415 Érica ↑E a EJA, você acha que a EJA (0,91) ↑é bom?
416 Nivea É bom, porque dá oportunidade pra::: quem não:::
417 (0,68) teve tempo de estudar mais cedo, já começou a
418 trabalhar e tal, e::: trabalhar no dia e à noite
419 estuda.
420 Érica E você Cláudio, o que você acha aqui da escola?
421 Cláudio °Da escola?° ↓É... do Prédio [o:::u]
422 Érica [Da escola]
423 Cláudio [da escola?]
424 Érica [você vim na escola] o
425 que isso representa procê, o que que a EJA representa
426 procê, o que que ocê tá aprendendo aqui:::?
427 Cláudio Ah pra mim é uma oportunidade boa de recuperar o
428 tempo perdido (1,44) e:::u falá com cê viu. ↑deu uma
429 hora que eu pensei em para::r e a senhora falava
430 comigo ↑não, não para de estudar não. Aí ano passado
431 foi indo, foi ando, foi indo ↓na outra escola. E eu
432 vi que não tava dano em NA:::DA. Só que aqui na EJA,
433 como é pouco tempo, cê tem que fechar a cara e:::
434 estudar mesmo.
435 Érica Mas cê acha que ocê aprende?
436 Cláudio Não. Não. Se o cara fechar a cara pra estudar ele
437 aprende.
438 Érica E você Ivoneide? ↓O que que a escola [representa]
439 Ivonete [Ivonete]
440 Érica [Ivonete,
441 desculpa. (3,39) Que que a escola representa pra
442 você?
443 (3,68)
444 Érica Paloma. Que que a escola representa pra você?
445 Paloma Ahn?

446 Érica A escola representa o quê?
447 Paloma XXXXXX
448 Érica Mas cê acha que pra sua vida é bom a escola ↓vir na
449 escola?
450 Paloma É uai. Bom que não fico em casa caçando briga com
451 minhas irmãs. ↑Se eu ficar em casa eu caço briga.
452 Brigo com minha mãe, com minhas [irmãs]
453 Érica [mas por que que ocê
454 briga?
455 Paloma ↑A:::h porque eles me encham o saco, sabe professora.
456 Eu gosto ficar quieta no meu can:::to, minha mãe fica
457 chamando a gente toda hora pra fazer as coisas, só a
458 gente, ↑não chama minha irmã não. Se eu tô em casa é
459 só eu. Aí eu já começo a achar ruim ↑Ah outra à toa
460 aí. ↑chama ela.
461 Cláudio °Cê é a mais nova?°
462 Paloma °Não. Tem outra mais nova° (.) ↑Meu irmão também é
463 muito chato.
464 Érica O Daniel?
465 Paloma É:::
466 Érica Por quê?
467 Paloma Porque::: que ↑VAI LÁ AJUDAR MÃE ↓ele grita. Aí eu
468 falo ↑ô meu filho só porque você é homem cê também não
469 pode fazer não? >Vai lá fazê.<
470 Érica Mas aí ele não faz nada.
471 Paloma É ru:::im heim
472 Érica E ocê Henrique?
473 Henrique XXXX
474 Érica E você::: o que que a escola representa pra você?
475 Ivonete Pra mim a escola é pra distrair, fessora.
476 Érica Pra distrair?
477 Ivonete Pra não ficar em casa pregada com a b* no sofá tenho
478 que estudá, né? ↓Pra ter um futuro melhor.
479 Érica Mas você acredita que::: atra-↑quem aqui acredita de
480 verdade, porque tem gente que fala que não. Quem aqui
481 acredita que aqui no caso da E:::JA cÊs vão ter
482 condição de melhorar a vida, de fazer um conc:::urso
483 >conseguir um emprego melhor<. Quem aqui acredita de
484 verdade?
485 ((XXXX Muitos falam ao mesmo tempo))
486 Júlio Eu não acredito nisso não, fessora, porque a EJA não
487 é o tempo normal. O cara pega muito pouca matéria,
488 por exemplo, >a matéria mais difícil que ele qué
489 pegar< o cara não consegue pegar. Matemática pega
490 fácil por exemplo divisão. A Língua Portuguesa tem
491 pouco tempo pra aprender e [cê não consegue aprender]
492 Cláudio [°Tem coisa demais,
493 mesmo°]
494 Júlio [↑O mais importante na vida] da gente é a Língua
495 Portuguesa uai ↓sem a Língua Portuguesa não tem boca
496 não, fessora.
497 Érica Aí você acha que cê tem muita dificuldade em
498 português?
499 Júlio É::: Isso que atrapaia professora ↓sabe por quê? O
500 estudo quando tem estudo, muitas vezes melhora, né
501 fessora. XXX É::: A5 gente vê XXX entendeu? Ele fala
502 que ocê é malandro. Cê pode tá trabalhano ou não mas
503 ele fica com isso na cabeça. Será que ele é malandro?
504 Fico pensando.
505 Érica E cês gostam das aulas de português?
506 Paloma Ah eu gosto

507 Érica Cê gosta por quê?
508 (3,62)
509 Cláudio °Ah o medo, ah o medo XXX.°
510 Érica Cês gostam? ↓Leonardo
511 Leonardo Eu não gosto de aula nenhuma não
512 @@@@
513 Érica Cê num gosta de aula nenhuma?
514 @@@@
515 Érica Mas que que cês acham das aulas de português? Que que
516 cês acham que podia ter pra ser melhor nas aulas?
517 ((XXXX Muitos falam ao mesmo tempo))
518 Paloma (Podia ter menos interpretação de texto, essas
519 coisas)
520 Érica Cê num gosta de interpretação de texto não?
521 Cláudio °XXXX°
522 Érica Cê gosta Cláudio?
523 Cláudio XXXX
524 Júlio (Na sexta, sétima e oitava série) eu gostava de
525 português porque a professora ensinava direitinho
526 sabe? Explicava direitinho. Agora quando eu fui pro
527 primeiro ano sabe eu já passei a não gostar mais de
528 português por causa que::: português fessora cê vai
529 perguntar a professora tem hora num tem tempo de te
530 explicar por causa que tá tentando explicar pra outra
531 pessoa muita gente perguntando ↑aí é chato XXX chega
532 lá e a pessoa não tá aprendendo nada. Fica dando
533 apostila. ↑Eu não acho certo só apostila não.
534 Érica Oi?
535 Júlio Eu não acho certo só apostila. ↑Português não. Porque
536 apostila cê pega só lê lá e cê num consegue fazer o
537 exercício. Eu acho certo a professora passar no
538 quadro, corrigir, quebra a cabeça da gente XXX
539 ↑explica a matéria. E a professora vai [lá]
540 Érica [Mas cês
541 gostam que que passa [no quadro?]
542 Júlio [Eu gosto [de português]
543 Érica [Por exemplo] cês gostam quando traz uma
544 música vocês go:::stam
545 XXXXX ((muitos falam ao mesmo tempo, concordando))
546 Érica Oi?
547 Henrique (por exemplo, quando traz uma música é bom)
548 Érica E que mais. Cê acham que::: a gente devia trazer mais
549 o Novo Mundo pras coisas? Que que cês acham assim do
550 ↑bairro Novo Mundo devia tá mais na escola?
551 Júlio Devia tá mais nas escolas do Centro.
552 Paloma É. Porque aí as pessoas iam conhecer mais como que o
553 Novo Mundo é que num é aquilo que eles pensam não.
554 Júlio É
555 Érica O que que as pessoas pensam que é o Novo Mundo?
556 Nívea Ah, pensam que é favela né.
557 Paloma Taxista não gosta de subir aqui no Novo Mundo.
558 Érica Taxista?
559 Paloma É::: Tem uns taxista véio lá que não ↑gosta de subir
560 aqui no [Novo Mundo.]
561 Nívea [É::: Eles fica] com medo de [ser assaltado.=
562 Cláudio =É
563 uai, é [que:::]
564 Henrique [Eles pensa que] Novo Mundo é uma favela.
565 Érica Tem o que Henrique?
566 Henrique É que Novo Mundo parece favela.
567 Muitos XXXXX

568 Leonardo Igual. †Muita gente lá::: igual::: quando eu vou na
569 lotérica, pagar conta na lotérica †O povo do Novo
570 Mundo envém †aí eles ficava reclamando sabe.
571 Nívea [XXX]
572 Érica [Quando cês vão na lotérica [lá embaixo?]
573 Leonardo [Aí]
574 Érica [†Até lá vocês]
575 sofreram preconceito?
576 Júlio Quando (abriu) a lotérica aqui ó
577 Érica Ahn
578 Júlio Aí eles viram que tava perdendo muito (cliente) XXX
579 porque a gente tava vindo só na lotérica aqui de
580 cima. Aí eu peguei e falei ó tem que acontecer isso
581 mesmo fica discriminando
582 Érica Lá embaixo? Alguém aqui cês eram discriminados lá pra
583 pagar conta?
584 Júlio Eu [pagava conta]
585 Nívea [Algumas pessoas já. Nem todas]
586 Cláudio Eu acho. Acho não. Tenho certeza. Que o maior bairro
587 de XXX ((nome da cidade pesquisada)) tem mu:::ita
588 gente. †Tem muita gente. E assim. †Descia todo mundo
589 pra pagar conta e dava uma fila grande. A fila antes
590 a fila antes ia até na porta do [Banco do Brasil=
591 Érica = [Eu
592 lembro]
593 Cláudio [e:::] e às vezes até virava aquilo ali. (A gente
594 ficava lá muito tempo) tanto nas duas lotéricas e
595 Correios. Por que? Como lotérica ah é ignorância sim
596 porque tem gente demais ali dentro †mas é a metade
597 Érica Entendi. Mas aí::: quando cês chegava chegavam lá na
598 lotérica †quando cês entram num banco por exemplo cês
599 sentem que alguém fica olhando
600 Cláudio O clima de o clima de banco sempre é suspeito
601 porque::: >†sei lá< XXX mexe com [dinheiro]
602 Paloma [O segurança fica
603 [olhando pra gente]
604 Cláudio [não só::: não só:::]
605 Érica [Como é] que é?
606 Paloma Meu colega (disse que sempre quando tem que ir no
607 banco tem que ficar um segurança olhando)
608 XXXXXXXX ((muitos falam ao mesmo tempo))
609 Érica Mas a-aí cê cê cê sente? Mas cês acham que por ser
610 negro? Porque ninguém sabe que cês são do Novo Mundo
611 não.
612 Paloma Acho que a cor também manda muito.
613 Érica Oi?
614 Paloma A cor manda muito.
615 Érica Porque você acha que a cor manda?
616 Paloma Ah. Se você passar perto de um branco XXX cê vê que a
617 cor, a roupa
618 Cláudio XXXX, como cê tá vestido XXX
619 ((Confusão, muitos falam ao mesmo tempo))
620 Henrique XXX Olham pra gente com um no:::jo.
621 Érica Oi?
622 Henrique Passam perto docê com um nojo.
623 Érica Com nojo?
624 Cláudio É uai
625 XXXXX
626 Érica Mas isso aqui no Novo Mundo? Aqui no bairro?
627 Henrique Não. Tem isso em todo lugar fessora XXX
628 Nívea Lá no Centro tamém.

629 Érica Mais no Centro.
630 Cláudio No Centro
631 Érica Mas cês acham que o pessoal lá tem medo de vocês
632 porque cês moram aqui, tratam assim ma:::l porque
633 moram aqui? CÊs acham isso?
634 Nívea Tem alguns. Tem algumas pessoas que repara bastante
635 XXX
636 Cláudio Muita gente muita gente que::: tem gente no Centro
637 que ocê pergu:::nta a:::h como é que é o bairro Novo
638 Mundo? ↑Ah é ruim demais eu num subo aquele lugar não
639 que num sei o que aquele lugar é perigoso. Bom. Esse
640 lugar é seguro. Pra quem mora aqui é [seguro.]
641 Érica [mas aí, vão
642 pegá agora. Vão pegá outra questão. Cê que moram
643 aqui. Quem vem de fo:::ra cês nunca viram. Eu num digo
644 ocês não. Eu tô falando da comunidade. Cê acha que a
645 pesso:::a >é tratada diferente?< Eu não digo
646 maltratada não. Tratada diferente. Ou muito bem
647 tratada ou maltratada [ou]
648 Júlio [Maltratada] professora, o povo
649 de fora num gosta de misturá com nós.
650 Érica ↑Não mistura?
651 Júlio ↑Igual >por exemplo<. Eu tava jogando um esporte na
652 quadra aqui em cima hhh eles num mistura. E eles faz
653 o máximo possível pra se afastar da gente com medo da
654 gente >entendeu?< do cara derrubar [XXX]
655 Érica [Ah mas eles vêm
656 jogar aqui e [fica correno docês?]
657 Júlio [uai mas mesmo [assim fessora]
658 Nívea [Igual (os guardas que
659 trabalhava aqui na escola) XXX A gente cumprimentava
660 eles eles passava calado e isolava a gente. ↑A gente
661 tentava agradá eles porque eles tava vindo visitá o
662 Novo Mu:::ndo, a nossa escola a nossa escola e:::
663 parece que::: é::: >tipo assim< eles pensa né que a
664 gente tá aqui só porque eles são de fora fica
665 quereno::: fazer qualquer coisa. ↑Mas não. Eles
666 pensam que::: a gente tenta fazer uma coisa boa pra
667 eles hhh eles já vêm com ignorância pra cima da
668 gente.
669 Érica Anh
670 Cláudio Agora::: a pessoa tem que saber chegar né professora.
671 Quando chega igual tem gente eu conheci um colega um
672 cara aqui::: de fora o cara::: chegou ele::: achou
673 XXXX o cara chegou e tratou todo mundo bem conversou
674 procurou saber ↑ah que não sei o quê. É::: ele tava
675 procurando::: é::: barraco ↑onde é que fica os barraco
676 aqui? Aí eu fui falá com ele ondê que tinha XXX ↑ô o
677 Cara ele tava assim ele ↑tava comunicano se
678 comunicano com a gente. Num tem diferença ↑Você é
679 tratado igual Agora quando cê chega igual a pessoa
680 sobe aí::: não conhece o lugar ondê que é tal lugar.
681 Ah tá. Aí ocê::: >Ah tá brigada tá fora< com medo.
682 Nívea Que nem bicho
683 Cláudio É. Como se fosse bicho.
684 Érica Mas aí quando a pessoa mostra [medo]
685 Cláudio [Agora eu vou]
686 Érica Cês acham que as pessoas aqui do bairro >fala assim<
687 ah::: já que ela tá com me:::do com fazer ela ter
688 medo [mesmo]
689 Cláudio [às vezes]

690 Érica [E assusta a pessoa?]=
691 Cláudio =às vezes
692 Ivonete XXX pra mostrar mas ↑num é a pessoa que eles pensam
693 Érica E aqui tem violência assim::: No bairro? Cês acham
694 que tem violência? Ou não?
695 Cláudio Já teve [bastante?]
696 Érica [O tráfico?]
697 Cláudio Já teve bastante
698 Érica Tráfico?
699 Leonardo Isso aí tem em xxx ((cidade pesquisada)) toda fessora
700 Érica Oi
701 Leonardo Isso Tem em xxx ((cidade pesquisada)) toda
702 Érica Mas aí aqui no Novo Mundo
703 Cláudio °Tem°
704 Érica Oi?
705 Nívea Tráfico XXX num pode entrar em lugar nenhum porque::
706 em todo lugar tem
707 Érica Cê acha que tem?
708 Cláudio Tem
709 Érica Mas cês acham que aqui no Novo Mun-↑Então por que se
710 tem em todo lugar por que que::: a gente vai na
711 polícia e a a a ↑ah cê é do Novo Mundo que fica o o
712 ponto? Por quê?
713 Júlio Por que que que só Novo Mundo que a galera que que
714 que desce lá. Só no Novo mundo mesmo. Eles fala que
715 sai tudo daqui do Novo Mundo. Mas não é assim não.
716 Pode sair da Prainha, pode sair da Vila do Sapo. Vila
717 do Sapo também é mal falada uai
718 Nívea XXXXXXXX que chega na beira da linha lá que é droga
719 eles fala ↑Ah o pessoal do Novo Mundo tá trazendo
720 tudo aqui pra baixo
721 Érica Eles fala que ocês que tão levano?
722 Nívea É
723 Érica Então o bairro ele é mal visto lá embaixo.
724 (muitos falam): É
725 Érica E::: ↑alguém aqui tem vontade de sair do Novo Mundo?
726 Deixar de morar aqui?
727 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
728 Nívea Ah, eu não tinha vontade de sair daqui não professora
729 porque::: se a gente for sair daqui por causa de de
730 de::: discriminação, de de droga ro:::ubo preconceito
731 vai pra outro lugar a gente pensa que vai ser
732 diferente e vai ser a mesma coisa. Igual a pessoa vai
733 usar o banheiro nesses lugares assim ↑eles coloca lá
734 feminino e masculino e quando a pessoa é totalmente
735 gay hhh tem outro tipo de sexo né que nem um ga:::y
736 >ou coisa assim< hhh mesmo assim era falavam que tem
737 que ter banheiro separado pra uso dos ga:::y e uso
738 XXX
739 Érica Mas então você acha que preconceito tem em qualquer
740 lugar
741 Nívea Em qualquer lugar. ↑A gente num precisa sair daqui
742 por causa disso que é o único lugar
743 Júlio Mas aqui no Novo Mundo fessora. Aqui no Novo Mundo a
744 gente é mais bem tratado do que lá no Centro fessora
745 Érica Aqui::: dentro cês são bem tratados.
746 Júlio Aqui no Novo Mundo a gente é muito mais bem tratado
747 do que lá no Centro aí te:::m >muitas pessoas que num
748 gosta da gente não< igual por exemplo eu fui comprar
749 um calçado ↑lá no Status [loja] lá::: jendendeu?
750 ↑sabe? Eu fui tratado (1,09) com desprezo mesmo. A

751 branquela me olhou assim, com jeito, até com a cabeça
752 assim dos pés à cabeça. Aí eu perguntei pra ela ↑Por
753 que ocê tá me olhando? Tá achando que eu preciso
754 roubar? >Não preciso não, eu tô com dinheiro aqui,
755 vou comprar um tênis aqui<. ↑Aí ela me perguntou de
756 quem que eu era irmão. Eu sou irmão de Vítor, eu
757 tenho até conta aqui. Aí ela qual o seu nome? Júlio
758 ↑Aí ela viu que eu tinha conta lá ela me pediu
759 desculpa porque::: ela me olhou de um jeito assim
760 é::: eu percebi que ela me olhou com jeito de
761 desprezo. ↑Aí eu não liguei não eu comprei o tênis e
762 saí tranquilo. Aí agora toda vez que eu volto lá
763 agora eles (tentam me agradar) o máximo possível
764 Henrique Quando ocê vai numa loja procê olhar uma roupa uma
765 loja de de roupa (já ficam olhando procê) assim com
766 olho torto os os os vendedores. Já não tem nem jeito
767 docê entrar num lugar, eles ficam olhando com olho
768 torto, como se ocê fosse roubar alguma coisa fessora.
769 Pegar uma roupa e sair correndo. É assi:::m. O
770 pessoal é é assim mesmo. Isso não muda não.

Grupo Focal 03 (Gravação 03– 51:56.56)

1 **Érica** Gente, eu quero começar fazendo uma pergunta pra
2 vocês. É::: ↑vocês se identificaram com algum aluno do
3 filme? >Cês viram que o filme mostra uma escola de
4 periferia né:::?. Que é bem parecida com essa daqui.
5 Que é num num num bairro mais distante e tal. Alguém
6 aqui se identificou com alguma escola ou com algum
7 aluno?
8 Todos ((Muitos falam ao mesmo tempo))
9 Hugo A de São Paulo
10 Érica De São Paulo? Por quê?
11 Ricardo De São Paulo e do Rio.
12 Érica É::: e por quê?
13 Ricardo É é mais largado né professora
14 Érica E cê [acha]
15 Ricardo [Os alunos] não respeita professor não sô.
16 Érica Ahn E cê acha que os daqui também é largado?
17 Ricardo É uai.
18 Érica Quem concorda com o Ricardo?
19 João Ninguém
20 @@@@
21 Valéria Não. Eu acho que a nossa escola (0,98) eu acho que se
22 identificou mais com aquela escola lá do Pernambuco
23 onde não tem água, muitas das vezes condições de
24 higiene assim não é legal tanto é que cê viu lá na
25 sala né ((havia chovido e a sala de vídeo estava
26 molhada)) eu não acho muito legal. Agora em São Paulo
27 eu achei a escola um pouco mais mais limpa, um pouco
28 mais organizada ao contrário do Rio de Janeiro e
29 Pernambuco ↓eu já não achei legal não.
30 João °Eu achei°
31 Érica O:::i? E você?
32 João Eu eu o que? Eu o que? Eu::: não falei nada não
33 professora.
34 Érica Tá. E no caso é agocara eu queria saber assim. Vão
35 ver se todo mundo poderia me responder isso. Na >na
36 opinião de vocês< qual que é o papel da esco:::la na
37 vida de vocês?

38 Ricardo Boa parte do futuro né [professora]
39 Marcelo [futuro]
40 Ricardo Boa parte do futuro né professora.
41 Marcelo Ter um futuro melhor e::: tem um muita opo-o EJA deu
42 muita oportunidade para as pessoas recuperar o tempo
43 perdi:::do.
44 Érica Cê acha que o EJA então dá oportunidade pra quem
45 acredita num futuro melhor num futuro melhor. Todo
46 mundo acredita?
47 João Claro ué.
48 Hugo °Isso°
49 Valéria Eu acredito. Eu creio que vai dar muita oportunidade
50 pra gente poder estar arrumando um emprego um pouco
51 melhor né fazendo o::: o Ensino Médio depois quem sabe
52 a gente não pode até entrar na escola te:::cnica ou
53 até mesmo na faculdade né?
54 Érica Tá. Eu Agora eu preciso saber uma outra questão. É:::
55 como(.) que vocês acham que a escola vê vocês? Cê acha
56 [que:::]
57 Hugo [Eu acho que ela vê de outras maneiras, [a gente]
58 Ricardo [a gente]
59 Rodrigo [mexe com
60 dro:::gas, a gente às vezes só porque a gente faz uma
61 baguncinha é::: nós são são tenta:::do
62 ((Confusão - muitos querem falar))
63 Hugo É::: [Vagabundo]
64 Ricardo [É a Desigualdade]
65 Hugo Se a gente faz bagunça já acha que tem que chamar
66 [polícia]
67 Ricardo [é desigualdade professora]
68 ((alguém tosse))
69 Hugo [pa bater ni nós]
70 Ricardo [é desigualdade professora]
71 Hugo [já acha que tem que fazer de várias maneiras uai]
72 Ricardo [heim, professora, é muita desigualdade]
73 Hugo [Hoje não tem [limite]
74 Ricardo [É muita desigualdade]
75 Hugo [hoje cê não tem nada nessa escola] aqui
76 hoje não, sô
77 Ricardo É muita desigualdade, tipo assim. Ti- que nem, que nem
78 eu conheço. Tem aluno fumano dendo banheiro, pessoal.
79 MAIORIA das coisas que cai é::: é aluno da quinta
80 professora é e a maioria das vezes num é uai.
81 Érica Então você acha que tem desigualdade com a turma?
82 Ricardo Não. com a turma e com a o pessoal da escola toda
83 toda, professora. não é só com uma turma [não ué.]
84 Rodrigo [°na sala
85 também, né, que tem uns também que que já tá já é meio
86 pichado né, aí a culpa cai tudo neles né?°
87 Érica Os alunos são pichados?
88 Hugo XXXXX Eles acha que já pode começar, é vagabundo, é:::
89 é tal fulano mexe com droga, é::: é zuado
90 Érica Peraí, Por- quem fala isso? que [vocês]
91 Hugo [A:::h, várias
92 pessoas] a diretora cê acha que ela num imagina isso
93 não? Inspetor? É::: Eles né bobo não uai.
94 Érica Mas por que que cês acham [isso]?
95 Hugo [olha pa gente com outra
96 cara uai, cê acha que eles vai criticar não? O santim?
97 Que santim nada rapá.]=
98 Érica =Mas por que que cê acha que

99 eles tratam vocês assim?

100 Hugo A:::h, num sei não sei as mente deles uai.

101 Marcelo o modo de tratar, professora. Cê pergunta eles as

102 coisa, eles num leva ocê a sé::rio

103 Hugo °Num leva mesmo não, é difícil°

104 Marcelo Se ocê chegar lá e falar que cê tá passano mal eles

105 fala que é desculpa °que cê tá mentindo°

106 Rodrigo Se vai embora cedo é:: pá é pra fumar usar droga na

107 rua afora, pra rua afora (2.3) é::: pra fumar dro::ga.

108 Érica Anh, E no caso então cês acham que eles acham que

109 vocês são vagabundos, mesmo sabendo que vocês

110 trabalham?

111 XXXXXXX ((Confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))

112 João Trabalho de vender droga né?

113 Érica Oi?

114 Hugo Eles acham que a gente:: (.) FICA AÍ ó vagabundano eu

115 num sou num sou vagabundo, num mexo com dro::ga. Eu

116 meu fio eu trabalho todo dia aí meu fio.> Acordo seis

117 horas da manhã pra que. Chegar quatro horas e pra vim

118 pra escola ainda meu fio<.

119 Marcelo Pior é chegar na escola e [XXXXX]

120 Hugo É professor xingar a gente, é inspetor meter ferro,

121 traficantinho hhh falar que tão mete- que polícia tá

122 meteno a mão na gente lá fo::ra, que eu tô roubano

123 celular eu não tô fazendo o escambau aqui não

124 Rodrigo Quando a gente trabalha >tá lá trabalhando aí NINGUÉM

125 VÊ< (.) agora quando dá uma volta de rolê aí é

126 vagabundo, é a toa, não faz nada da vi::da hhh que

127 isso [aquilo]

128 Ricardo [Não.] Quando eu tô ralando, professora, quando

129 tô trabalhando XXXX. Olha procê vê, ó, minha mão tudo

130 cheia de graxa ó

131 XXXX ((muitos falam ao mesmo tempo))

132 Érica Oi?

133 João °Tem que divulgar, meu fio°

134 Érica °O que que tem que divulgar?°

135 João °Ele ó, ele aí tá falando lá uai, que e- que ele

136 trabalha°

137 Ricardo Todo mundo acha que é brincadeira, professora. NINGUÉM

138 GOSTA DOCÊ NÃO, pra todo mundo aê eu sou traficante, o

139 que acontece lá na rua de casa lá, ow, se sumir um

140 negócio lá na ((palavra de baixo calão)) lá meu [fio]

141 Hugo [°ó.

142 Tá doido?°]

143 Ricardo [eles vai lá em casa] meu fio, perguntar se fui eu que

144 meti a mão uai.

145 Érica Mas eles acham que você é bandido?

146 João Não. Vagabundo, [sem vergonha.]

147 Ricardo [ô professora::: lá perto de casa lá é

148 @@@ lá na rua lá eu sou o maior vagabundo, que eles

149 fala que::: que é o fio de M que é o vagabundo,

150 professora

151 @@@

152 Rodrigo Professora, traduzindo::: trombadinha @@@

153 Ricardo Trombadinha, sem vergonha, heim @@@ NÃO vagabu:::ndo,

154 tudo que acontecer aqui no XXXX eles joga a culpa ni

155 mim.

156 Rodrigo @@@ Noia:::do, Noia:::do

157 Érica Mas quem, perai, quem quem joga a culpa nocê, é isso

158 que eu quero saber, QUEM joga a culpa ni você?

159 Ricardo Ah, professora, que::: (.) ah eles já jogaram em tudo

160 quanto é lugar né professora.
161 Érica Mas quem, é isso que eu quero saber. Quem? Vizinho,
162 polícia, professor?
163 Ricardo Tudo
164 Ricardo É vizinho, é professor, polícia.
165 Marcelo °Eu já tomei couro de polícia aí à toa°
166 Ricardo Eu também.
167 Érica Você já tomou o quê?
168 Marcelo Couro de polícia à toa
169 Érica À toa?
170 Marcelo À toa
171 João Eles armaram.
172 Hugo E se fosse se fosse olhar hoje aí ó hoje eu melhorei
173 100% ó antes eu me-↑antes eu rodava era com o cara que
174 mexia no Novo Mundo aqui se for olhar ó. Eu melhorei
175 100% ué.
176 Érica Você já usou droga, já:::=
177 Hugo =Graças a Deus até hoje não
178 uai=
179 Valéria =Graças a Deus mesmo
180 @@@@
181 Hugo XXXXXXXX envolver pra fumar nem usar, agora se for
182 questão assim de envolver assim ó pa vender, entendeu?
183 Já. Aí eu falo com cê que já, [entendeu?]
184 Érica [Cê já vendeu droga?
185 Hugo Até que vender isso eu já vendi entendeu? Agora a
186 questão de usar, aí não XXXX
187 Érica Agora é::: tem uma coisa interessante. Cês viram
188 fala:::ndo. Oi?
189 Marcelo Eu fui humilhado aqui já uai XXX ((confusão,
190 incompreensível))
191 Marcelo Por causa de tatuagem eu fui discriminado mano.
192 Érica Cê foi discriminado por usar tatuagem?
193 XXXXX ((Confusão. Muitos falam ao mesmo tempo)
194 Ricardo Mexeram. Polícia já cansou de chegar e feito aborda-ô
195 vagabundo. Isso o que=
196 Hugo =eles falam que essa tatuagem é
197 de vagabundo, de cadeia lá ((mostra a tatuagem, o
198 desenho de uma mulher)). Essa tatuagem é de cadeia meu
199 fio. Essa tatuagem é de vagabundo, de cadeia... Acha
200 que assim essa tatuagem é de cadeia pra eles rapaz.
201 XXXX ((confusão, Muitos falam))
202 Ricardo (No carnaval) Nada a ver, nada a ver, tinha tanta
203 gente de blusão lá professora. Só porque eu tava de
204 touca ↑com essa touca que eu tô hoje ((mostra a
205 touca)) professora, e de blusão, ele me parou e eu
206 fiquei três dias preso uai.
207 Érica No carnava:::l?
208 Ricardo Fiquei três dias do carnaval lá na cadeia curtindo com
209 os presos @@@@
210 Rodrigo °Agora é sério professora. I:::sso num é mentira não
211 sô.
212 XXXXX ((incompreensível))
213 Hugo Eu tava na minha rua da minha casa entendeu? Chegar
214 polícia assim e enquadrá eu mandar eu eu passar
215 vergonha, mandar eu ti-descer calça descer as calça
216 até no chão assim ó pa ver se eu tô levando alguma
217 coisa denda cue:::ca. Eles já cansou de ver minha
218 cueca rapá ↑chamá minha mãe lá ó pá vê se eu moro lá
219 mesmo lá ó. Já revistou minha casa toda, revistou meu
220 quarto quereno droga caçano arma caçano uma ↑rapá pá

221 de coisa coisa que cê coisa que eu nem sabia eles
222 queria falano que tinha denúncia minha lá embaixo,
223 falano que eu nem sabia meu fio tava rolano uai.

224 Érica Ó
225 João °Polícia de ((cidade)) é safada rapaz.°
226 Érica Quê?
227 Ricardo Polícia de ((cidade)) é safada.
228 João Polícia?
229 ((Confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
230 Érica Na verdade, olha só, eu tô falando mais de polícia
231 Ricardo °Tá mudando de assunto XXXX°
232 Érica Anh? ↑Não >é o assunto que eu quero mesmo.< Cês tão
233 falando de polícia mas eu queria saber a sociedade em
234 geral assim por exemplo quem não mora no Novo Mundo o
235 povo que mora no Centro, mora na Chácara, povo que:::
236 é mora no Rosário [na Colina.]

237 Ricardo [Aê ó]
238 Érica [os donos das lo:::jas.] ↑Como que
239 essas pessoas veem vocês? Vão lá.
240 Ricardo Aê ó a gente entra denduma loja pra comprar u:::m par
241 pa:::r, comprar um calçado >alguma coisa assim né<
242 eles já fica do lado assim ó já fica do lado oiano com
243 oio torto. Na hora cocê tira dinheiro do bolso
244 professora eles fala cocê robô, eles fala tanta coisa
245 meu fio XXXX que não vende fessora não vende, não
246 vende meu fio.
247 Érica Alguém aqui já sofreu preconceito no comércio, por
248 exemplo?
249 Marcelo Celular
250 Érica Ahan
251 Marcelo Uma vez fui comprar um celular e eles falou assim
252 que:::, que::: eu num podia::: é::: dividir o celular
253 não, sendo que eu ia comprar o trem à vista. Chegou e
254 Cê num pode dividi não e já falaro falei eu vou comprá
255 o trem à vista eu num tô perguntano ocê se eu vô
256 dividi não ué.
257 Érica É::: vocês já sofreram, alguém aqui mais?
258 Rodrigo Eu já, fessora.
259 Érica Ahan
260 Rodrigo Uma vez eu entrei no supermercado lá no::: lá no
261 bairro onde eu moro lá né o cara falou assim que eu
262 tava robano lá >que eu tinha mexido nas coisas lá né<
263 aí eu fui lá no::: pracinha no mercado assim comprar
264 um negócio lá né aí eu peguei e mexi na blusa assim e
265 ele pegou e cismou que eu tava quereno robar lá XXXX
266 minha blusa falano que eu tinha robado lá
267 Érica Mas por que você acha que eles suspeitaram de você?
268 Rodrigo Não porque eu ando porque::: eu ando que >eu ando com
269 meus colegas< ↑sabe os colegas lá do do do meu bairro
270 lá sabe que já mexeu lá já que já roubou lá já roubou
271 no mercado. Aí eu andava com eles sabe aí eu andava
272 com eles aí eles me via sabe (todo dia) não vou mexê
273 não. Aí quando eu entrei lá eles ficou meio
274 desconfiado de mim (.) só por causo dos dos meus
275 amigos mexê.
276 Érica Anhn
277 Hugo XXXXXX quando sumiu dinheiro da minha vó, entendeu,
278 uma pessoa meu primo apareceu com o dinheiro aqui ↑lá
279 em BH ó. A vó já falou que fui eu com minha pri:::ma
280 >meus parente tudo< já chegou e falou foi Hugo que
281 passou o dinheiro pa Papera ((apelido)) e Papera

282 guardou o dinheiro e foi ele que robô. †Mas a minha
283 família botou culpa ni quem? A culpa é minha. Eu que
284 sou o ruim nessa hora. Meu primo que roubou, ele num
285 fez nada meu fio. Ele que rouba o dinheiro e eu que
286 levei uai. Eu que levei [o ferro]

287 Érica [Mas no caso, sua avó:::]
288 Ricardo [Que ne:::m quando] eu fui comprar um tênis. Foi
289 eu e minha mãe (.) minha mãe ficou pra trás e eu
290 entrei né. Fui lá e perguntei a muié se tinha o tênis
291 né. Logo eu subi com a mulher lá em cima assim ela
292 ficou meio com o olho coisa neu experimentando o tênis
293 assi:::m, ah ela mas eu não posso dividi procê não aí.
294 Mas eu num vou dividi não uai eu vô pagá à visa, uai
295 (1,49). Aí minha mãe pegou e subiu e ela começou a
296 olhá pra mim com oio torto †assim. Aí ela atendeu
297 minha mãe e eu esperei. Aí quando eu desci com o tênis
298 lá emba:::ixo, ela mandou dois o::: o::: supervisor
299 que supervisa, que::: fica olhanooo o balcão, os
300 negócio lá na loja ficá de olho ni mim uê.

301 Érica Anhn, mas por que que ocê acha que fizeram isso?
302 Valéria Eu sei que loja é essa que ele tá contado.
303 Érica Oi?
304 Valéria °Eu até sei que loja é essa°
305 Érica Mas por que... Anhn? Mas por que que cê sabe que loja
306 é essa, Valéria?
307 Valéria Porque::: geralmente já comentaram comigo que nessa
308 devida loja, eu acho que é aquela do lado do do do:::
309 supermercado, não é?=
310 Ricardo =É essa mesmo
311 Valéria Geralmente naquela loja acontece isso. Aquelas meninas
312 são muito desesperadas †e se fizer isso comigo por
313 exemplo igual o Rodrigo falou que::: que cismou que
314 colocou debaixo da roupa eu simplesmente eu chamo a
315 polícia. Se você tá falando que XXXX >cê não põe a mão
316 ni mim< você vai chamar a polícia porque (.) se eu não
317 roubei então eu eu vou processar XXXXX

318 Érica E por que que vocês acham que eles fazem isso com
319 vocês? É por que são [ne-Ahnn?]
320 Hugo [Porque a gente é pobre] e mora
321 na na nani algum lugar assim nu nu no:::s >beco< mora
322 nos beco, no alto dessas rua nos lugar que mexem com
323 drogas aqui ó. Aqui nós também é vagabundo. Acha que
324 se chegá lá vai o que, vai vai robá vai fazer alguma
325 coisa docê, um assalto a mão armada @@@@
326 XXXXXX ((muitos falam ao mesmo tempo))

327 Ricardo Que nem eu fui numa loja pra comprar um boné. Aí eu
328 entrei denda lo:::já (.) to olhano [os boné]
329 João [hum]
330 Ricardo [e meu dinheiro]
331 caiu no chão. Eu fui pegá meu dinheiro e num tomei
332 nome de ladrão porque eu tava robano o MEU dinheiro no
333 chão?

334 Érica Eles falaram que ocê era ladrão.
335 Ricardo A muié foi lá e cismou. †ELE TÁ ROBANO AQUI NA LOJA
336 AQUI Ó esse dinheiro foi ele que pegou ele robô lá na
337 loja. Eu só olhei pra ela assim ó cê tem certeza que
338 eu roubei aqui? Tenho. Então peraí que ó chama a
339 polícia que eu vou esperar sentado aqui.

340 João Foi lá e [chamou]
341 Rodrigo [Vou falar] tamém, eu acho que a gente é
342 discriminado por causa da cor e por causa do do bairro

343 >onde a gente mora<
344 Ricardo E as roupa
345 Rodrigo E as roupa que a gente veste. Aí aí eles fala assim
346 ↑Ah esse menino é esse menino é do Mundo Novo. Cuidado
347 que ele te róba, ele faz, ele usa droga, é ladrão. Eu
348 acho que tem muitas vez, muita meio muitas coisa e
349 acho que é meio meio por causa da cor da pesso:::a e
350 >também< do bairro onde ele mora.
351 Érica E por que o estilo de roupa?
352 Ricardo Ah, o estilo de roupa professora que nem XXXXX muita
353 gente não gosta de [usar blusão.]
354 Rodrigo [°Maconheiro°]
355 Érica [Como é que é?] Peraí como é que é?
356 Eles falam que o pessoal é maconheiro?
357 Valéria XXXXXX se entrar na loja que a gente trabalha e
358 roubar, eu tenho que pagar, então XXXX a gente fica de
359 olho mesmo. Porque ↑infelizmente o pessoal XXXX tem
360 preconceito da minha roupa hhhh mas infelizmente tem
361 roupas assim que ↑eu não usaria. Mas assim igual eu
362 conheço ele conheço ele e conheço ele conheço ele
363 ((aponta para os garotos do grupo)) colocar isso
364 primeiro eu conheço ele eu nunca tinha visto ele,
365 igual assim, eu conheço ele e ↑eu sei que eles não vão
366 fazer isso (.) entendeu? Mas tem pessoas que
367 infelizmente usam até mesmo da roupa, do estilo de
368 roupa pra poder roubar, pra poder dizer que é de tal
369 lugar, num é de tal lugar, então a gente tem que tá
370 muito esperto. Se você tem vontade de comprar uma
371 roupa legal, né:::, vestir.
372 ((confusão, muitos querem falar))
373 Hugo Pá você comprar alguma coisa em ((cidade)) hoje minha
374 fia tem que ir igual playboyzinho, filhinho de papai,
375 meu fio né? Andar igual XXXX só andar de tênis
376 limpinho, calça bem arrumada, blusinha e cabelo
377 cortado direitinho, vai lá procê ver de chinelo, não
378 sei o que, de busão ↑um blusão procê ver se eles num
379 vão falar que ocê é ladrão.
380 Érica Mas aí cê acha, cês acha que o fato igual a maioria
381 aqui é negra, cês acham que::: isso influencia por
382 vocês serem mal tratados?
383 Hugo [Com certeza.]
384 Érica [Porque eu já senti isso na pele.]
385 Hugo Eu sou preto @@@@ eu posso falar que eu sou preto
386 também. Só porque eu sou preto e eles é branco que
387 eles é melhor do que eu? Eles não é melhor que eu não
388 meu filho. O sol nasceu pra todo [mundo.]
389 Marcelo [Já viu o vídeo dos
390 Racionais?]
391 Hugo Já uai.
392 Marcelo já viu o vídeo dos Racionais? Vida Louca. O menino
393 chega lá pra comprar um tênis ↑ô moça, quanto que tá
394 esse tênis aqui? A mulher vai e chama o segurança pra
395 pô ele. o menino cresce meu fio. Vai lá e compra os
396 tênis todos da parteleira.
397 XXXXXXXX
398 Valéria Eu acho que::: ↑num deve ter um certo preconceito mas
399 tem pessoas tamém (.) que che:::ga. Às vezes nem
400 entende às vezes cê faz uma pergunta pra e:::le >vão
401 colocar aqui que nem igual eu trabalho aqui< assim cê
402 faz uma pergunta pra ele e ele já entende de outra
403 forma, às vezes eu falo assim olha, eu tenho esse aqui

404 e esse aqui tá tá na oferta, tá tá tá mais em
405 co:::nta, tá em ofe:::rta e ele já vira logo e já eu
406 não to te perguntando o preço. Eu nu:::m, isso quer
407 dizer assim que a gente tá achando que ele é pobre [eu
408 num]

409 Érica [A própria] pessoa já carrega o preconceito com ela
410 Valéria É::: então o que que acontece eu acho assim ↑eu graças
411 a Deus eu eu ando ((nome da cidade)) inteira, eu nunca
412 sofri esse tipo de preconceito. Mas eu conheço muita
413 gente. Mas assim de:::de chegar no::: toda em toda
414 loja que você vai você tem uma pessoa que você gosta
415 que te atende. >Então eu já chego e já vou naquela
416 pessoa que me atende< Então eu tipo assim a pessoa
417 conhecida uma pessoa que trabalha lá. Então eu vou dar
418 preferência pra [fulano]

419 Érica: [Ahan]
420 Valéria [aí compro] com ela Então eu nunca
421 sofri isso porque eu acho que é uma coisa muito chata.

422 Érica É::: uma outra coisa que eu queria perguntar é::: cês
423 viram uma menina falando que ela escreve os poemas mas
424 que a professora nunca dá nota pra ela porque acha que
425 ela copiou?

426 João Lógico.
427 Érica Já aconteceu aqui na escola ou outra escola d
428 professor não acreditar no potencial [de vocês?]

429 Ricardo [Já]
430 Érica [achar] que
431 vocês são piores?

432 Hugo Já... eu já.
433 Érica Anhn?

434 Ricardo Já na escola é::: na escola lá de cima
435 ((confusão, sirene tocando))

436 Ricardo Era pra fazer uma redação. Eu fiz a redação e a
437 professora XXX falou que a minha mãe que tinha feito
438 pra mim e não deu nota XXX

439 Érica Ah é? Por que cocê acha que ela fez isso?
440 Ricardo XXXX deve ter ficado bom né, professora.

441 Marcelo Nós vamos tem vez que nós vamos na escola lá né nós do
442 lado de fora eles chama a polícia.

443 Hugo É::: uai, eu já fui expulso daquela escola ali por
444 quê? Eu saí daquela escola XXX >eu chegava ali e
445 neguim já chamava os homi pá mim falano que é eu que
446 tava passano droga pros menor< falano que eu tava
447 passando, tava passano pela grade. Num deixava nós nem
448 chegar na grade pra mexer com ninguém e cumprimentar
449 uai. Falava que nós era trombadinha e que nós ficava
450 passano droga pros professo:::r. ↑Professor ali tinha
451 professor ali que era noiado ó. Inspetor tudo noiado
452 ali ó. Eles mexem com droga.
453 XXXXX ((confusão - incompreensível))

454 Hugo Pra eles pega mal uai
455 Ricardo Já peguei um inspetor, professor ali usando droga
456 dentro do banheiro [da escola.]
457 Hugo [usando droga]
458 Marcelo [já cansei de ver inspetor] batendo
459 ni ni aluno XXXXX

460 Érica Quando fala que ele é noiado, noiado é o que?
461 ((Muita confusão. Muitos querem falar.))

462 João Cheirando a cocaína.
463 Érica O que?
464 João É::: o professor uê.

465 ((Confusão - incompreensível))
466 Érica Dentro da escola?
467 Hugo Dentro da escola eu nunca vi não, mas [lá no jardim]
468 Ricardo [Eu já vi] ele
469 cheirando pó den da escola=
470 Hugo =Den do banheiro aê
471 Ricardo Den do do banheiro da escola.
472 Hugo Eu já cansei de ver ele na rua fumando um baseado
473 assim ó de dia, na luz do dia @@@@
474 Érica Ô gente e::: a questão também da menina que fala que
475 gosta de ler. E vocês gostam de ler?
476 Rodrigo Eu não
477 Hugo A:::h, e:::u detesto ler. Ler não é comigo não.
478 Valéria Eu gosto de ler se eu pegar uma coisa que eu achei
479 interessante do começo
480 XXXX ((Muitos falam ao mesmo tempo))
481 Valéria Do come:::ço eu chegar no meio XXX >eu gosto de uma
482 coisa que já me chama a atenção no começo< [então]
483 Marcelo [Eu gosto
484 de ler pra mim.] Eu não gosto de ler em voz alta pros
485 outros escutá
486 Hugo Ah eu nem isso. Eu sou muito nervoso. Eu não vou ler
487 em voz alta (eu começo) a gaguejar [sô]
488 Rodrigo [Eu não gosto] de
489 ler não
490 João Eu gosto de ler o jornal Super.
491 Rodrigo Eu não gosto de ler não.
492 Érica Bom. Vão lá. Outra questão também que::: que teve
493 interessante lá é quando falam do::: (1,58) do bairro,
494 da dro:::ga. >Cês acham que a droga< pode pode
495 influenciar o futuro igual a gente mora num bairro que
496 a gente sabe que tem tráfico [né?]
497 Hugo [Em todo lugar tem
498 tráfico] XXXX porque em todo lugar que ocê vai hoje
499 João aqui tem droga, ali tem droga, o tal fula:::no
500 ((cantarola))
501 Ricardo ô fessora, nessa ((cidade)) aqui é uma coisa tão podre
502 den dessa ((cidade)) aqui é uma coisa é tão podre que
503 tem policial no tráfico de droga meu fio tem policial
504 aqui ó=
505 Hugo =Isso é sério. Aqui, professora, tem aqui
506 polícia safada demais, meu fio
507 Érica Tem polícia safada?
508 Hugo Tem demais
509 Ricardo Tem polícia, fessora XXXX que chega na boca
510 Hugo Cê vê eles colocar a droga na sua roupa procê levar a
511 culpa
512 ((confusão. Muitos querem falar))
513 Érica perai, como é?
514 Hugo Tem gambé professora eu já cansei de ver amigo meu
515 desesperando por causa de polícia polícia colocando
516 droga a droga dentro do bolso colocando a XXX
517 Ricardo ô fessora::: tem polícia aqui que chega na boca e
518 cobra meu fio eles cobra ês cobra, eles cobra XXXX eu
519 já cansei de ver XXX eu vou usar fora daqui fessora
520 que o policial é tão cara de pau que ele chegou assim
521 ó. Eu quero 23 mil senão semana que vem eu te pego.
522 Érica °Nossa mãe° O que que ocê fala?
523 Marcelo Eu já cansei de ver traficante é traficante mesmo na
524 esquina com a polícia pegano dinheiro deles e enfiando
525 no bolso uai. Num levam não sabe? Só bate, pega o

526 dinheiro e enfia no bolso.

527 Hugo Polícia de ((cidade)) aqui gosta de espancar rapaz

528 ↑eles num qué saber se ocê é pobre, se é uma pessoa

529 honesta não bobo. Que ó qué é batê mesmo XXXXX

530 Marcelo Ganhá dinheiro, Qué é pegar ocê na quebrada pra bater.

531 XXXXXXX ((Muitos falam ao mesmo tempo))

532 Ricardo XXXX eu tava trabalhando co:::m com o com o padrasto

533 do meu irmão professora eu subino que n:::em o o

534 ↑primeiro salário que eu recebi eu coloquei ele

535 to:::dinho dentro da mochila aí tá eu lá subino o

536 morro ↑vê lá professora eu de boti:::na, cheio de

537 concreto, todo sujo, rapaz, óia procê ver que

538 covardia, me pegou XXX me bateu, me tomou meu

539 dinheiro, fez eu vim de lá aqui a pé.

540 Érica Ô gente agora vão lá só mais uma questão, mais umas

541 @@@@

542 João Umás!

543 Érica É::: lá na, na naquele XXXX num sei se vocês viram ma

544 parte do Rio que fala que 87% da::: das pessoas da

545 escola é negra, né, dos alunos, é negra. Aqui a gente

546 vive numa escola que::: além da maioria ser negra a

547 gente vive num bairro que a maioria é negra. Vocês têm

548 orgulho disso?

549 ((confusão. Todos afirmam que sim))

550 Érica Já sofreram preconceito?

551 ((muitos falam ao mesmo tempo - incompreensível))

552 Érica Como é que é?

553 João Eu sou estudante.

554 @@@@

555 Valéria Eu assim eu não tenho eu nã:::o ↑eu tenho orgulho de

556 ser negra. Eu acho que::: sei lá eu acho que minha cor

557 é uma cor linda. Eu não tenho preconceito contra mim.

558 Agora infelizmente muitas vezes o preconceito parte de

559 dentro da gente mesmo (.) entendeu? Porque às vezes cê

560 chega num lugar assim e cê fala assim ó tem um monte

561 de pessoas mais claras, vão colocar assim né. A pessoa

562 chega vira e fala assim ah eu fui naquele lugar e não

563 fui bem tratado porque eu sou negro, é porque (.) já

564 já vai com essa com essa ideia de que é negro. Eu não

565 eu não tenho problema por causa da minha cor não.

566 Hugo Ah °professora° tem uns lugar aí ó, uns ↑lugar aí

567 ((alguém tosse)) entendeu, saí aí, ó, umas pizzaria aí

568 ó (.) às vezes cê é negro, cê num pode chegar nem

569 entrar nem sentar porque se sentar, meu fio, aí todo

570 mun- todo mundo começa a olhá Ó, ↓ o estilo daquela

571 pessoa vestir ↓, ↑o estilo dela sentar, de comer, tudo

572 mesmo, eles arrepara

573 João É:::

574 Érica Cês acham que cês sofrem preconceito?

575 Hugo I:::h, sofremo é demais rapaz só por causa que nós é

576 preto? Eles é branco ↓meu fio.

577 Rodrigo °Tipo assim°

578 Érica Oi

579 Rodrigo Eu sou preto, mas mas eu tenho orgulho, eu tenho

580 orgulho da minha cor, professora

581 ((muitos falam ao mesmo tempo))

582 Érica oi?

583 Rodrigo Eu sou so:::u

584 João Eu sou um preto lindo, fessora.

585 Érica Como é que é?

586 João Eu sou um preto lindo ((@@@ - incompreensível))

587 Rodrigo Eu sou um preto, os outros falam que eu sou preto, sou
588 que eu sou tica:::o. Eu não fessora é a culpa é de
589 ninguém. Tem portância não, não vai mudar não >eu não
590 ligo não. Tenho esse trem de preconceito não sabe?<
591 Érica Ô gente, olha só, tem uma questão que a menina fala
592 lá, o menino, mas ele falou que quer ser padre, que
593 ele chegou no 3° ano e::: não aprendeu nada. Cês cê
594 sentem isso? Que cês tão caminhando na escola e não
595 aprendendo?
596 XXXX ((confusão, muitos querem falar))
597 Érica Peraí, um por vez...
598 Valéria Eu acho que sim porque::: †tem professor que chega na
599 sala, simplesmente coloca a pasta lá. Às vezes tá com
600 uma revista na mão e ocê pergun-e ocê tá perguntando
601 uma coisa pra ela. †Ela ela vai lá coloca as coisas no
602 quadro e explica do jeito dela e se ocê †perguntá pra
603 ela as coisas chega e pergunta pra ela ela não tem
604 paciência de te explicar eu vou explicar no quadro pra
605 todo mundo hhh às vezes você tem aQUEla dúvida não é
606 dúvida de todo mundo. Eu acho que ela deveria sim
607 porque ela é professo:::ra infelizmente quem sabe ali
608 é ela. Então é ela que tem que passar pra gente não é
609 a gente querer querer passar pra ela, se a gente
610 soubesse passaria.
611 Érica E como que ocês veem os professores em geral?
612 Hugo A:::h alguns é bão, alguns é ruim né?
613 ((muitos falam ao mesmo tempo))
614 Érica Oi?
615 Rodrigo Alguns alguns (.)†Alguns é bom.
616 Érica A:::nh
617 Rodrigo Alguns explica direitim, preocupa com os alunos, ajuda
618 a mão te ajuda a ajuda a dar o melhor pro aluno, um
619 futuro melhor pro aluno, mas tem uns que é
620 ignora:::nte hhhh a gente pergunta e já já já vem com
621 mal respo:::sta. Passa no quadro do do a gente
622 pergunta e (nem aí) pá gente, é mesma coisa de::: cada
623 um por si né e Deus por todos, né, eles num sabe que
624 depe-depende do aluno né e fica aí com ignorância com
625 todo mundo aí né.
626 Érica Ô gente, agora uma coisa, do que é que cês sentem
627 ma:::is falta aqui na escola?
628 João °Das Droga°
629 Érica Da droga?
630 João É.
631 Érica Oi?
632 Valéria Eu sinto muito falta de Educação Física
633 Érica A:::nhn
634 Valéria E sinto muita [falta XXXXX]
635 Hugo [Informática]
636 Érica Oi?
637 Hugo Informática.
638 Érica Informática?
639 Ricardo Mas o que mais faz falta aqui na escola aqui fessora é
640 só pruns né só pra::: >ô fessora< é pra todo mundo em
641 geral professora. É uma sala pra todo mundo fumá ali
642 dentro uai.
643 @@@@
644 Érica Cê acha então que devia ter um espaço pra fumantes.
645 ((Confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
646 Ricardo A gente mata até aula pra ir lá fora fumar uai.
647 João Olha só

648 Érica Anhn
649 João Fumante não, porque tem uns que só vem só pra usar
650 droga.
651 Érica mas ↑tem droga aqui dentro da escola?
652 João Nã:::o
653 Valéria Eu acho que num tem não.
654 Hugo Eu não posso te falar porque eu num tô olhando todo
655 mundo entendeu? Mas aí eu num sei cabeça de ninguém.
656 Hoje se bobear hoje XXXX [entendeu?]
657 Marcelo [XXX mas é traficante]
658 Hugo Cê num pode saber, então e:::u eu num sei da vida de
659 ninguém
660 Érica Mas isso acontece muito em escola de periferia. Tem
661 aluno que vem aqui::: ↓não precisa falar nome nada
662 ↑pra traficar? Tem?
663 Hugo Den da escola?
664 Érica É:::..
665 João Den da escola não. Eles vem pra estudar mas lá fora
666 ganha um dinheiro.
667 Hugo ↑Lá fora XXX denda escola é diferente, entendeu
668 João XXXX rolar o (pó) é lá fora. Aqui dentro é diferente.
669 Érica Mas dentro da::: escola eles não vêm fazer contato
670 ↑nada?
671 Hugo Não.
672 João Contato é do portão pra fora uai.
673 Hugo Aí é lá fora mesmo sô. Do portão pa fora. O que tiver
674 que resolver é lá fora uai.
675 Érica Tem outra questão que eu não sei se vocês lembram
676 que::: teve um depoimento lá que a menina fala que
677 pensa no futuro. Cês pensam no futuro?
678 ((Todos tentam falar))
679 Hugo Óh eu quero ter um filho também um dia entendeu?
680 XXXX ((muita confusão, todos falando ao mesmo tempo))
681 Marcelo Eu não penso só [no futuro.]
682 João [Cê tá com Aids]
683 Hugo XXXX nesse mundo de droga aqui ↑cê vai pensar querer
684 [ter filho?]
685 João [Cê tá com Aids]
686 Hugo XXXX pro lado todo aí, eu vou querer ter filho, rapaz?
687 ((confusão - muitos falam, incompreensível))
688 Marcelo Não adianta não
689 Érica E o que que num adianta?
690 Marcelo Amizade leva pro buraco. Cê tem que olhar a amizade.
691 Érica Cês acham que amizade leva pro buraco?
692 Hugo Hoje cê num pode XXXX
693 ((confusão))
694 Érica Mas então?
695 João Eu não penso no futuro. Eu penso no presente.
696 Hugo Eu penso no dia de amanhã rapaz não sei se amanhã eu
697 vou morrer uai
698 Érica Então vamos pensar numa coisa aqui, todo mundo tá aqui
699 na escola, todo mundo deve tá aqui por algum motivo.
700 ↑Qual motivo que vocês tão na escola? Vão lá, vão ver?
701 Rodrigo Melhorar de vida, ter uma condições boa, uma histÓria,
702 te um estudo bom né pra conseguir um emprego melhor,
703 ter uma::: condição de vida muito boa
704 Valéria Eu tô pra manter meu emprego.
705 Érica Pra manter emprego?
706 Valéria Pra manter meu emprego, que aí::: XXX
707 Érica °Anhn°
708 Hugo A:::h (1.17) eu tô pra ter um ↑futuro melhor né

679 professora minha família com dinheiro. Co:::m [u:::m]
680 Ricardo [uma
681 renda melho::r
682 Marcelo Eu tô aí pra::: ter um futuro melhor, um emprego bom
683 pra::: ajudar minha mãe ↓pelo jeito que ela me ajudou
684 até hoje
685 Érica E ocê Ricardo?
686 Ricardo XXXX eu quero me formar e mostrar pro povo, professora
687 que que que fala que eu sou vagabundo que que não é
688 bem assim que eles pensa não professora. ↓Que no
689 futu:::ro mais pra frente poder ajudar minha mãe (1.48)
690 tal, o resto dos meus irmãos.
691 João °Falar o quê?°
692 Érica O que que você pensa do futuro?
693 Hugo Ah, todo mundo pensa num futuro melhor né todo mundo
694 pensa num futuro melhor entendeu? Hoje ninguém hoje
695 quer ficar na pobreza, uns ganha:::ndo, outros
696 ganhando pouco não (tá indo pra rua) todo mundo hoje
697 tá queren- tá correndo atrás XXXX o que num correu
698 rapaz entendeu? o que num correu (agora estudá) tá
699 querendo estu- estudar aê pra ter um que, um um futuro
700 melhor pros fio ↓pra ter condição, entendeu?
701 Érica Peraí cê vem na escola pra merendar? ((para João))
702 João Eu venho na escola pra merendar e depois ir embora e
703 vender minha droga.
704 Érica Ô gente, olha só, é::: aquela questão que mostra os
705 aluno:::s >dormindo< cês se identificam com aquilo
706 ali? Com a professora dando aula?
707 Ricardo XXXX Tem muitos alunos que vêm na escola pra merendar
708 e ir embora (fazê bagunça) pra rua afora matá aula.
709 ↑Eu era sem-vergonha professora, a senhora lembra num
710 fazia nada den da sala de aula não, (eu aparecia) à
711 toa. Agora mudou meu fio. Agora eu to veno o que que é
712 bom, quem num estudar num tem futuro (.) pode ser que
713 vai virar um u:::m vagabundo porque serviço num vai
714 ter procê não.
715 Érica Tá, e as meninas, cês repararam que aquela parte do
716 vídeo que mostra as meninas?
717 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
718 Hugo Ah aquilo é mó pouca vergonha [meu fio a:::h]
719 João [Pirigueete]
720 Hugo Pergunta pra ele aqui ó, ele vai te responder ((aponta
721 pra J))
722 João Que que tá acontecendo?
723 Érica O que:::?
724 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
725 Marcelo Que nem as meninas que aparece de minissaia lá. O que
726 cocê acha que aconteceu?
727 João Ah, aquilo lá eu só::: aquilo ali é só pra dar um
728 (dechavo) se quiser é chegar de quebrada ué.
729 @@@@
730 Érica Tá. Agora aqui eu queria saber é só uma::: uma::: uma
731 outra questão aqui. Tem hora que eles falam que
732 ninguém faz nada pra melhorar a educação. O que que
733 cês acham?
734 Hugo Num faz mesmo não uai.
735 Érica Por quê?
736 Hugo Aonde? ↑Cadê o prefeito de ((cidade)) aí? Até hoje nós
737 tão querendo um prefeito num dá educação num dá
738 educação, saú-↑educação saúde.
739 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))

740 Ricardo Prefe:::ito. Prefeito aparece aqui a senhora sabe
741 quando, fessora?
742 Érica Anhn
743 Ricardo só uma vez por ano, só quan-só quando manda a renda
744 pra ((cidade)) que eles vai lá e ó ((assovia e faz
745 sinal de roubo com as mãos)) róba da gente, aê (.) que
746 nem tem a música dos Pacificadores fessora. A gente
747 chama eles de doutor e ↑eles chama a gente de bandido
748 professora. Mas eles rouba é no caô meu fio. ↑A
749 maioria róba é com (pitoco) na mão
750 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
751 Érica Como é que é?
752 XXXXXXXXXXXXXXXX
753 Érica Racionais?
754 Marcelo Pacificador. Pacificadores, Pacificadores, meu fio,
755 que nem a música que eles fala.
756 Érica Aí eles fala que::: ↑mas cês acham que isso é verdade?
757 Ricardo É lógico. Isso acontece em tudo que é lugá fessora.
758 Érica Anhn
759 Ricardo Que nem quem quem não tem trabalho, sei lá::: tá com
760 aperto professora. ↑Tá com aperto querendo fazer uma
761 compra, tem um filho doente em casa (.) nu:::m num vai
762 receber no dia ou vai receber daqui dois meses pra
763 frente, um mê:::s. Então aí fessora num tem como
764 arrumar dinheiro pro fio doente XXXX em casa então
765 ↑vai metê fita fessora vai robá uê.
766 Érica Metê fita é o quê, robá?
767 Ricardo É ué.
768 Hugo Vai robá ué.
769 Marcelo Tem vez que admiro traficante porque::: muitas vezes
770 tem famílias aí o que hhh menino doe:::nte. Eles pede
771 ajuda pro governo ↑nada °posto nada médico nada° ↑vai
772 pedir pra traficante, eles dá remédio
773 XXXXXX ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
774 Hugo Eles dá na hora meu fio.
775 Érica isso é o quê?
776 Hugo Pede dinheiro é toda hora. Por exemplo (.) que nem a
777 questão assim é o cara que que comanda o Mundo Novo.
778 Por exemplo assim ↑vai chegar nele de de humildade
779 falando ô, tô precisando de um remédio aí sa porque?
780 Eu fui no posto ali eles num pôde me arrumar mas vai
781 chegar de desrespeito e falar assim cê num pode me
782 arrumar um dinheiro ou pedir aquele XXX um remédio pra
783 mim não? Rapidim cê consegue rapaz hhhh mas ali cê tem
784 humildade. Nesses negócio tem que ter humildade com
785 prefeito, com Secretaria de Educação fessora.
786 Érica Aqui no Novo Mundo funciona isso, do traficante
787 ajudar?
788 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
789 Érica Mas aí no caso. Por que no Rio é assim (.) é nas nas
790 nas grandes cidades o que que acontece o traficante
791 ajuda e a população também ajuda ele tipo avisar que
792 polícia tá subi:::ndo.
793 Hugo Ah isso é todo mundo um ajudando o outro aqui.
794 XXXXX ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
795 Érica Mas aqui tem isso?
796 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
797 Marcelo Aqui não fica isso aqui não é fica isso. Eles num
798 gostam tipo assim tem gente que vê um negócio ali >em
799 vez de ficá calado de sacanagem vai lá e denuncia o
800 cara<

801 Hugo É ó. Aqui ninguém faz isso não. (.) Se tiver que
802 acontecer todo mundo aqui fica na calada se tiver que
803 deitar o cara ali ó todo mundo calou ninguém falou
804 nada aê.

805 Érica Por exemplo, tipo assim, o traficante mata alguém::m.
806 Hugo Cabô:::, forro:::u, fechou, cabou uai. Ninguém sabe,
807 uai.

808 Marcelo Ninguém sabe de nada.

809 Valéria A:::h mas não é bem assim não. (.) Que tem que e:::u
810 acho que aqui no Novo Mundo o povo fala demais [eu
811 acho.]

812 Hugo [Novo mundo? A:::h!]

813 Valéria Eu acho que a maioria da população aqui a maioria do
814 povo da população (.) se eles morassem nas grandes
815 cidades ↑vamos colocar assim Belo Horizonte. Já tava
816 tudo morto porque eles falam demais. Eu acho que eles
817 tinham que falar menos.

818 João E lá em BH lá a comunidade é tensa assi:::m se botar a
819 cara lá corta o pescoço mesmo.

820 Ricardo Lá vai botá a cara quem é? Tem que botar fé professora
821 quem é e quem não é tá den do morro.

822 Valéria XXXX porque olha, eu já morei em Belo Horizonte, já
823 morei fora em São Paulo XXXX dependendo do que você
824 fala às vezes você fala por exemplo a gente tá
825 conversando aqui. Você fala assim fulano de tal fez
826 isso >você não sabe quem tá escutando< então cê tem
827 que ficar calado.

828 Érica Anhn

829 Valéria XXXXX

830 Hugo Aqui ninguém aceita robá mais não meu fio hoje neguim
831 que tá robano no Mundo Novo aqui (.) vai robá procê vê
832 que que acontece.

833 XXXXX ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))

834 Hugo hoje os outros tá é pisando na cabeça dos outro que tá
835 robano aí, meu fio.

836 Érica Como?

837 Hugo Hoje os outro tá é batendo nos outro XXXXX.

838 Érica Mas quem bate? Traficante?

839 Hugo É uai. Hoje XXXX

840 Érica Mas ↑por quê?

841 Hugo Porque tá atraindo policia pro Mundo Novo uai. Vai
842 caçar robá procê vê se os meninos num tá meteno o tiro
843 nocê.

844 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))

845 Marcelo Robá de pobre fessora vai robá de rico.

846 Érica Peraí. Então se alguém do bairro rouba o próprio
847 [traficante]
848 [XXXXXXXXXXXX] ((confusão. Muitos falam ao mesmo
849 tempo))

850 Valéria Eu acho que ladrão tem que ser ladrão, agora ladrão
851 sem vergonha (.) ele tem que apanhar mesmo pra ficar
852 esperto.

853 Ricardo ó, professora, ó, ladrão é ladrão. Ladrão que é ladrão
854 róba é banco é que nem XXXX que assaltou aí ó na
855 loté:::rica. Metê fita ni gente rica [meu fio]

856 Marcelo [Gostei da
857 atitude da lotérica porque o cara XXXX rapaz, [foi na
858 lotérica]

859 Ricardo [Aí é mete fita ni gente rica, fessora, porque vai
860 robá gente que não tem dinheiro aí, rapaz robá de
861 pobre?]

862 Érica =Mas cês acha certo robá de rico?

863 Ricardo Ah, Robá de rico tem problema não professora agora

864 robá de pobre professora?

865 Érica Por quê? ↑Paráí. Tá robano. Qual a diferença de roubar

866 [de rico]

867 Ricardo [não] Se robá de rico fessora ↑no outro dia ele já tá

868 com dinheiro lá fessora. Se robá de pobre ele vai

869 ficar mais [de um ano]

870 Hugo [pra quem] tem dinheiro imagina. Róba um

871 milhão de u:::m um cara aí que (.) amanhã ele tá com

872 outro milhão dele lá no banco lá ó XXXX Eles tem um

873 XXX de dinheiro lá uai.

874 Marcelo É desigualdade isso é desigualdade. Ow, o cara que

875 trabalha um mês ralando aí serviço pesado fio ganhando

876 e ganhar aí 500 reais? Não. 500, 600 reais?

877 Ricardo E tem nego que ganha aí::: por mês, sentado, rapaz,

878 ganha aí::: quantos mil aí?

879 XXXXX ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))

880 Hugo Ganha o quê? 7 mil, 9 mil uê.

881 Marcelo Desigualdade professora.

882 Érica Agora eu quero falar. Tá chegando no ponto que eu

883 quero.

884 Valéria Olha professora ↑eu ach-não acho certo roubar não eu

885 não acho certo ↑eu acho que qualquer roubar roubando

886 de rico ou de pobre tá roubando (.) entendeu? Eu só

887 acho que::: assim igual os meninos falou. Se vierem

888 roubar no bairro automaticamente eles vão tá realmente

889 vão tá trazendo polícia pra cá entendeu? Eu não to

890 falando que eu sou a favor do tráfico porque graças a

891 Deus eu não mexo co:::m eu não tenho nenhum vínculo

892 com o tráfico não tenho nenhum vínculo com roubo ↑mas

893 eu acho assim. É mesma coisa às vezes o o o o filho da

894 casa ele ele é usuário ele entra na na sua casa na

895 minha casa já aconteceu isso de entrarem eu trabalho o

896 ↑mês inteiro eu bato sacola assim >trabalhava agora à

897 noite eu batia sacola< à noite pra ter um dinheiro

898 melhor e cheguei den de casa e tinha roubado meu

899 dinheiro. Robô meu dinheiro todo. Eu acho eu acho

900 errado sabe por que? O traficante que ele é uma pessoa

901 inteligente ele valoriza a família a primeira coisa

902 que ele preza é a família dele (.) entendeu? Tem que

903 ter respeito den da sua casa. Agora o que você vai

904 fazer na rua de certa forma não interessa agora ↑a sua

905 mãe e a sua família eu acho que você tem que respeitar

906 entendeu? Se você num tem respeito >à sua mãe e sua

907 família< cê acha que na hora que cê chegar na rua o

908 traficante chega na rua e vai dar uma bifa na sua cara

909 ele vai ter dó ou dar um tiro na sua cara? Num tem

910 XXXXXX

911 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))

912 Marcelo Novo Mundo só tá parado aqui é porque o::: (.)o

913 grande mesmo daqui ele tá preso. Quando ele tava aí

914 professora quem tava robano tava tomano tijolada meu

915 fio pá cara afora.

916 Hugo é uai.

917 Marcelo Tava tomano tijolada

918 Ricardo [Antes]

919 Hugo [Ladrão aqui] em cima aqui ladrão não existe ladrão

920 aqui em cima não não [meu fio]

921 Ricardo [Aqui] antes aqui professora cê

922 podia sair aqui antes podia [sair aqui]

923 Hugo [Sair de madrugada]
 924 Ricardo [Cê podia sair] três horas cê
 925 podia sair uma hora da manhã e chegar uma hora da
 926 manhã no outro dia meu filho que num tinha sumido UM
 927 prego, num tinha um broto de terra do seu terreiro.
 928 Agora vai ver agora ele foi preso lá ó (.) agora vai
 929 lá vê cê sai cê fica meia hora.
 930 ((confusão - todos falam ao mesmo tempo))
 931 Ricardo Com cê dentro de casa aqui em cima aqui agora com cê
 932 dentro de casa se ocê der mole eles pula den da sua
 933 casa e te róba lá dentro uai.
 934 Hugo Eles num tá nem aí procê não.
 935 Érica Tá. Aí::: mas aí deixa eu só voltar aqui que ocês
 936 tinham falado uma coisa interessante que tem gente que
 937 fica é::: dia inteiro no escritório e tal e ganha 5,
 938 10 mil. Mas aí vão pensar agora por outro la:::do mas
 939 sem confusão vão falar um por vez tá:::? Vamos supor
 940 †muita gente que tá ali ganhando 10 mil estudou pra
 941 caramba [XXXX]
 942 Hugo [Ele tá querendo falá ó]
 943 Érica Ahnh
 944 Marcelo E as condição de antes?
 945 Érica Ahnh
 946 Marcelo Tem gente antiga aí que num teve condição de estudar.
 947 Érica anhn
 948 Marcelo E eles teve uai, quem tinha mais [dinhe:::iro.]
 949 Hugo [O pai deles]
 950 bancava tudo, faculdade
 951 Marcelo Agora não XXXX que antigamente tinha que trabalhar pra
 952 ajudar dendê ca:::sa XXXX.
 953 Érica Mas aí vão vão vão por outro lado agora. Vocês (.)
 954 estão tendo a oportunidade de estudar. O que que cês
 955 acham? Cês acham que vocês têm condição de sentar numa
 956 cadeira e ganhar 5 mil?
 957 Hugo Ah, eu acho que [cada um]
 958 Ricardo [cada um]
 959 Marcelo [Na cadeira não] professora mas não
 960 hhhh cê cê vê oportunidade melhor do que hoje em dia
 961 Érica Cê acha que vai ter salário [melhor]
 962 Ricardo [né não, professora]
 963 Érica Ahnh
 964 Ricardo Sabe por que que não tem?
 965 Érica Ahnh
 966 Ricardo Primeiro que o:::s, primeiro que o:::s jovens de
 967 periferia que nem nós que nem nós aqui assim ó (.) vai
 968 chegar †como é que vai pagar a faculdade professora?
 969 Hugo Vai falá é [vagabundo]
 970 Ricardo [num vai ter dinheiro de tráfico] num vai
 971 ter [dinheiro de de]
 972 Hugo [É igual] cê assiste Malhação essa nova minissérie
 973 que tá tendo aí XXXX?
 974 ((Confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
 975 Ricardo Os cara ganhou uma bolsa na escola os cara lá da
 976 periferia e os cara que tem dinheiro fica humilhano
 977 [eles XXX]
 978 Marcelo [só porque] mora na periferia, ganhou a bolsa, num tá
 979 pagano e tá sendo humilhado
 980 ((Confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
 981 Ricardo Eu prefiro eu sinceramente eu prefiro morrer burro
 982 professora do que ser pisado.
 983 Érica Mas você não vai morrer burro porque você é

984 inteligente.
 985 Hugo Com certeza.
 986 Érica Cê pode morrer sem estudo né:::?
 987 Ricardo Eu prefiro morrer sem estudo professora XXXXX NÃO eu
 988 vou numa faculdade dessas. Se um pisar ni mim
 989 professora (.) ↑a:::h eu acho que eu perco a cabeça lá
 990 dentro bobo.
 991 Érica Vem cá. Então vão por outro lado. Quem aqui pensa em
 992 fazer faculdade?
 993 Hugo Ah, eu num penso não.
 994 Marcelo Eu penso.
 995 Valéria Eu penso::: num vou dizer assiiim. Eu queria fazer
 996 administração. Ma:::s assi:::m eu achei que de certa
 997 forma aí depois quando eu fui olhar hhh eu acho que
 998 administração tá defasado. Aí e eu queria fazer uma
 999 coisa mais na área que a gente mexe com minério, eu
 1000 queria fazer alguma coisa pra eu poder mexer na área
 1001 porque eu não quero trabalhar mais com comércio. É
 1002 muito cansativo.
 1003 Érica Então você pode fazer uma mineração, curso técnico,
 1004 alguma coisa assim?
 1005 Valéria Isso.
 1006 Érica E uma faculdade.
 1007 Ricardo Eu tô pensano em fazer só o curso técnico mesmo
 1008 professora pra::: (.) tipo assim ↑ter uma estudo mais
 1009 avançado pra mim dirigir caminhão fora de estrada.
 1010 Érica Ma:::s cês acham que ninguém aqui teria condições de
 1011 pagar por exemplo ou passar numa federal por exemplo
 1012 ou pagar uma faculdade.
 1013 ((confusão. Muitos querem falar))
 1014 Hugo Ah, mas [quem vai]
 1015 Ricardo [Mas aqui em ((cidade pesquisada))]
 1016 Hugo [Não, peraí agora] peraí. Agora ocê chegou ao
 1017 ponto. Imagina agora e vai falar agora quem vai ser
 1018 esse doido pra chegar e dá uma bolsa hoje pá nós fazê
 1019 um curso hoje aí. Hoje ninguém tá fazendo isso mais
 1020 não meu fio.
 1021 Marcelo Ninguém olha aí pra gente
 1022 Érica Heim?
 1023 Marcelo XXX Cê vê aí buraco de rua, casa XXX.
 1024 Érica ↑Mas vão lá, agora eu quero saber outra coisa. Cês
 1025 acham que por mérito alguém aqui tem condições de
 1026 chegar na faculdade?
 1027 Hugo A::::::h
 1028 Érica Eu estude:::i, passei, entrei, não ganhei bolsa.
 1029 Hugo Não.
 1030 Érica Por que que cê acha que não?
 1031 Valéria Porque eu eu vou ter que batalhar muito quase que (.)
 1032 vô comer só arroz e feijão pra poder pagar porque:::
 1033 eu num acho que eu consigo passar numa federal não.
 1034 Hugo Acho que todo mundo que tá aqui
 1035 Érica Por quê? XXXX
 1036 Valéria Não, eu acho que não.
 1037 Érica Cê acha que a base daqui é ruim.
 1038 Valéria A base daqui é ruim.
 1039 Érica Ahnh. Agora a uma outra questão aqui que eu queria
 1040 discutir desde o começo que eu queria que a gente
 1041 falasse mais. É::: Eu queria que todo mundo desse a
 1042 opinião, fala:::sse. Olha só (.) vamos supor que vocês
 1043 tenham o diploma superior. Cês cheguem lá::: com se-
 1044 seus diploma e tudo aí cês vão agora com o diploma na

1045 mã::o partir pra pra procurar emprego. Cês acha que
1046 vocês, a sociedade vai aceitar vocês igual aceita os
1047 [os filhinho de papai]
1048 Hugo [Não]
1049 Érica [como vocês dizem?]
1050 Hugo Não. Num aceita não.
1051 Érica Por quê?
1052 Ricardo Num aceita não
1053 Érica Por que que vocês acham?
1054 Hugo Ah porque não. Meu tio fessora meu tio tem ↑um monte
1055 de curso, tem um monte de curso e foi pra fazer curso
1056 (.) ele pe ele veio pra mudá mudou aqui pa
1057 ((cidade))aqui chegou um um emprego melhor pra ele ele
1058 num conseguiu.
1059 Érica Mas por que?
1060 Hugo Porque não uai. Do que adiantou. ↑Ele teve os curso
1061 dele todo ó batalhou tentou ó mandou pra Vale num sei
1062 pá onde mais aí ninguém chamou ele uai.
1063 Érica Mas cê acha que num chamou por quê?
1064 Hugo Ah vou sabê? Por quê? Só dele ser ele veio de lo:::nge
1065 ele veio querer um uma coisa melhor aqui em Minas
1066 achando que XXX só porque ele veio de São Paulo? Acha
1067 que aquela favelinha que ele mora lá acha que ele é
1068 vagabundo? Basta meu fio.
1069 Ricardo Ô professora ↑ tipo assim
1070 Hugo Pobre não tem futuro não ↓véio @@@
1071 Érica A:::h (.) cê acha que pobre não tem futuro?
1072 Hugo Pobre não tem futuro nã::o ó
1073 Érica >Por que que não?<
1074 Hugo >Porque não uai< pobre num foi fei- o::w pobre foi
1075 feito pra virar pobre (mano) @@@ hhh ow é pra sofrer
1076 rapaz cê acha que a vida é [bela?]
1077 Ricardo [Se o camarada] ô
1078 [professora
1079 Hugo [A vida né bela não.]
1080 Ricardo Se o camarada quiser vencer na vida °professora° ↓ele
1081 vê::nce (.)↑ Ô fessora mas ele vai ter que tabaiá
1082 demais fessora não pra (.)↑ pra ele conseguir um
1083 serviço bom professora ele vai tá com setenta anos de
1084 idade ele vai tá per da morte [dele]
1085 Érica [Mas] por quê você acha
1086 [isso?]
1087 Ricardo [pra conseguir] um serviço bom ser considerado aí pela
1088 sociedade aí. (Pa:::i) já vai tá quase morto meu fio
1089 Érica Mas por que::: isso?
1090 Ricardo Ele já vai tá com quase 100 anos de idade e olhe lá
1091 ainda.
1092 Érica Mas porque cocê acha?
1093 Ricardo Ah fessora. Aqui é difícil boba é difícil que nem
1094 esses véio rico aí bate de carro os veio pobre vai de
1095 busão @@@@ XXX aí chega lá no banco aí::: pra quem
1096 cocê acha que o vigia vai ficá oiando (.) pro rico ou
1097 pro pobre (1,23)
1098 Hugo Pro pobre claro. Ele vai dá é proteção é pro rico pro
1099 pobre não.
1100 Ricardo Ele vai vê Ele vai ficá assim ó ele vai ficá com um
1101 oio no caixa e com o outro oio no ri- no pobre meu
1102 fio. O rico o rico pode o rico pode te o rico pode tá
1103 com adorno nas costas lá ó. Com emblema na testa assim
1104 Sou assaltante @@@@ que se ele tiver de carro se ele
1105 tiver de carro e de gravatinha meu fio ele ainda XXXX

1106 Marcelo Que nem outro dia. O policial hhhh pegou o menino da
1107 rua de trás de casa lá e falou assim. Aí ele tinha
1108 robado sabe? em Belo Horizonte (.) Aí que ele voltou
1109 aquele tal lá que mora per da pedra lá ((Marcelo
1110 aponta para um colega))
1111 João Tô ligado.
1112 Marcelo Aí perguntou lá. Aí perguntou o menino †nonde cê mora.
1113 No novo Mundo. Aí ele perguntou assim o cara mora no
1114 bairro né aí perguntou assim nonde que é isso. A o
1115 cara: favela aí pra cima.
1116 Érica Chamou aqui de favela
1117 ((Confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
1118 Érica As pessoas lá embaixo falam que aqui é favela?
1119 Valéria Falam que aqui é favela professora porque eles num tem
1120 †noção de favela.
1121 ((confusão - todos falam))
1122 Hugo Se ocê for oiá hoje aqui ó (.) o bairro que era mais
1123 tranquilo é o Mundo Novo. Passou de uns tempo aí ó (.)
1124 Mundo Novo virou um inferno. Prainha antes nossa
1125 senhora era o era o Prainha antigamente era o terror
1126 polícia entrava a galera fuzilava agora cabô isso.
1127 Hoje parecê que entra lá e tudo tá tranquilo mas vai
1128 no novo mundo tá pior que a Prainha pior que os
1129 [bairros todo.]
1130 Érica [mas por que que tá pior?]
1131 Hugo Ah vou sabê? Os traficante tudo tá tudo revoltado um
1132 com o outro professora. É tiro prum lado tiro [pro
1133 outro XXXX]
1134 Érica [Ah tá] a briga aqui é entre os traficantes.
1135 Hugo Entre os traficantes XXX é por causa de quê por causa
1136 de mulher é porque á catano a muié de um que o outro
1137 XXX te †matá::: XXX
1138 Ricardo Professora é esses trafican-é esses traficante eles
1139 qué::: eles qué sabê sabê de tudo fessora. É de tudo
1140 XXX com traficante com a polícia com mulher com todo
1141 meu fio.
1142 Hugo Já cansei de vê isso sô. Parceiro meu aí morreno aí sô
1143 (.) por causa de quê de talaricage, por causa por
1144 causa de droga.
1145 Érica O que que é talaricage?
1146 Hugo É cantá muié dos outro uai querer ficar com a muié do
1147 cara aê @@@@ o marido XXX vagabundo fala memo é
1148 talarico talarico talarico hoje tá lá XXX
1149 ((confusão - Muitos falam ao mesmo tempo))
1150 Valéria Tem lugar aqui no Novo mundo que a gente vai e a gente
1151 sente até vergonha de ser mulher a gente sente
1152 vergonha de verdade. Eu acho que pra mulher ser mulher
1153 ela não tem que tá mostrando >parte do corpo dela não<
1154 tipo assim eu não acho que o que é visto é desejado
1155 num é isso só que eu acho que a mulher tem que se
1156 prezar mais porque ela tem que se mostrar que ela é
1157 mulher ela é melhor por ela ser mulher. Ago:::ra essas
1158 meninas tão por fora.
1159 Érica ô gente †então voltando vão continuar aqui::: a questão
1160 do diploma(.) se vocês tiverem o diploma e quiserem
1161 trabalhar e ter o mes:::mo tratamento de uma pessoa lá
1162 do ce::ntro ou é:: †que que ocê acha Valéria?
1163 Valéria Eu acho que não tem °professora°
1164 Érica Por quê?
1165 Valéria Eu acho que assim é:: é um certo preconceito. É
1166 questão aqui do bairro é questão de às vezes não

1167 acreditar no nosso potencial ↓assim entendeu? Acha
1168 assim ah é negra assim de cor não num vai ser igual
1169 Hugo não é só o bairro não já sabe como que o bairro É °meu
1170 fio° aí mesmo que acabou tudo. Já sabe que o bairro
1171 aqui é perigo::so @@@
1172 Valéria Exatamente (.) porque lá embaixo muita gente num
1173 consegue emprego porque mora no Novo Mundo.
1174 Érica por quê?
1175 Valéria Porque muitas vezes eles falam que o povo do do Novo
1176 Mundo é povo ladrao (0.99) entendeu? Muitas das vezes
1177 [aqui]
1178 Hugo [barraqueiro]
1179 Valéria [Muitas das vezes vou ser sincera com você]
1180 Hugo [Barraqueiro]
1181 Valéria [Muitas vezes eu acho que assim]
1182 Marcelo [Como é que é?] ((pergunta a Hugo))
1183 Hugo Povo barraqueiro que gosta de confusão
1184 Valéria Eu vou ser sincera com você (.) a maioria das clientes
1185 que eu tenho igual hoje eu trabalho no bairro nesse
1186 (quesito) eu não tenho nada a reclamar são pessoas
1187 boas entendeu? São pessoas que muitas vezes compravam
1188 na minha mão tem pessoas do centro entendeu? Sai do
1189 centro compra aqui em cima na minha mão entendeu? E
1190 das vezes que e:::u eu vendi o que eu recebi foi mais
1191 de pobre que de rico que ô povo sem vergonha pra poder
1192 pagar @@@
1193 Ricardo Professora olha pra senhora ver o que aconteceu. Meu
1194 avô mora be:::m ali no Centro perto da delegacia
1195 (2,03) ô fessora XXX que meu avô é sem vergonha
1196 professora ele é safado. Eu falo meu avô nunca me deu
1197 nada não meu avô só soube chamar eu de (bandido) é sem
1198 vergonha. (.) Meu irmão foi passar uns tempo com ele
1199 lá professora (.) meu irmão com 13 anos conseguiu
1200 trabalho conseguiu tudo. ↑Eu fui caçar serviço na
1201 mesma loja onde é que ele tava ralano uê cê sabe o que
1202 que ele falou comigo? Que menor num pode trabalhar
1203 não. Ô mas eu xinguei demais. ↑Como é que num pode
1204 trabaia dona? Se meu irmão mais novo que eu trabaia
1205 aí. Ah é seu irmão? Agora então te dou serviço agora
1206 eu conheço. Não agora num quero serviço mais não.
1207 Muito obrigado.
1208 Érica Então cês acham que as pessoas discriminam vocês por
1209 vocês serem daqui? Cês acham que mesmo ↑mas vocês tem
1210 esperança de melhorar?
1211 Marcelo °Tenho.°
1212 Hugo Ah todo mundo tem melhorar todo mundo já melhorou
1213 entendeu? Esperança uma coisa melhor que a outra
1214 porque o dia de amanhã XXXX
1215 Marcelo Se for pra ficar discriminado por causa por causa da
1216 quebrada aqui eu vou ficar entendeu? Porque daqui eu
1217 não saio não.
1218 Érica Que? Cume que é?
1219 Marcelo Daqui eu não saio não.
1220 Érica Discriminado por causa da quebrada?
1221 Marcelo É.
1222 Érica Cê quer sair daqui? Quem quer sair daqui do bairro?
1223 Marcelo Eu não saio não.
1224 XXXXX ((Muitos falam ao mesmo tempo))
1225 Hugo Eu vou fazer 17 anos que eu já moro aqui no Novo Mundo
1226 já uai.
1227 Érica Anh. Mas cês querem sair daqui?

1228 Hugo Eu não uai
1229 XXXXX ((Muitos falam ao mesmo tempo))
1230 Valéria Sabe é igual se eu dia eu tiver né a oportunidade de
1231 ter minha casa própria >que eu moro com minha mãe< †se
1232 eu não tiver a oportunidade se for casar e pagar
1233 aluguel eu não pago aluguel em Novo Mundo entendeu eu
1234 acho muito mais muito mais difícil igual tudo cocê tem
1235 que fazer cê tem que tomar um ônibus entendeu fica
1236 ca:::ro. Então assim se fosse pra pagar aluguel eu não
1237 pagaria aluguel aqui agora se eu conseguir uma casa
1238 própria aqui eu moraria aqui.
1239 Ricardo Professora::: a minha vida toda foi nesse morro aqui
1240 professora tinha muita gente XXX tá nesse morro aqui
1241 tenho amigos, parente, irmão casado e tudo mora em
1242 cima desse morro aí ó no Novo Mundo professora.
1243 Hugo Por isso que tem aquele ditado a vida é bela entendeu
1244 mas com ela traz uma rosa e essa rosa traz vários
1245 espinhos.
1246 Érica Como é que é? Peraí. Fala devagarzinho.
1247 Hugo Anhn?
1248 Érica fala devagar
1249 Hugo @@@@ Por isso que tem aquele ditado entendeu? A vida é
1250 (.) aô a vida é bela entendeu? (.) mas com ela traz
1251 uma rosa e essa rosa traz vários espinhos e esses
1252 espinhos traz várias maldades entendeu? E hoje cê num
1253 pode acreditar ni ninguém hoje. hhhh Hoje cê pode
1254 falar que sua vida é bela que você tem amigo ou que
1255 ocê tem fulano ali. Hoje cê num pode falar isso não
1256 porque hoje cê pode tá de bobeira aqui ó aquela pessoa
1257 vai querer te matá ocê uê. Vai tocá na sua mão aqui
1258 mas mas mas †não é só na::: que que é meu amigo não
1259 meu fio. Por isso que eu falo igual eu tinha falado
1260 mais cedo XXX naquilo ali que cê vê quem é seu amigo e
1261 quem não é uai.
1262 Valéria E muitas das vezes a pessoa acordar muito tarde né?
1263 Hugo É uai.
1264 Ricardo Professora tipo assim tipo assim tem um ditado assim.
1265 Tinha três vacas no deserto (1,78) uma chamava chamava
1266 Nina Esperança e Paula. Qual foi a última que morreu?
1267 Valéria Esperança
1268 Ricardo A última que morre num é? É a última que morre. Tipo
1269 assim fessora a esperança continua ma:::s quanto mais
1270 Rodrigo @@@@
1271 Ricardo Tipo assim professora aqui em cima aqui cê num pode
1272 confiar num mosquito não meu fio.
1273 Hugo Hoje nesse Novo mundo hoje
1274 Ricardo †Aqui cê num pode confiar num mosquito não.
1275 XXXXX ((Muitos falam ao mesmo tempo))
1276 Hugo Ouve aí ó. Hoje o o que passa nessa ((cidade)) hoje é
1277 isso aí ó hoje é o que é o que você pensa que os outro
1278 aí ó é pensando assim †o cara qué te matá::: qué vê se
1279 ocê dá um tapa na cara de outro alguém aí XXXXX
1280 Ricardo Já aconteceu isso várias vezes. Muitas vezes comigo cê
1281 tá num bar chega alguém ali que cê nunca viu na sua
1282 vida e pergunta pergunta se ocê tem droga procê
1283 vender.
1284 Érica Já aconteceu isso com você?
1285 Hugo Já.
1286 Ricardo já.
1287 Marcelo Quando você menos assusta †se ocê que falá que te meu
1288 fio na mesma hora o cara ranca ranca um 38 XXXX com o

1289 revólver na cintura e já te imbica e já te leva XXXX
1290 que é XXXX de cadeia
1291 Ricardo cê num sabe. Ô professora cê num sabe quem que é cê
1292 num sabe quem que é ↑MORADOR e quem que é polícia aqui
1293 em cima mais não uai.
1294 ((confusão))
1295 Valéria Eu tava subindo XXX aí resolvemos vir a pé (.) tava eu
1296 e meu namorado aí a gente passou bem em frente o
1297 Benevides e de repente nós estávamos passando assim e
1298 tinha um um carro do tático móvel parado assim e um
1299 rapaz sentado. Aí ele falou assim ↑ô casal faz favor
1300 aí eu já fui com minha perna toda bamba porque XXXX
1301 hhhh aí eu peguei e vi assim e falei com meu namorado
1302 ele pegou abriu a mão e falou assim cê conhece isso
1303 aqui? Aí tinha uma maconha misturada com alguma coisa
1304 que num deve ser pura. Aí eu aí eu peguei e falei
1305 assim não. E meu namorado eu nunca vi aí né o que que
1306 acontece aí o ele pegou e falou assim: isso aqui ó
1307 isso aqui é o que entra denda sua casa e destrói a sua
1308 família. Eu encontrei isso com esse indivíduo aqui aí
1309 ele pediu a gente pra poder assinar a folha com se a
1310 gente negócio ↑se ocê não assinar cê tem que assinar
1311 (.) entendeu eu peguei assinei aí depois meu fio na
1312 hora passou a a a na hora que a gente tava chegando
1313 quase na saída ali passou o camburão meu fio com
1314 certeza o rapaz que tava ali mas deve ter apanhado até
1315 fica bobo XXX acho que foi com ele pro lado de Ouro
1316 Preto porque ele tem mais assim é mais distanciado eu
1317 creio que ele deve ter apanhado demais XXX.
1318 ((confusão. Muitos falam ao mesmo tempo))
1319 Hugo Vão fazer assim. ↑ vai °eu ele aqui ele e ele ali°
1320 >faz assim< ↑nós (.) quatro aqui pro centro hoje. vão
1321 descer pro jardim pá (.) vamo querer curtir (1.45) vai
1322 NÓ e aí faz assim (.) a polícia chegou °lá° ↑ desce eu
1323 ele aqui e ele aqui pá hhh chega lá e a polícia vê
1324 a::: gente lá ↓por que. ↑fala assim da onde que ocê é
1325 (.) do Novo Mundo. Ah mô fio. ↑falou que é Novo Mundo
1326 aqui ó ((faz sinal de couro com as mãos)) já qué batê@
1327 ô já qué esculachar sô polícia num vai querer esnober
1328 não °sô° eles já qué é batê mesmo
1329 Érica Mas só por que mora no Novo Mundo?
1330 Marcelo Ô meu fio (.) só porque a gente mora só por causa que
1331 uns sai do eixo entendeu? só por causa que uns sai do
1332 [eixo]
1333 João [<Novo Mundo é criticado>]
1334 Marcelo [>só por causa que uns sai do eixo<]
1335 Érica [Oi?] ((para João))
1336 João <Novo mundo é criticado>
1337 Marcelo Só por causa que um faz a::: os delito dele ali a
1338 gente sai julgado nisso aí ↓uai.
1339 Hugo A gente tá errado uê.
1340 Érica Mas aí é só porque cês são negros moram no Novo
1341 Mun:::do?
1342 Hugo É uai (.) só porque nós são pobre aê favelado meu fio
1343 pra eles é favelado ué (1.17)
1344 Hugo Pra eles nós são o que (0.76) ↓num são nada pra eles
1345 não.
1346 Marcelo E se eles quiser te prender XXX
1347 Érica XXXX Já aconteceu de taxi:::sta num querer trazer ocês
1348 no Novo Mundo?
1349 Hugo Já já

1350 XXXXX ((Muitos falam ao mesmo tempo))
1351 Hugo Eu meu fio. Cheguei num véio uma vez meu fio e falei
1352 senhor quanto cê leva pra levá lá no Novo Mundo lá. Ah
1353 ele: 15 20 reais eu falei nó eu falei vambora vão
1354 subir então. Ah ele (.) mas eu num vô lá não num vô lá
1355 não num vô lá não. Eu tive que o que eu tive que pegá
1356 outro taxi pra mim subir pro Novo Mundo porque ele num
1357 queria me levar porque eu falei que eu morava aqui em
1358 cima no Novo Mundo aqui no morro. †Aí o camarada é tão
1359 burro tava com medo de que medo que eu roubasse ele
1360 [entendeu?]
1361 Ricardo [Ô fessora]
1362 Hugo [que eu num ia] tá sozinho dentro do carro ia tá eu e
1363 mais uns 3 ou 4 no carro
1364 Ricardo Uma vez eu tava trabalhando lá embaixo eu tava
1365 trabalhando lá junto com meu tio (.) †lá na Prainha
1366 ele mora na Prainha †eu tava trabaiando junto com ele
1367 aí eu comecei a passar mal ele pegou e pagou um taxi
1368 pra me trazer né (.) O moço olhô pra minha cara assim
1369 XXX me buscou na hora que tava na metade do morro ele
1370 foi e oiô bem pra minha cara assi:::m (1,04) e parou o
1371 carro †e mandou eu descer uai. Ele falou assim eu num
1372 vou subir lá no alto não pó descer aqui.
1373 Érica Por que que ocê acha?=
1374 Ricardo [=Porque]
1375 Hugo [com medo] de robá ele com medo
1376 de robá ele
1377 Hugo Novo Mundo eu sei qual o taxista que eu ligo que eu
1378 falo pra ele me levá em casa ah não não tem disso. Ele
1379 falá eu vou te levá aí e ele falá ele falá que não vai
1380 me levá não meu fio. Agora tudo aqui eu já ligo pra
1381 (Fulano) aqui ó me busca em tal lugar aqui ó e me leva
1382 em casa.
1383 Érica E alguém aqui já foi rejeitado no emprego por morar
1384 aqui:::?
1385 Alguém já
1386 Alguém Eu não
1387 Érica Sofreu preconceito?
1388 Marcelo Só servente.
1389 Érica Oi?
1390 Marcelo A gente acha é só servente.
1391 Érica Mas cê já tentou outra coisa?
1392 Marcelo Já uai XXXXXX
1393 Marcelo E no curso lá eu fui no curso lá tinha um cara branco
1394 lá assim o cara chegou e disse ocê vai embora chegou
1395 pra mim ô cara cê vai embora XXX
1396 Muitos @@@@@@@@